

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA EDUCAÇÃO E LINGUAGENS

RENATA LOURENÇO DOS SANTOS

Significações do sertão em Caetité (BA)
veiculadas pelo jornal A Penna e pelo boletim O Candeeiro

VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA
2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA EDUCAÇÃO E LINGUAGENS

RENATA LOURENÇO DOS SANTOS

Significações do sertão em Caetité (BA)
veiculadas pelo jornal A Penna e pelo boletim O Candeeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marília Flores Seixas de Oliveira.

VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA
2017

S238s Santos, Renata Lourenço dos.
Significações do sertão em Caetité (BA) veiculadas pelo
jornal A Penna e pelo boletim O Candeeiro. / Renata Lourenço dos
Santos, 2017.
136f.
Orientador (a): Dra. Marília Flores Seixas de Oliveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do
Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras: cultura,
educação e linguagens - PPGCEL Vitória da Conquista, 2017.
Inclui referências.
1. Alto sertão da Bahia - Caetité. 2. Sertão - Lugar. 3. Sertão -
Representações. I. Oliveira, Marília Flores Seixas de. II. Universidade
Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós - Graduação em
Letras: cultura, educação e linguagens-PPGCEL. III. T.

CDD: 981.42

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção- CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

FOLHA DE APROVAÇÃO

RENATA LOURENÇO DOS SANTOS

Significações do sertão em Caetité (BA)
veiculadas pelo jornal A Penna
e pelo boletim O Candeeiro

Banca examinadora da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

Dissertação defendida e aprovada em 31 de março de 2017, pela banca:

Prof.^a. Dr.^a Marília Flores Seixas de Oliveira

Prof.^a. Dr.^a Geisa Flores Mendes

Prof.^o. Dr.^o Luis Otávio Magalhães

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, quem nos permitiu existir e nos ilumina, nos dá fé e nos enche de forças para continuar.

Agradeço a minha mãe, Valdelice, e meu pai, João, os primeiros que acreditaram em mim, que me cuidaram desde sempre e hoje me ajudam a cuidar do meu filho, com muito amor e paciência.

Agradeço a Professora e amiga Marília Flores, que confiou no meu projeto e me mostrou possibilidades mais adequadas a ele, sempre com atenção e responsabilidade.

Agradeço a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, ao Programa de Pós-Graduação de Letras: Cultura, Educação e Linguagens -PPGCEL, a CAPES e a FAPESB, por viabilizarem este estudo.

Por especial, agradeço a, Cauã Onilé, que me fez rever a vida sob a perspectiva do amor, do sorriso e do futuro. Por ele estou aqui.
Te amo.

RESUMO

O presente estudo - Significados do sertão em Caetité (BA) publicado pelo jornal A Penna e pelo boletim O Candeeiro - apresenta um sertão através de textos publicados em diferentes épocas, na região do Alto Sertão da Bahia. Definido aqui como um lugar, o sertão é móvel e cheio de interpretações, o que o torna rico e dialógico. Através da metodologia de análise de conteúdo, baseada na autora Laurence Bardin, foi possível obter e analisar os principais elementos simbólicos associados ao sertão e estabelecer categorias de análise que permitiram compreender as principais referências semânticas neles, como a observação de frequência e ausência de termos, riqueza de vocabulário, unidades de registro e unidades de contexto, e as categorias. A teoria da representação social de Moscovici revela o sertão através dos impressos, formas de significado e ressignificação deste lugar. Assim, existe um sertão que tem sido descrito e reescrito em sua posição social e política, sua relação consigo mesmo, bem como seus potenciais.

Palavras-chave: sertão; lugar; significações; análise de conteúdo; representações; Caetité.

ABSTRACT

The present study - Meanings of the sertão in Caetité (BA) published by the newspaper A Penna and the bulletin O Candeeiro - presents a sertão through of texts published in different periods, in the region the Alto Sertão da Bahia. Defined here as a place, the sertão is mobile and full of interpretations, which is rich and dialogical. Through the methodology of content analysis, based on the author Laurence Bardin, it was possible to obtain and analyze the main symbolic elements associated with the sertão and to establish categories of analysis that allowed understanding of the main semantic references in them, such as the observation of frequency and absence of terms, vocabulary richness, record units and context units, and categories. Moscovici's theory of social representation reveals the sertao through the printeds, ways of meaning and re-signification of this place. Thus there is a sertão that has been described and rewritten in its sociais and political position, its relation with itself, as well as its potentials.

Key-words: sertão; meanings; content analysis; representation; Caetité

LISTA DE QUADROS

Quadro	Título	Pg.
Quadro 1	Títulos dos textos selecionados para esta análise de conteúdo	42
Quadro 2	Lista dos títulos dos textos analisados do jornal A Penna	63
Quadro 3	Transcrição do Texto 1 do jornal A Penna	64
Quadro 4	Transcrição do Texto 2 do jornal A Penna	65
Quadro 5	Transcrição do Texto 3 do jornal A Penna	66
Quadro 6	Índices das Convenções dos textos A Penna com valores das ocorrências e vocábulos	67
Quadro 7	Lista de frequência das palavras mais usadas em cada texto A Penna	69
Quadro 8	Lista de frequência de palavras mais usadas nos três textos A Penna	71
Quadro 9	Unidades de contexto e de registro de não, no Texto 1, A Penna..	73
Quadro 10	Unidades de contexto e de registro de não, Texto 2, A Penna	74
Quadro 11	Unidades de contexto e de registro de não, Texto 3, A Penna	74
Quadro 12	Unidades de contexto e de registro de não, Texto 3, A Penna	75
Quadro 13	Unidades de contexto e de registro de nossa(s) e nosso(s) <i>corpus</i> A Penna	76
Quadro 14	Unidades de contexto e de registro de lavoura <i>corpus</i> A Penna	77
Quadro 15	Unidades de contexto e de registro de seca, <i>corpus</i> A Penna	78
Quadro 16	Unidades de contexto e de registro de sertão, <i>corpus</i> A Penna	80
Quadro 17	Lista de Categorias de análise e as referências em cada texto, <i>corpus</i> A Penna	82
Quadro 18	Lista dos títulos dos textos analisados no boletim O Candeeiro	87
Quadro 19	Transcrição do Texto 1 do boletim O Candeeiro	88
Quadro 20	Transcrição do Texto 2 do boletim O Candeeiro	89
Quadro 21	Transcrição do Texto 3 do boletim O Candeeiro	90
Quadro 22	Índices das Convenções dos textos O Candeeiro com valores das ocorrências e vocábulos	91
Quadro 23	Lista de frequência das palavras mais usadas em cada texto O Candeeiro	92
Quadro 24	Lista de frequência de palavras mais usadas nos três textos O Candeeiro	94
Quadro 25	Unidades de contexto e de registro de água, <i>corpus</i> O Candeeiro	95
Quadro 26	Unidades de contexto e de registro de família, <i>corpus</i> O Candeeiro	97
Quadro 27	Unidades de contexto e de registro de terra, <i>corpus</i> O Candeeiro	98
Quadro 28	Unidades de contexto e de registro de quintal, <i>corpus</i> O Candeeiro	99
Quadro 29	Unidades de contexto e de registro de cisterna, <i>corpus</i> O Candeeiro	100
Quadro 30	Lista de Categorias de análise e as referências em cada texto, <i>corpus</i> O Candeeiro	101
Quadro 31	Índices das Convenções com valores das ocorrências e vocábulos, <i>corpus</i> da pesquisa	105
Quadro 32	Lista de Frequência das palavras mais usadas no <i>corpus</i> da pesquisa	107

SUMÁRIO

Introdução.....	08
De quantas representações se faz um sertão.....	08
1 Sertão, que lugar é esse.....	15
1.1 Etimologia, sentidos e usos da palavra.....	15
1.2 Sertão lugar.....	18
1.3 Representações clássicas do sertão ou a invenção do Nordeste.....	20
1.4 Alto Sertão da Bahia.....	27
1.5 Caetité, a corte do sertão.....	28
1.6 Sertão um contexto.....	31
2 O sertão como representação.....	33
2.1 Linguagem, discurso e identidade.....	33
2.2 Representações sociais.....	36
2.3 O sertão como representação.....	39
3 Mídias sertanejas como fonte das representações.....	41
3.1 Escolha dos periódicos.....	41
3.2 João Gumes e a Tipographya Gumes.....	42
3.3 A Penna.....	48
3.4. Sertão: do combate à seca a convivência com o clima.....	51
3.5 Ações e Comunicação na ASA.....	52
3.6 O Candeeiro.....	55
4. Que traços contornam este sertão.....	59
4.1 Análise de conteúdo: histórico e definições.....	59
4.2 Aplicação da análise de conteúdo na pesquisa.....	61
4.3 Análises de conteúdo do jornal A Penna.....	63
4.3.1 Convenções estabelecidas para análise do A Penna.....	67
4.3.2 Frequências estabelecidas para análise do A Penna.....	68
4.3.3 Unidades de Registro estabelecidas para análise do A Penna.....	71
4.3.4 Categorias de análise para o jornal A Penna.....	81
4.4 Análises de conteúdo do boletim o Candeeiro.....	87
4.4.1 Convenções estabelecidas para análise do Candeeiro.....	91
4.4.2 Frequências estabelecidas para análise do Candeeiro.....	92
4.4.3 Unidades de Registro estabelecidas para análise do Candeeiro.....	95
4.4.4 Categorias de análise para o boletim Candeeiro.....	101
4.5 Cruzamento de dados e resultado das análises de conteúdo do A Penna e do Candeeiro	105
Conclusão	
Sertão de muitas representações.....	113
Referência.....	116
Glossário.....	126
Anexos.....	127

Introdução

De quantas representações se faz um sertão

Sertão é isso, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.
[...] O sertão é onde menos se espera.
(Guimarães Rosa, 1994)

Quando se coloca o sertão como objeto de estudo, os sentidos se voltam para os detalhes e olhares sobre o lugar, pontos de vista que revelam vários sertões num só e um sertão para cada um, com vários reconhecimentos ou identidades. Estudando alguns componentes linguísticos, percebe-se que são muitas as representações que permeiam este vasto sertão.

Aqui o sertão se tornou novamente objeto de análise, é um lugar conhecido e de referências, com distintas representações, que pode o reconhecer como seco e sem vida, abandonado pelos seus, ou pode ser um lugar de resistência e de convivência, produtivo.

Significações do sertão em Caetité (BA) veiculadas pelo jornal A Penna e pelo boletim O Candeeiro, é o resultado de um estudo que identificou algumas representações e significações do sertão de Caetité, por meio de publicações dos dois periódicos locais, um do início do século XX, produzido por João Gumes, e o outro do século XXI, produzido pela Articulação Semiárido Brasileiro, destacando as suas linguagens, suas características, os traços, e as imagens associadas ao sertão de Caetité e ao seu povo presentes nos textos.

O que se desejava era identificar e conhecer quais são os principais elementos associados à significação e possíveis representações do Alto Sertão Baiano, onde fica o município de Caetité, por meio da análise de textos dos dois impressos, produzidos com cerca de cem anos de diferença. Reflexões feitas a partir dos textos em questão, tanto sobre o conjunto de representações que se naturalizaram acerca do sertão, quanto sobre novos sentidos e ressignificações sobre o sertão, sobre sua gente e sua realidade.

As leituras ajudaram a conhecer e analisar os textos produzidos historicamente sobre o Alto Sertão da Bahia, primeiramente pelo jornal A Penna - pelo jornalista João Gumes - no início do século XX, por meio de levantamento de acervo no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC); a discutir as representações mais contemporâneas do Alto Sertão da Bahia, depreendidas das publicações do boletim O Candeeiro, considerando como tema central a produção agrícola sertaneja e seus quintais cultivados. Fez-se um levantamento e análise dos principais elementos simbólicos associados ao sertão presentes no *corpus*, estabelecendo Quadros de análise comparativa entre um e outro conjunto de textos, de forma a elucidar as

principais referências neles compreendidos.

Considera-se que as representações, os símbolos e as significações associadas ao sertão ajudam na percepção e construção de novas representações do sertanejo(a). Novas auto representações, novas noções que o litoral faz do sertão, como são reconhecidos e interpretados. A apropriação que os grupos fazem dos patrimônios é sociocultural e localmente diferenciada, dependendo da tecnologia usada na época, da cultura, das finalidades e, sobretudo, da política de acesso à terra e aos recursos naturais, suscetíveis a influências. No cenário da vida contemporânea se evidencia a necessidade de uma revisão nas relações com a natureza e a sociedade, percebe-se a importância da análise de representações, de simbologias, e de conhecimentos locais.

O sertão se caracteriza pela polissemia de características ambientais, econômicas e sociais, no entanto uma prática política local, baseadas no clientelismo e no poder, conseguiu durante muito tempo, manter no sertão espaços para re-atualização das formas de controle. Conduzindo uma tendência nas maneiras de produzir no sertão, replicando modelos centrados na grande propriedade, na monocultura e na desvalorização da mão-de-obra, em detrimento de alternativas mais equânimes e sustentáveis, equilibradas pelo amplo acesso à terra, por unidades produtivas menores e familiares, pela produção diversificada e, sobretudo, pelo desenvolvimento de alternativas de trabalho e de tecnologias mais sustentáveis. Mais ao final do século XX, novas organizações, sobretudo a partir da sociedade civil organizada, passaram a buscar alternativas socialmente mais justas, baseadas em articulações mais amplas com as comunidades locais, visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas, partindo, no caso do sertão, também do diálogo com o conhecimento popular acumulado localmente para se lidar com a terra, a água e o ambiente. Momento em que surge a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), uma entidade de entidades organizadas para propagar e realizar atividades de convívio com a seca em todo semiárido do Brasil.

O indivíduo se forma por meio de suas representações, das representações associadas a si próprio, à comunidade onde vive e aos lugares a ela associada. Neste sentido, fazer parte de uma comunidade é estar identitariamente a ela associado. No que se refere ao sertão, observou-se que as representações e as significações associadas a este ambiente, estando historicamente constituídas e fazendo parte do imaginário referente a esta localidade, sem dúvida interferem nas maneiras de percepção do lugar, dando sentido as representações. A representação é algo móvel, que para Moscovici (2009) está sempre em processo, é dinâmica e social, revelando o homem sobre um olhar coletivo e também um olhar individual.

As pessoas desenvolvem, para se comunicar, repertórios culturais em variadas

linguagens (e não apenas a verbal) e, assim, os processos de representação de um determinado lugar incluem, ao longo da história, formas de expressão em diversos códigos, desde textos escritos sobre o local (informativos, jornalísticos ou literários), até imagens (desenhos, fotografias, pinturas etc.) que constituem uma iconografia de referência. Sobre o sertão, muitos ícones formaram um amplo *corpus* de modelo, recorrentemente associado à seca, à fome, ao êxodo, é o lugar da escassez. São imagens emblemáticas do sertão, com seus retirantes, sua escassez de água, sua gente sofrida, seu gado morto e sua terra seca. Esta pesquisa compreendeu algumas representações sobre o Alto Sertão da Bahia, visando contrapô-las a outras representações mais contemporâneas que estão veiculadas nos boletins O Candeeiro, nos quais podem ser lidos textos que descrevem cenários com quintais produtivos que se constituem como uma nova referência, fruto da implementação de tecnologias que podem transformar a vivência no sertão.

As representações e as significações de um lugar servem de orientação emblemática para as pessoas que nele vivem, pois, apenas guiado por símbolos culturalmente definidos em sociedade é que o ser humano pode ter a direção para agir e viver, se reconhecendo como sujeito inserido no mundo.

Portanto, considerou-se fundamental a discussão teórica conceitual sobre o sertão e suas representações icônicas clássicas, que serviram de base para a compreensão das ressignificações acerca do sertão que forem apreendidas dos textos estudados. Mesmo de etimologia imprecisa, o termo sertão no Brasil, desde tempos remotos até os dias correntes, parece definir-se a partir de uma leitura que segmenta o espaço geográfico de forma a opor o litoral (e seus arredores conhecidos) a espaços adentrados mais desconhecidos: o sertão. Albuquerque Júnior (2011) associa ao sertão brasileiro, simbólica e ambientalmente, o Nordeste, área com suas peculiaridades sociais, culturais, produtivas, históricas e políticas, que compreende diversas porções de terra seca, cercadas por outras áreas de umidade que cobrem o restante do país. Albuquerque Júnior (2011, p. 83) considera o Nordeste como um território oportuno a partir de uma demanda de “combate à seca”, que acabou por gerar a indústria da seca, usada como barganha política entre os candidatos e representantes políticos da região. Aqui definiu-se o sertão como um ambiente dinâmico e de trocas, passando a ser considerado um lugar. Mendes (2007) afirma que são as experiências e as vivências entre as pessoas e entre o ambiente que significam o lugar, exatamente o que este estudo considera como sertão e as relações que o permeiam.

Pensar sobre o sertão é falar da “gente do sertão” e foi por meio das histórias dessa gente que o sertão passou a ser desenhado, pintado, descrito, narrado, cantado e constituído

simbolicamente, por meio de produções literárias, jornalísticas, pictóricas, fotográficas, cinematográficas ou expressas ainda em outras linguagens, constituindo um modelo canônico, mítico e imagético, a partir do qual certa representação de sertão se tornou recorrente.

Historicamente formatada e difundida, uma série de referências sobre o sertão vai se estabelecendo, conduzindo e, ao mesmo tempo, sendo conduzida por diversos discursos e textos em várias linguagens. Se a literatura e outras artes (pintura, cinema, teatro, música, fotografia...) exercem um papel de grande importância na construção destas referências imagéticas, outras instâncias, como a mídia jornalística e a televisão, também desempenham papel importante no processo de constituição de um universo representativo referente a este cenário/espço/lugar. No século XX, segundo Albuquerque Júnior (2011, p. 192), desde os romances de Jorge Amado e Graciliano Ramos (década de 1930) até a poesia de João Cabral, passando pelas pinturas de cunho social (dos anos 1940) e pelo Cinema Novo (anos 1950-60), o Nordeste é tomado como “ [...] exemplo privilegiado da miséria, da fome, do atraso, do subdesenvolvimento, da alienação do país”. Para este autor, até mesmo a produção artística mais “à esquerda”, do período, “ [...] termina por reforçar uma série de imagens e enunciados ligados à região que emergiram com o discurso da seca” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.192).

Berger (1991) afirma que a realidade da vida cotidiana é dada antes de cada um assumir seu papel na vida, sendo algo ordenado, previamente disposto em padrões que independem de quem os vivenciam. Neste ambiente nascem diariamente diversos sertanejos, que surgem numa lógica pré-estabelecida, que o fornecerá dados para objetivar sua realidade, podendo ou não reproduzir em si, para si e com o próximo, um estereótipo sobre ele mesmo, ainda que não se reconheça ali, como quando Berger afirma que a linguagem “usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que essas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim” (BERGER, 1985, p.38).

Com grande carga de sentidos históricos, geográficos, literários, sociológicos e antropológicos, o sertão destaca-se como um dos lugares mais lembrados do pensamento social, do imaginário nacional e, principalmente, do Nordeste, que se habituou a ser assim reconhecido (BARROSO, 1983). Manifestações culturais sertanejas são das mais importantes expressões regionalistas brasileiras, tendo a literatura, a música, e o teatro seu destaque, despertando crescente interesse de estudiosos de diversos campos do conhecimento. A historiografia dos sertões começou com o movimento das bandeiras, dos bandeirantes e

sertanistas no século XVIII, considerando o bandeirante paulista como um aventureiro das “entradas ao sertão” (NEVES, 2007, p.11-12).

O sertão faz parte da memória brasileira, ajudando na formação de uma identidade, tanto do brasileiro, quanto do próprio sertão, chegando a representações extremas de seus cotidianos. Renato Ortiz (2006) descreve duas memórias, uma coletiva, da ordem da vivência, e uma outra nacional, que se refere a história. Pensar o sertão como parte da construção da memória brasileira traz à tona elementos da identidade nacional, referenciados também pela discussão sobre identidade, discursos fundadores e sociedade autoritária (CHAUÍ, 2000). Para Ortiz (2006), a identidade nacional necessita de mediadores que irão descolar as manifestações culturais de sua esfera particular e as articularem a uma totalidade, para assim transcender.

A imagem efetiva que se formou, compreende o sertão misto, que vive com as ausências e as dificuldades, bem como a partir de articulações produtivas entre comunidades e agentes sociais voltados para a construção de sociedades mais autônomas. De fato, as características físicas do sertão, associadas a constante severidade do clima semiárido e refletidas na histórica política e social, conferem valor e significação simbólica sobre o lugar do sertão que acaba por limitar ou condenar diversas esferas sociais sertanejas, nos baixos ou nenhum investimentos financeiros para o desenvolvimento local, na ausência de políticas públicas consolidadas localmente, num abandono histórico dessas terras e de sua gente, escondidas no interior do país.

Passo fundamental de um projeto de pesquisa é a sua metodologia, os procedimentos, os métodos e as técnicas apropriadas que aproximam da conscientização de um problema, de ir em busca das respostas ou soluções para o mesmo. A pesquisa científica, e as metodologias escolhidas para lhe dar suporte, acabam se tornando atitudes “ [...] do ser humano diante do mundo que o cerca, do qual ele mesmo faz parte, para entendê-lo, reconstruí-lo e conseqüentemente torná-lo inteligível” (MAIA, 2008, p.08).

Desde o anteprojeto esta pesquisa já se afirmava como um estudo de cunho qualitativo por trabalhar com o universo dos significados possíveis para o sertão (GIL, 2010; 2011). Minayo (2001) caracteriza a pesquisa qualitativa como aquela que trabalha o espaço mais profundo das ações e das relações humanas, seus motivos, aspirações, as crenças, os valores e atitudes, os processos e os fenômenos que não podem ser reduzidos a dados matemáticos, objeto da pesquisa quantitativa. No entanto os dados da pesquisa qualitativa e da pesquisa quantitativa não se opõem, ao contrário, se complementam, “[...] pois, a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (MINAYO, 2001, p.22). Assim, ainda que o presente estudo siga na linha qualitativa, os dados quantitativos dos textos

analisados são também fontes de interpretações e de resultados importantes para a pesquisa, como por exemplo, o total de repetições de um termo ou a ausência deste no texto dão pistas para as novas possibilidades, como confirma Richardson, “[...] na análise da informação, as técnicas estatísticas podem contribuir para verificar informações e reinterpretar observações qualitativas permitindo conclusões menos objetivas” (RICHARDSON, 1985, p.89).

Por meio da leitura do texto de Capelle (2003) a análise de conteúdo foi pela primeira vez tratada como uma possibilidade real de metodologia, visto que, em se tratando de análise de textos, somente a análise de discurso havia sido estudada e sugerida. A partir da leitura de outros textos sobre análise de conteúdo e sua aplicação aos textos da pesquisa, foi ficando cada vez mais apropriada a ideia de significar o sertão por meio dessa metodologia, com os dois periódicos.

De início, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a literatura e o acervo específicos à proposta do projeto, com catalogação e fichamento do material, estabelecendo-se um *corpus* textual de referência. A partir da leitura sistematizada destes textos, procurou-se fazer um recorte classificatório dos conteúdos lidos, com seleção e/ou classificação de frases, palavras e trechos encontrados que se referiam ao sertão e a seus significados e simbologia. Assim foi possível organizar tais conteúdos a partir das estruturas semânticas (significantes) com que se filiam (BARDIN, 1979).

Na organização dos textos do jornal A Penna, considerando-se o seu teor histórico e às condições limitadas de conservação no Arquivo Público Municipal de Caetité, a metodologia de análise envolveu, necessariamente, a leitura dos textos que foram analisados, a sistematização das informações sobre cada um dos artigos selecionados (ano de publicação, data, tema em destaque etc.), bem como a transcrição dos originais para textos digitalizados, viabilizando a releitura e a reprodução de seus conteúdos). Neste sentido, esta etapa metodológica resultou numa contribuição ao arquivamento mais sistematizado dos textos do jornal A Penna, na perspectiva de ter colaborado com a perpetuação destes textos, já que eles se encontram em condições precárias de conservação, com problemas de deterioração avançada e com riscos de se perderem.

Por outro lado, procedeu-se a leitura e a análise dos boletins O Candeeiro, bem como de materiais impressos e entrevistas publicadas da Articulação, afinal O Candeeiro é vinculado à ASA. Tal etapa metodológica visou levantar informações sobre as produções agrícolas e os ambientes favoráveis para os bons resultados e o levantamento de questões referentes à produção do boletim O Candeeiro, com destaque para as edições produzidas sobre Caetité, a tiragem de cada boletim, a distribuição e a proposta política comunicativa destas publicações.

Dessa forma, esta dissertação foi finalizada e conta com quatro capítulos que descrevem as etapas para se chegar ao resultado final. No Capítulo 1- Sertão, que lugar é esse, se investigou a etimologia, o uso e sentidos do termo sertão, abordou-se as representações clássicas do sertão e descreveu-se o Alto Sertão da Bahia e Caetité. No Capítulo 2- O sertão como representação, apresenta o sertão que é resultado da linguagem, do discurso e das identidades, pontuando a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2009). O encontro com os jornais que foram analisados acontece no Capítulo 3, quando se conta a história de João Gumes e sua tipografia que publicaram o A Penna e a história da ASA, que vai produzir e distribuir O Candeeiro. Os resultados das análises dos textos estão no Capítulo 4, que descreve cada resultado por veículo em separado, para em seguida fazer o cruzamento dos dados e a apresentação de um resultado final.

A importância de se estudar tais representações pode ser percebida quando são projetadas as maneiras com que o sertanejo percebe o seu lugar: de êxodo e de sofrimento que fatalmente estaria fadado ao abandono, de um lugar possível de permanecer com dignidade, de um lugar qualquer, ou até de lugar nenhum. Destas novas significações outras certamente se apresentarão, fortalecendo a identidade sertaneja, considerando que o ser humano responde aos eventos do mundo por meio de uma teia indissociável pela qual se expressam e se articulam conhecimentos, crenças, imaginações, vivências, sentimentos e opiniões sobre o real.

Compreender os possíveis sentidos atribuídos ao sertão é uma tarefa complexa, sem dúvida, importante e de interesse tanto acadêmico quanto social, sobretudo quando se considera a centralidade dos símbolos para a vida humana. É grande o interesse acadêmico por esse lugar e por seus vários formatos ambientais, sociais, políticos, simbólicos e representativos, como também é vasta a produção literária, historiográfica, jornalística e artística sobre o sertão. Esta pesquisa associou-se, assim, a um acervo de textos de referência sobre o Alto Sertão, a estudos e pesquisas produzidas não apenas em instituições de pesquisa da Bahia, mas também a outros centros acadêmicos e científicos do país.

1 Sertão, que lugar é esse

1.1 Etimologia, sentidos e usos

Para tratar de significações do Alto Sertão da Bahia, esta pesquisa buscou entender a origem, sentidos e usos mais conhecidos do termo sertão. Antes, pode-se afirmar que no Brasil a palavra sertão assumiu contornos específicos de acordo com características físicas e climáticas, tornando-se uma palavra carregada de identidade nacional (NEVES, 2007).

Considerada como próprio sinônimo de conhecimento, a etimologia é uma ciência que desvenda os sentidos de um termo, a disciplina que estuda a história das palavras, que podem mudar de significado ao longo do tempo, da mesma forma que pode mudar os significantes. A consciência etimológica do ser humano é testemunhada, pelo menos, há vinte e cinco séculos, com estudos que vêm desde Heráclito de Éfeso (540-470 a.C.), passando por Platão (428-347 a.C.), e chegando em Isidorus Sevellanus (560-636), bispo de 600-636, que compôs a sua *Etymologiae*, de caráter enciclopédico, tida como primeira obra de referência sobre a etimologia, texto que traz uma posição favorável para a origem natural da linguagem, acreditando que nem todas as palavras teriam etimologia, pois algumas receberam os nomes não somente segundo a sua própria natureza, mas também segundo a vontade humana (VIARO, 2013).

Daí, que falar em origens de significados se torna um vasto e delicado campo de estudo, em que cada ser falante pode alterar sentidos, criar novos termos ou isolar outros tantos. Para Bakhtin (1997), todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da língua, variando assim o caráter e os modos dessa utilização, ou os seus sentidos, de constante alteração. Ferreira (2004) afirma que estabelecer etimologias chega a ser uma armadilha em que se pode cair com fascinação, e sobre a palavra sertão ela afirma ser tanto indefinido quanto ilimitado o seu conceito.

Para entender a apropriação e o uso semântico da palavra sertão em terras brasileiras, recorre-se a Barroso (1926), que, a partir de sugestões esparsas, opiniões correntes e alguns dicionários de língua portuguesa, começa por reconhecer a ligação do termo sertão à história do Brasil, sobretudo à história do Nordeste, e acredita que o segredo da origem de sertão está no Dicionário da Língua Bunda de Angola de Bernardo Maria de Carnecatim, publicado em Lisboa, no ano de 1804, em que aparece o vocábulo *muceltão*, corrompido para *celtão* e depois, *certão*, que em latim significa *locus mediterraneus*, ou *lugar entre terras*. Em

Portugal, o termo africano ganha outro sentido, assume o equivalente de *desertão*, o deserto grande, que se contrai e surge o *sertão*.

No texto "Sobre a origem de Sertão, Palavra Testemunho dos Descobrimentos", de Joseph Piel (1961), discute-se a origem da palavra e as dificuldades fonéticas que envolvem o trajeto até sua redução: *sertão*. Piel (1961), contrariando Barroso, que associa a palavra a uma redução de *desertão*, sugere que se considere *sertão* procedente de *sertanus*, derivado de *sertum*, particípio passado de *sero*, *serui*, *sere*, que se explica como "entrelaçar, entranhar", "o que está entrelaçado", numa referência a "vegetação contínua". Prossegue aprovando a contaminação semântica com *sertus*, inserido, metido dentro, e arremata sustentando que não é fácil determinar onde está o limite semântico do vocábulo, que pode trazer variações como: *sartão*, *sartam*, *sartaão*, *sertão* entre outras (PIEL, 1961).

Nessa mesma busca sobre a procedência de *sertão*, Vicentini (1998) se auxilia em Teles (1990), estudioso que acredita fazer parte do *sertão* "[...] a marca do colonizado e sua relação com o colonizador", assim o termo pode oferecer pistas para entender a história da colonização do Brasil. Teles (1990) defende que a palavra *De-Sertum*, supino¹ de *desere*, significa "o que sai da fileira", e passou à linguagem militar para indicar o que deserta, o que sai da ordem, o que desaparece, *desertanum* indicaria, portanto, o lugar desconhecido para onde ia o desertor, destacando a oposição lugar certo, lugar incerto, lugar desconhecido e, simbolicamente, impenetrável. Tal palavra pode ter sido contagiada pelo adjetivo *certum*, através da expressão *domicilium certum*, e da forma que tomou em português arcaico, *certão*, modificando sua significação de *desertanum* como "lugar incerto", *sertão*.

Sobre a dificuldade de se limitar o valor semântico de *sertão*, e observando a existência de uma variação de grafias da palavra (*certão*, *sertão*, *certaum*, *sertaum*), pode-se interessar por saber o que deve significar essas diferenças, mas, segundo Ferreira (2004), esta é uma questão ainda inconclusa, pois se sabe da enorme oscilação de escrita para um mesmo vocábulo, registrando-se inúmeras variantes gráficas dentro de uma mesma obra, de um capítulo, ou até mesmo em uma página.

O termo *sertão* não havia sido registrado antes do século XV e surgiu de forma ligeira, não estando presente em obras importantes impressas da época. Sendo usada na África e em Portugal, Piel (1961) indica a possibilidade de se pensar o termo como uma palavra estrangeira

¹ Forma nominal dos verbos latinos, que não passou para o português, de cujo radical se obtém o particípio passado e que, usada com o nome, designa o resultado da ação.

importada para satisfazer a necessidade de nomear um espaço condicionado pelas realidades físicas das terras recém descobertas, como o caso do Brasil.

De avivamento depois das expansões ultramarinas, sertão transforma-se em signo linguístico da expansão portuguesa, se torna uma expressão ampla e variada da realidade brasileira (FERREIRA, 2004).

O primeiro registro da palavra no Brasil foi na Carta de Achamento do Brasil, escrita por Pero Vaz Caminha em 1500, quando a palavra é mencionada duas vezes. Segundo Silveira (2014), na primeira aparição de sertão na carta, Caminha usa a palavra para denominar a terra na qual acaba de chegar, no sentido de oposição à Portugal, se aproximando do sentido de *locus mediterraneus* ou o *entre terras*: “Mas, segundo os arvoredos são mui muitos e grandes, e de infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves! ” (Caminha (1500), 2016, p.10). Além de ter um sentido de entre terras, tendo Portugal como referência, Silveira (2014) sustenta que, para Caminha, aquelas terras foram associadas à sertão provavelmente por não saber como chamar aquele novo território, com evidente fauna e flora abundantes e ainda selvagens pelo interior do continente. Caminha encerra a carta usando o sertão referente a um momento posterior, quando ele já entrou um pouco mais nas achadas terras, apresentando uma noção da dimensão do solo e destacando a oposição mar *versus* sertão, como pode-se notar no trecho, “Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa” (CAMINHA (1500), 2016, p.14) (RIBEIRO, 2014).

Sertão pode ser encontrado em sentido semelhante ao de um lugar (em terra) distante do mar, onde pressupostas aventuras acontecem, por exemplo, no Canto X dos Lusíadas (estrofe 134), referindo-se a “gente do sertão”: A gente do Sertão, que a terra anda / Um rio diz que tem miraculoso. Que, por onde ele só, sem outro, vai / Converte em pedra o pau que nele cai (CAMÕES (1572), 2015 estrofe 134).

Segundo Marchezan (2006), a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (em seu volume XXVIII) apresenta, no início do século XX, de maneira similar à usada por Camões séculos antes, a seguinte definição para a palavra sertão: “terra ou povoado afastado do litoral”. Lévi-Strauss, em seu livro Tristes Trópicos, de 1957 apresentou um sertão selvagem por oposição às terras habitadas e cultivadas:

É verdade que também traduzo sertão por selva: o termo mato tem uma conotação muito diferente. Mato refere-se a um caráter objetivo da paisagem: a selva, no seu contraste com a floresta; enquanto que sertão refere-se a um aspecto subjetivo (STRAUSS, 1957, p. 166).

Seja qual for a etimologia da palavra, o seu uso, desde tempos remotos até os dias correntes, parece definir-se a partir de uma leitura que segmenta o espaço geográfico de forma a opor o litoral (e seus arredores conhecidos) a espaços adentrados mais desconhecidos: o sertão. Tomando-se, contemporaneamente, os sentidos atribuídos pelo dicionário Aurélio ao vocábulo “sertão”, são encontrados dois significados, ambos com sentidos semelhantes àqueles anteriormente comentados: 1 - Lugar inculto, afastado de povoações. 2 - Floresta no interior de um continente, longe da costa (FERREIRA, 1999). A oposição ao litoral estabelece-se, assim, como característica básica associada ao sertão.

No Brasil, a palavra sertão estabelece um lugar recuado da linha litorânea, um espaço adentrado e longínquo, uma área indefinida e vaga, de povoação esparsa ou despovoada qualquer que fica no interior. E é somente a partir deste sentido primeiro que outros campos semânticos vão a este se somando, formando diferentes sertões, como o de um lugar semiárido, agreste, seco, com longos períodos de estiagem.

1.2 Sertão lugar

Já tendo percebido um sertão histórico, fundado por relações de poder e domínio, diga-se o bandeirante, o colonizador, ou o coronel, o sertão alcança definições para além dessas marcas. São lugares diferentes que se afirmam sertão, com suas especificidades e peculiaridades, como afirma Mendes (2007 p.40) é um território “composto por diferentes lugares que se identificam e são identificados de maneira diversa com a noção de sertão”.

A geografia social entende que definir um espaço é primordial para entendê-lo e estudá-lo, aproximar de suas relações e da constante produção de representação. O estudo da geografia e sua teoria sobre o espaço é fundamental na colocação de termos definidores de sentido e de contexto para as representações sociais. No entanto, definir o sertão na geografia não é tarefa fácil, para Moraes (2003, p.2), ele não é uma obra da natureza, muito menos é produto de intervenção humana, não se define materialmente e ainda completa: “Descrever os sertões tem sido uma das metas mais praticadas pelo labor geográfico no Brasil, aparecendo mesmo como um elemento forte de legitimação desse campo disciplinar em diferentes conjunturas históricas do país”.

Neste caso, para entender o sertão, pode-se começar entendendo que ele é algo que tanto é um produto da transformação, quanto pode ser um processo de transformação, um lugar de trocas de experiências, linguagem e geografia, como expressa Mendes (2009),

Os sentidos de sertão são, portanto, o confronto de experiências sociais as mais diversas e quase sempre conflitantes e imprecisas, cujos significados só podem ser compreendidos na perspectiva de uma intersecção entre o objetivo e o subjetivo. Esta compreensão requer o entendimento de que os sentidos estão sempre em curso, abertos constantemente para diversas (re)significações (MENDES, 2009, p.73).

Pode ser compreendido, então, como um ambiente dinâmico e cheio de trocas, que resulta das relações sociais humanas, cheias de significado e sentido. Moraes (2003) chega a afirmar que o sertão nem deve ser um lugar, mas sim uma mesma condição referente a diferentes lugares, não podendo defini-lo na superfície terrestre. Ainda um sertão sem definição por meio da seguinte declaração de Riobaldo, personagem central de João Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas* (1994): “Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei” (ROSA, 1994, p.134).

Para Mendes (2007) pode-se tratar o sertão como um território e também um lugar, como se afirma no seguinte trecho,

O sertão é, assim, lugar e território. Os seus sentidos não se enquadram em singularidades, antes são transpassados por uma multiplicidade de representações que por sua vez vão gerar uma pluralidade de olhares. A identidade cultural dá sentido ao território. A vivência e experiência produzem um sentido do lugar. Partindo desta compreensão é inevitável a conclusão de que muitos laços de identidade se manifestam na convivência com o lugar, com o território (MENDES, 2007, p.45).

Ao constituir-se pelas vivências, o sertão passa a ser um lugar, com uma dinâmica própria e única: para Mendes (2009), as experiências dão significado e sentido ao lugar. Ao escrever sobre o lugar e a construção da identidade, Leite (2012, p.26) apresenta dois tipos de lugar, um com base no materialismo histórico, que vai se relacionar diretamente como o espaço geográfico mundial, misturando uma vivência global com uma vivência individual: “Isso porque o lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. ” O outro lugar é o fenomenológico, que passa de somente espacial para um espaço modificado pela experiência vivida, quando o lugar deixa de ter uma conotação espacial e agrega para si a experiência vivida, isto é, dos sujeitos como forma de configuração da realidade: “O lugar é, então, um espaço fechado e humanizado; é uma classe especial de objeto; é uma concreção de valor; é um objeto no qual se pode morar” (LEITE, 2012, p.28 e 29).

Mendes (2009) categoriza o sertão com base na vivência, quando ele é então considerado como lugar. Para este estudo, o sertão transforma e é transformado, portanto é um lugar em seu sentido fenomenológico. Segundo Tuan (1980, 1983), representante da geografia fenomenológica, o lugar é criado pelo homem e para o homem. São a experiência e a vivência que transformam os espaços em lugares, produzindo significados e identidades, sentimentos e conhecimentos específicos. Aqui, o sertão é considerado como um lugar cheio de vivências e trocas entre as pessoas e o meio ambiente (FERNANDES, 2013).

As representações presentes neste estudo são sobre o Alto Sertão da Bahia e sua associação com a categoria lugar, que não o limita só a um espaço geográfico, mas o compreende também como um lugar social.

1.3 Representações clássicas do sertão ou a invenção do Nordeste

Reiterando Camões, pensar sobre o sertão é falar da “gente do sertão”, e foi por meio das histórias da gente que vive neste lugar que o sertão passou a ser desenhado, pintado, descrito, narrado, cantado e constituído simbolicamente no Brasil, por meio de produções literárias, jornalísticas, pictóricas, fotográficas, cinematográficas ou expressas ainda em outras linguagens, constituindo um modelo canônico, mítico e imagético, a partir do qual certa representação de sertão se tornou recorrente.

Tomando como referência o próprio processo de colonização, são aos povos indígenas que se associam as primeiras pertinências sertanejas, bem como a truculência dos processos históricos de dominação: adentrando-se paulatinamente pelo interior, os conquistadores chegavam nos sertões, com constantes enfrentamentos com resistentes grupos indígenas. Talvez venha daí - da ideia do sertão como “terra de índio” - a manutenção recorrente da associação do povo sertanejo a uma submissão crítica aos ditames da natureza. Na lógica do colonizador, o sertão era um espaço vazio no imaginário da sociedade colonial, indomável e selvagem, terra dos índios bravos e do medo (NEVES, 2007).

De acordo com Marchezan (2006), desde o século XIX a gente sertaneja e suas histórias passam a ser evocadas e o sertão passa a ser tematizado, seja de maneira mais desfocada, como no livro “O Sertanejo” (1876), do romântico José de Alencar, ou no conto “Firmo, o Vaqueiro”, do livro “Sertão” (1896), de Coelho Neto, seja como foco central como no livro “Os Sertões” (1902), de Euclides da Cunha.

Aliás, é por intermédio de Euclides da Cunha (1902) que o sertão nordestino tem sua descrição física estabelecida como paisagem quase desértica e árida, uma paisagem natural agreste em que vive e resiste uma gente forte, como ele afirma:

Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizam-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, recrestado; ruge o Nordeste nos ermos; e, como um cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos [...] (CUNHA, 2002, p. 36).

Segundo autores, Euclides da Cunha chegou do Sul a pedido d'O Estado de São Paulo, em 1897, para fazer a cobertura jornalística do confronto, o estado de enfrentamento e resistência entre o povo de Canudos e os militares, com ideias pré-concebidas sobre local e confrontada com a realidade, como afirma Schafer (2001):

No livro, o autor recorre ao repertório intelectual e ideológico europeu para explicar a realidade daquela guerra, ao mesmo tempo que questiona a atuação da república e, por consequência, sua própria postura política. O conhecimento positivista da "ordem e progresso", vigente a partir do final do século XIX no Brasil, se mostrou, muitas vezes, impotente para explicar o fato, descortinado ante os olhos perplexos do autor. Como recurso, ele irá articular seus saberes no campo artístico (SCHAFER, 2001, p. 8).

Ainda que essa construção ideológica marque a gente do sertão como exclusivamente dependente dos fatores naturais, passiva frente às tragédias impostas pelas dificuldades ambientais, o próprio Cunha reconheceu a reação do povo sertanejo, que nunca esteve em “seus mapas”:

Reagiu. Era natural. O que surpreende é a surpresa originada por tal fato. Canudos era uma tapera miserável, fora dos nossos mapas, perdida no deserto, aparecendo, indecifrável, como uma página truncada e sem número das nossas tradições (CUNHA, 2002, p. 217).

Os Sertões de Cunha abrem os caminhos para se falar e se imaginar o sertão. É uma referência. A partir dele, foram se apresentando às cenas sertanejas diversos atores e personagens que traduziam uma tragédia da seca, do banditismo, do fanatismo e misticismo, da fome, das mulheres com potes de água na cabeça; fortes e famintos, resistentes e pobres, como os sertanejos são.

Em 1938, o alagoano Graciliano Ramos (1892 – 1953) lança o livro *Vidas Secas*, uma ficção que apresenta o sertão como um lugar sofrido, com pessoas cansadas e acostumadas com seus destinos,

Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer (RAMOS, 2003, p. 40).

Albuquerque Júnior (2011) fala que Ramos é um escritor que desenvolve sua linguagem como forma de suscitar dúvidas e não de impor conceitos, chamando a atenção para a influência das relações de poder e dominação, seja com a ironia, com o sarcasmo ou com o silêncio. Um romance reflexivo e político, que continuou associando a tradição de que o homem culto está no litoral ou na cidade e o homem sem muita inteligência ou informação está no interior, nos sertões adentro, “Para ele (Graciliano Ramos), o sertanejo continua sendo um homem sem voz” (ALBUQUERQUE, 2011, p.259). As estruturas dominantes definem o que se fala e quem fala, silenciando os possíveis dissidentes e Ramos percebe o sertanejo com alguém “[...] silenciado, sem linguagem, quase apenas grunhindo como animal [...] Este silêncio é visto por ele como uma imposição” (ALBUQUERQUE, 2011, p.257). Um trecho da descrição do personagem Fabiano mostra sua relação com a palavra, um pouco sobre o ouvir e o falar para ele,

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural [...]. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (RAMOS, 2003, p. 19 e 20).

Para Bosi (1994), a representação do sertanejo elaborada por Ramos é reflexiva politicamente, contestadora em sua linguagem, usa o conflito como signo dialético, “a matriz de cada obra é uma ruptura” (BOSI, 1994, p. 401 e 402). Marca conscientemente o homem animal, sobrevivente e dominado pela natureza. Um “romancista que soube exprimir, com maior agudeza, a dura realidade do homem nordestino sem se deixar encantar pelo pitoresco da região” (CEREJA, 1995).

Traduzindo os personagens literários no filme *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos (1928), encontra-se uma continuidade na imagem deixada por Ramos. Sendo uma adaptação do livro, o filme apresenta uma fotografia que exalta a dificuldade do sertão e de seu povo, quase sem trilha sonora, com poucos diálogos, um enquadramento limitado, que traduz a condição do homem sertanejo, também limitada (PEREIRA, 2010). A grande diferença entre livro e filme se percebe no que se refere ao tempo da narrativa, pois no livro é sem linearidade, cada capítulo é autônomo, enquanto que no filme Nelson Pereira usa uma cronologia exata, que se passa em dois anos, de 1940 a 1942, “O filme, ao conferir essa ordenação temporal aos fatos, segue uma linearidade que não existe na obra literária. Os fatos que aparecem esparsos nesta, no filme, são ordenados logicamente” (PEREIRA, 2010, p. 6).

Tendo o real como pano de fundo *Vidas Secas*, tanto no livro quanto no filme, provocou e provoca reflexões sobre as questões políticas e sociais que rondavam o interior do

Nordeste na década de 1930, além de problematizar a seca, o lugar e sua gente. As imagens sugeridas, primeiramente no livro e depois no filme, compõem com detalhes uma esfera mítica em torno da seca e, nestas construções simbólicas, reitera-se certo grau de fatalidade, ligada à ideia de que haveria uma submissão irremediável das pessoas às condições difíceis da natureza no semiárido.

Um contraponto às representações vitimadas do sertanejo são os textos de Guimarães Rosa (1908 - 1967), mais evidente no livro **Grande Sertão: Veredas**, escrito em 1956. Por meio do personagem Riobaldo, Rosa fala do “[...] comportamento da memória humana e sobre a utilização das características da memória no processo de construção de sua narrativa literária” (SALES, 2012, p. 5). Para compor o livro, Rosa viajou pelos sertões mineiros, conversou, ouviu e escreveu muito sobre os costumes e cotidianos sertanejos, anotando as memórias coletivas e transcrevendo-a em palavras (SALES, 2012). Ele fala de lembranças antigas, de lembranças recentes, fala que o esquecimento faz parte da memória, tudo misturado na mesma memória, “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam” (ROSA, 1994, p.132).

Na obra, o sertão é lembrança bem guardada, bem cuidada apesar do tempo, que assume um lugar especial. O cenário aparece como um ambiente ideal para o homem, pois é essa a lembrança que Riobaldo descreve, Rosa trata a natureza como parte da essência humana.

Numa linguagem original e de técnicas narrativas “que apontam uma mudança substancial na velha tradição regionalista” da literatura brasileira, Rosa vai compondo uma diferente representação do lugar e de sua gente, inserindo a memória, a beleza, a poesia, a força e a natureza no imaginário sobre o sertão (CEREJA, 1995, p. 418).

Em seus textos, pode-se perceber uma relação íntima de conhecimento e cuidado com o lugar de onde se fala, como numa descrição minuciosa e delicada sobre seu cotidiano, ou uma passagem que reconhece e valoriza um produto local e ainda na certeza da beleza e vida digna no sertão:

A gente se encostava no frio, escutava o orvalho, o mato cheio de cheiroso, estalinho de estrelas, o deduzir dos grilos e a cavalhada a peso. Dava o raiar, entreluz da aurora, quando o céu branquece. Ao o ar indo ficando cinzento, o formar daqueles cavaleiros, escorrido, se divisava (ROSA, 1994, p. 134)

Melhor, se arrepere: pois num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca doce pode de repente virar azangada - motivos não sei (ROSA, 1994, p. 27).

Mas, tem horas em que me pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de

sair nunca do sertão. Ali era bonito, sim senhor. Não se tinha perigos em vista, não se carecia de fazer nada (ROSA, 1994, p. 402).

Rosa reconhece o sertão como quente e difícil, com longos períodos de seca, ao mesmo tempo que ressignifica esse lugar, dando contornos de “Local/universal, regional/nacional, tempo/espaço, Guimarães Rosa encurta, quando não, suprime estas fronteiras ao longo de suas narrativas, reordenando representações cristalizadas do espaço historicamente construído como sertão” (DEMETRIO, 2012, p.32). Rosa valorizou a vida simples, e falou de um querer continuar na terra sem ter que fugir, como uma alternativa à fadada realidade de abandonar os campos, como descreve nesta passagem: “Mas, tem horas em que me pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de sair nunca do sertão. Ali era bonito, sim senhor. Não se tinha perigos em vista, não se carecia de fazer nada” (ROSA, 1994, p. 402).

As artes e produções literárias transformam suas imagens em representações do lugar “[...] e irá instituí-las como “imagens típicas da região”, exercendo enorme influência na produção posterior, seja no campo do cinema ou da televisão” (ALBUQUERQUE, 2011, p.165).

Sobre as produções que influenciaram nacionalmente e internacionalmente a formação de um imaginário sobre o sertão a partir do século XX, recorre-se ainda a Glauber Rocha (1939 - 1981), sobretudo em **Deus e o Diabo da Terra do Sol** (1964). Por ser este filme muito expressivo do sertão - composto por imagens repetidas como: a seca, o gado morto, os beatos seguidos de fiéis e fanáticos, o clamor pela chuva - ele se torna referência no assunto. Em seu manifesto **EZTETYKA DA FOME 65**, escrito após o lançamento do filme, ele faz mais que uma análise da situação cinematográfica brasileira, avançando para a indicação do sertão e da seca, elementos tão nacionais como fontes de histórias e cenários para o cinema brasileiro.

Mostrando o que considerava a parte mais “feia” do país, Rocha questionou uma política de esquecimento sobre o Nordeste e seu povo, como pode-se confirmar no trecho:

O cinema novo narrou, descreveu, poetizou, discursou, analisou, excitou os temas da fome: personagens comendo terra, personagens comendo raízes, personagens roubando para comer, personagens matando para comer, personagens sujas, feias, descarnadas, morando em casas sujas, feias, escuras; foi esta galeria de famintos que identificou o cinema novo com o miserabilismo tão condenado pelo Governo, pela crítica a serviço dos interesses antinacionais, pelos produtores e pelo público – este último não suportando as imagens da própria miséria (ROCHA, 1965).

Em Deus e o Diabo na Terra do Sol, a estética da seca e da fome são percebidas na forma direta do filme e sua fotografia, de cores estouradas, cenas na caatinga seca, mandacarus presentes, igrejas e devotos, cangaceiros e jagunços, o ocre do clima árido, marcando visualmente o sertão. Albuquerque Jr. (2011) afirma que os filmes de Rocha são atravessados por contradições quanto à imagem do povo, “por um lado, sua postura política o levava a esperar do povo a conquista do poder e a revolução, mas por outra sua visão pessoal era a de que “ o povo gostava de chefe” (ALBUQUERQUE, 2011, p.320).

Nos livros ou nos filmes, com uma postura clássica ou contestadora, foi a partir das peculiaridades que foram desenhadas as imagens do sertão, historicamente submetido a uma estrutura agrária de elite, das mulheres com muitos filhos, em casas isoladas, assoladas pelo clima severo e personagens como cangaceiros, vaqueiros, coronéis, jagunços, beatos, retirantes, romeiros, repentistas ou outras figuras dramáticas ou cômicas. Vão, assim, preenchendo o imaginário sobre o sertão.

Sentidos semânticos relacionados à história, à geografia, à sociedade, à cultura e à política vão se constituindo, como um repertório de simbologias que constroem identidades sobre o sertão, destacando manifestações culturais, jeitos de ser e de falar, expressões regionais e os próprios lugares como importantes expressões regionalistas brasileiras (NEVES, 2007).

Por outro lado, estabelece-se uma especificidade do relacionamento da gente sertaneja com o seu lugar: no centro de um vasto território agreste, vive um povo que, sendo resistente e - antes de tudo - forte (embrutecido pela vida difícil), resiste de uma maneira própria num meio ambiente peculiar, pela experiência acumulada na lida com as precariedades do sertão, numa vida incrustrada no meio rural, talhada pelas adaptações às dificuldades, sem grandes contatos com o litoral.

E esta gente vai sendo representada simbolicamente em obras que vão alcançando níveis ímpares de possibilidade criativa, sofisticação e beleza, e a recriação do mundo do grande sertão com suas veredas se apresentam em ritmos próprios de linguagem. Uma série de referências sobre o sertão vai se estabelecendo, conduzindo e, ao mesmo tempo, sendo conduzida por diversos discursos e textos em várias linguagens. Se a literatura e outras artes (pintura, cinema, teatro, música, fotografia...) exercem um papel de grande importância na construção destas referências imagéticas, outras instâncias, como a mídia jornalística e a televisão também desempenham papel importante no processo de constituição de um universo representativo referente a este cenário/espaco/ lugar.

Os romances de Graciliano Ramos e Jorge Amado, da década de trinta, a poesia de João Cabral de Melo Neto, a pintura de caráter social, da década de quarenta, e o Cinema Novo, do final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta, tomarão o Nordeste como o exemplo privilegiado da miséria, da

fome, do atraso, do subdesenvolvimento, da alienação do país. Tomando acriticamente o recorte espacial Nordeste, esta produção artística “de esquerda” termina por reforçar uma série de imagens e enunciados ligados à região que emergiram com o discurso da seca, já no final do século passado (ALBUQUERQUE, 2011, p. 192).

Oposições de origem e de vivências permeiam então a percepção do sertão por aqueles que dele não fazem parte, seja discursos que o associam a seca, ou a religiosidade, o lugar esquecido, como os trechos demonstram.

Os ouvidos da civilização diante da expressão do sertão; a cultura na posição modesta de ouvinte ocupado em anotar. Tanto as situações quanto o foco de atração estão invertidos (revertem o sentido das representações construídas no processo histórico): é a cidade/moderno encantada com o sertão/atrasado (...) (RONCARI, 2006, p. 2).

Sobre a representação do sertão, retorna-se aos meios de comunicação social, que exibem os grandes centros como espaços modernos, de progresso, os que representam valores novos, onde se pratica a atividade política democraticamente, por meio do convencimento, do uso da razão, da liberdade de expressão e por opção, ao mesmo tempo, tratam com uma oposição dialética o sertão, visto como arcaico, lugar do clientelismo político, dos coronéis, como se o poder de um lugar não surgisse da ação política de outro, como se os dois, sertão e capital, não fossem partes do mesmo todo sociocultural e político-econômico. Sendo assim, tanto o sertão quanto os centros urbanizados configuram espaços simbólicos que explicam a duplicidade social brasileira, já apresentada pela história, pela literatura, ou pela música, usando a dialética do progresso e do atraso, do moderno e do arcaico (NEVES, 2007).

Albuquerque (2011) afirma que o Nordeste foi inventado de acordo com demandas políticas, sociais e de poder de um tempo, que toda essa representação imagética do sertanejo ajudou na construção de um sentido forçado para o lugar, afirmando que,

[...] o próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes [...] tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram o nordeste e estes nordestinos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 31).

As práticas regionalizantes, que resultam na formação imagética e cultural e de discursos sobre o sertão, acabam por ofuscar suas características naturais, políticas, econômicas, tornando-se uma regularidade de certos temas, imagens, falas que se repetem em diferentes contextos. Albuquerque Júnior (2011) confirma que há de se considerar as imagens e enunciados do passado, assim como os conceitos que o interpretam, para então problematizá-

los, torná-los visíveis e perturbadores e reconhecer que mais que as condições climáticas naturais irremediáveis.

1.4 Alto Sertão da Bahia

Popularizou-se o conceito de sertão para a grande área do interior do Brasil, uma categoria analítica de divisão espacial que se refere aos territórios interiores. Neves (2007) o divide em unidade administrativa interna (Sertão Nordestino, Sertão da Bahia), unidade de zoneamento (Alto Sertão da Bahia, Sertão de Canudos, Sertão de São Francisco) e ainda o sertão do bandeirante, que insere o interior de outros estados nacionais, fora do polígono das secas ou semiárido (NEVES, 2007).

Segundo Neves (2007), anterior à conquista do sertão, o Brasil era dividido em dois polos, o Sul, com uma vegetação de campos e clima ameno, rios perenes e navegáveis, e o Norte, que se distinguia pela vegetação de caatinga, em geral espinhenta, solo seco ou semiárido, com pouca chuva, rios intermitentes e cachoeiras. Após a ocupação do Recôncavo da Baía de Todos os Santos (Bahia), local que se estabeleceu como a sede do governo colonial, deu-se a conquista dos sertões do interior da Bahia, os sertões até o Rio São Francisco. A primeira expedição por esse sertão saiu de Ilhéus em 1555, e foi comandada por Francisco Bruza Espinosa, passando pelos rios Pardo, Verde Pequeno, Verde Grande até chegar no São Francisco, atravessando as caatingas. A conquista total demorou mais três séculos, quando os exploradores derrotaram os indígenas que viviam na terra, dominando por completo o território e os povos nativos (NEVES, 2007).

Ainda segundo o autor, no final do século XVII e início do XVIII, a mineração à beira do Rio das Velhas (1663), Rio Itapicuru (1702) e Rio de Contas (1719) abre os caminhos para o sertão da Bahia, estradas onde os tropeiros, vaqueiros e aventureiros da “corrida do ouro” usavam para cruzar o Estado, ligando o sertão ao litoral.

Caminhos do Alto Sertão da Bahia, por exemplo, serviram ao tráfico de ouro e diamante de Minas Gerais e Rio de Contas no século XVIII e da Chapada Diamantina, no XIX. Em Caetité, formaram-se fortunas, na fase final do Império e inicial da República, de difícil comprovação das origens e de impossível demonstração quantitativa, com o comércio de metais e pedras preciosas que o município não produzia (NEVES, 2007, p.21).

Neves (2012) afirma que sem contornos físicos, sociais e econômicos precisos, o Alto Sertão da Bahia abrange o território cercado pelos rios Verde Grande e São Francisco, onde se estende a Serra Geral, uma extensão da Cordilheira do Espinhaço, que vem de Minas Gerais, e se amplia nos subvales das Rãs, Santana, Santa Rita, Santo Onofre e Paramirim, da bacia franciscana e São João, do Antônio, Gavião e Brumado, todos afluentes do Rio de Contas, onde se projeta as maiores altitudes. O autor (2012) denomina o Alto Sertão da Bahia como o espaço construído historicamente pela população, consciente da identidade sócio ambiental, desenvolvida com vínculos de parentesco e de vizinhança, práticas comuns de lazer, religião, tradições, representação política.

Para Neves (2012), a característica básica do Alto Sertão no século XIX era a manutenção de escravos nos serviços domésticos de meios urbanos e rurais, prevalecendo esta sobre a mão de obra livre. A escravidão, a pecuária e a policultura articulavam o Alto Sertão, onde a propriedade fundiária se consolidou com latifúndios descontínuos, rodeados de minifúndios.

Em nenhuma das leituras o Alto Sertão se define em nomes ou números exatos de cidades que o compõe. Com a localização da geografia sugerida por Neves (2012), atualmente o Alto Sertão se encontra dentro de divisões político culturais definidas do Estado, os chamados Territórios de Identidade, que, segundo o site institucional da Secretaria de Planejamento da Bahia, foram criados para identificar prioridades temáticas definidas a partir da realidade local, possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões. Aqui, o Alto Sertão compreende Caetité, Bahia, seus distritos, zona rural e municípios vizinhos à cidade, que se encontram no território Sertão Produtivo.

1.5 Caetité, a corte do sertão

Caetité é uma cidade baiana distante 650 km da capital, localizada no Alto Sertão da Serra Geral, uma sequência da Serra do Espinhaço, vinda de Minas Gerais. Com mais de dois séculos de emancipação, Caetité, originalmente Vila Nova do Príncipe e Santana do Caytité, se destacou como o principal centro cultural do interior sertanejo da Bahia nos séculos XVIII e XIX. Pioneira na educação regional, teve a primeira Escola Normal do sertão baiano inaugurada em 1898, além de uma Escola Americana - vinculada à Igreja Presbiteriana Central Brazil Mission - implantada em 1910 e do Colégio Jesuíta São Luiz Gonzaga (PIRES, 2011).

Considerada por Teodoro Sampaio (1938) como “a corte do sertão”, descrita como uma sociedade culta, com hábitos destacados de urbanidade, Caetité chamava a atenção dos

viajantes que por ali passavam, pois era incomum, no interior do sertão, em pleno Brasil oitocentista, uma cidade comprometida com a educação formal, com elementos de sofisticação e riqueza, e que sabia receber bem os viajantes.

Como Sampaio, outros naturalistas e viajantes percorreram o sertão da Bahia relatando o que viam e ouviam, deixando pistas de como se comportava e como vivia o povo do interior. Spix e Martius (1818), que estiveram no entorno entre os anos de 1817 e 1820, passaram por Caetité em 1818, onde encontraram uma fazenda com grande número de escravos, mais de 160, na qual puderam comprar milho de boa qualidade, e ainda foram informados que em Caetité se cultivava algodão há mais de vinte anos, contribuindo para que a vila fosse um dos mais ricos empórios do sertão baiano. Um outro viajante que também pode comprovar a importância do algodão para a Vila Nova do Príncipe e Santana de Caetité foi Alcide D'Orbigny, que esteve pelo Brasil entre os anos de 1826 e 1834. D'Orbigny relatou o crescimento da vila por meio do plantio, bem como sua aproximação fronteiriça com Minas Gerais (PIRES, 2003; NEVES, 2007).

O crescimento do município se fez em torno de mananciais e do entroncamento que liga o sertão ao sul do Estado, bem como o interior à capital do estado, também pela proximidade da fronteira com o norte de Minas Gerais. Um sentido de sertão iniciado pelas estradas traçadas por várias tropas², homens e animais que se conectavam com o interior, levando e trazendo informações sociais, econômicas e culturais que influenciaram toda a história do sertão. Os tropeiros facilitavam as trocas com um Brasil da virada de século querendo se reconhecer e fortaleciam o traço da identidade e da memória sertaneja.

A relação constante de Caetité com as capitais (sobretudo de Minas Gerais e da Bahia) mostravam o poder econômico das famílias locais, que desfrutavam de viagens e trocas comerciais, desenvolvendo requintes como o gosto pelas artes, pela cultura e pela política. Aguiar (2010) destaca este fato, afirmando a existência de

(...) um grupo social que apreciava artigos finos e de luxo, que ansiava viver no sertão, aos moldes dos destacados centros urbanos e, sobretudo, que detinha recursos financeiros para custear a importação de certos gostos culturais [...] Mesmo morando no sertão, essa elite cultivava “finos gostos culturais”, voltava-se para a intelectualidade e envolvia-se com a política (AGUIAR, 2010, p.82).

Historicamente, a economia da cidade girava em torno da produção agrícola e

² Graças às tropas foi possível a existência e a sobrevivência das cidades e vilas do Alto Sertão, oxigenando através dos caminhos e estradas, as relações socioeconômicas do interior. Os tropeiros deram continuidade ao desbravamento das regiões afastadas do litoral, seguindo o caminho dos bandeirantes e sertanistas, primeiros desbravadores das terras do interior do Brasil. (PAES, 2011, p.).

pecuária, possibilitando um acúmulo de grandes fortunas, principalmente no início do século XIX, abastecendo tanto a Chapada Diamantina quanto outras cidades da Bahia e do Brasil. Esta riqueza se reverteu para a cidade, que logo se aparelhou com elementos da modernidade urbana, como o telégrafo (1896), a tipografia (1897), a água encanada (1919), a luz elétrica (1925), os Correios (1932) e o Banco do Brasil (1943) (PIRES, 2011).

Atualmente com 50.000 habitantes, Caetité tem uma economia baseada em comércios, pequenas empresas e fábricas, impulsionada pelo setor público. Grandes empreendimentos na área da geração de energia eólica, da exploração de ferro e de urânio, e na construção da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL), também movimentam a renda e os serviços da cidade.

Com seus mais de 200 anos, a cidade de Caetité tem muita história registrada em suas ruas, casas, prédios e também em sua gente, com importantes representantes políticos, artísticos e intelectuais (Cezar Zama, Aristides Spínola, Anísio Teixeira, Nestor Duarte Guimarães, Waldick Soriano, Prisco Viana), constituindo importante acervo de patrimônios materiais e imateriais. Há um importante conjunto arquitetônico na cidade, composto por casarões do século XIX, que ora serviram de residência de famílias abastadas, ora como sedes de instituições político-administrativas (PIRES, 2011; REIS, 2004; AGUIAR, 2011). Atualmente, muitas casas deste casario antigo estão a ruir por falta de cuidados específicos.

Segundo o Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia (SIPAC), Caetité possui treze bens imóveis e um núcleo histórico no conjunto arquitetônico tombado pelo Estado. Dentre estes bens estão a Casa de Anísio Teixeira, a Casa do Coronel Cazuzinha, a Casa de Câmara e Cadeia e um conjunto arquitetônico urbanístico composto por seis ruas e quatro praças da cidade. O IPAC/SIC reconhece que a salvaguarda e a preservação do patrimônio cultural caetiteense busca a manutenção de suas construções representativas com valores culturais, estético, arquitetônico, histórico, paisagístico e afetivo, constituindo neste lugar um contexto patrimonial de representações sertanejas. Estas casas tombadas serviram de residências para as famílias “importantes” do lugar, além de terem sido utilizadas para comércio, instituições e repartições, representando um ambiente sociocultural e econômico importante e de referência na formação da cultura e da identidade regional. A família do educador Anísio Teixeira, por exemplo, se destacava na cidade pelo poder e prestígio obtidos e a residência desta família atualmente abriga a Fundação Anísio Teixeira, que mantém em Caetité o museu Casa Anísio Teixeira (CAT) e uma biblioteca. Destacam-se ainda outras bibliotecas existentes em Caetité, a “Casa do Barão”, cujo acervo se encontra em processo de catalogação; a biblioteca do professor Alfredo José da Silva, além da de João Gumes, cujos

títulos remanescentes estão em posse da família. (AGUIAR, 2004).

Dentre as tradições culturais populares, destaca-se o desfile cívico do Dois de Julho, uma festa que acontece desde o século XIX com paradas para discursos, recitação de poesias e apresentações teatrais, as Folias de Reis, a Festa de Santana (padroeira da diocese), a Lavagem da Esquina do Padre, o Boi de Idalino e as Baianas, manifestações populares consolidadas pela população local como bens imateriais, incentivadas, muitas vezes, pelo poder municipal (NOGUEIRA, 2010). O município abriga comunidades quilombolas e manifestações de matriz africana, muitas já tituladas, mas muitas ainda sem nenhum tipo de incentivo ou proteção.

1.6 Sertão: um contexto

No final do século XX, mais precisamente nas décadas de 1980 e 1990, autores sociais pautaram o sertão pelo viés da convivência. Entidades da sociedade civil se uniram para estudar e interagir com o clima, já considerando-o como um item constante do sertão, sabem que é impossível modificá-lo, portanto é preciso informar e propagar as formas de conviver com ele e com suas características. Neste período, ações de destaque para a garantia de uma convivência com o ambiental, social e econômico, acontecem dois importantes eventos: a ocupação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em 1993, que teve como objetivo pautar a convivência com o sertão em contraposição à política governamental vigente na época; e o lançamento da Declaração do Semiárido Brasileiro, no ano de 1999, feito durante a 3ª Conferência das Partes da Convenção de Combate à Desertificação e à Seca (COP3) da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em Recife. A partir desses movimentos, firma-se uma filosofia e ações de combate à seca e são decretadas um conjunto de medidas políticas e de práticas de convívio com o sertão (ASA, 2015).

Reconheceu-se aqui, um processo de reapropriação do homem com a terra e com a seca, num esforço de convivência que precisa manter a terra produtiva e a água reservada. Pode indicar uma representação muito próxima da convivência equilibrada entre pessoas e natureza. Os signos aparecem e desaparecem dentro das estruturas e das relações sociais, as técnicas e as práticas de convivência com o semiárido podem revelar novos signos, realizando o sertão diverso, de tantas definições, aproximando-se de uma realidade já descrita por

Bakhtin, a de que “o signo é por natureza vivo e móvel, plurivalente”. (BAKHTIN, 2006, p.08).

2 O sertão como significação

2.1 Linguagem, discurso e identidade

Para a presente pesquisa foram escolhidos dois jornais impressos que noticiam o Alto Sertão, contribuindo para a manutenção de um discurso e de uma identidade sobre o lugar. Mas, de que forma as narrativas encontradas nos textos podem marcar um cenário, dar sentido ou ressignificá-lo?

A começar pela linguagem e sua importância num processo de comunicação e produção de sentidos, recorre-se a Bakhtin (2002), que traz uma teoria semiótica de ideologia que usa o dialogismo como centro da linguagem, afirmando que a natureza da língua não se encontra nos sistemas linguísticos, mas sim na intervenção social promovida pela interação verbal. Ele entende as relações e trocas sociais como organizadores da “atividade linguística, refutando a identidade do signo como mero sinal e desvinculado do ambiente histórico” (BAKHTIN, 2002, p.94).

Nessa abordagem, os discursos são parte de um todo dialógico, que se liga a outros discursos já realizados, o que é dito por alguém não é de todo original, criado no momento da fala ou da redação, mas faz conexões com outros discursos, falados ou escritos antes. A linguagem está em constante movimento e se auto alimenta, provendo discursos novos que se baseiam em discursos já feitos (BAKHTIN, 2002).

Dessa forma, fica forte a presença de uma dinâmica da linguagem quando se fala em sertão, falante e ouvinte interagem, resultando em mais de um sentido para o discurso, afinal “ [...] toda palavra contém duas faces. Isto é determinado pelo fato de que ela procede de alguém assim como é direcionada a alguém, é produto da interação entre falante e ouvinte” (BAKHTIN, 2002, p 113). As pessoas que vivem no sertão se relacionam com diversos tipos de conhecimento em toda sua vida, o conhecimento que eles recebem, transmitem e ressignificam é mediado pela linguagem.

Barthes (1998) diz que a linguagem faz parte da cultura, ambas são vivas como um organismo e uma apoia a outra, “para dizer-se homem, o homem precisa de uma linguagem, isto é, da própria cultura” (1998, p. 105). Então a linguagem articula um saber, um conhecimento que, segundo Pugliese (2010), é difundido e se renova a partir de processos comunicacionais, por meio da linguagem, numa compreensão do papel da linguagem no sistema de comunicação e de produção do conhecimento. Daí que o autor fala das mídias, de

como os meios de comunicação foram criados por meio dos processos sociais e da interação entre as pessoas e a linguagem, “[...] o estar junto passou a ser necessariamente midiaticizado pelas técnicas de comunicação” (PUGLIESE, 2010, p.4). Afirma ainda o formato de uma só voz para muitos ouvintes “De forma geral, temos nas mídias tradicionais como o livro, o jornal, a televisão e o rádio uma característica diferenciada [...] o caráter monológico cria e potencializa fluxos comunicacionais de sentido unilateral, ou seja, de autores para potenciais receptores” (PUGLIESE, 2010, p.4).

Os meios de comunicação se tornam parte da base de informação da sociedade, falam de poucos lugares para muitas pessoas, (re)produzem um discurso que Foucault (2005), afirmou ser sempre controlado e organizado para conter possíveis ameaças, uma ação contra o medo de que o caos tome conta do discurso, um controle que “tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2005. p. 9).

Então o poder e o controle permeiam a linguagem e o discurso, assim como a busca ou a omissão da verdade³ está ligada a estruturas de poder que a produzem e a apoiam (FOUCAULT, 2010). Em determinados contextos, a verdade noticiada reforça uma outra, determinada socialmente, “como consequência de regras institucionais, o que torna insuficiente a definição de que o jornalismo mantém conexão com uma verdade amparada em fatos, uma vez que os critérios e o tratamento dado aos eventos são também resultados circunstanciais, que envolvem jogo de poder” (COSTA, 2013, p. 27).

Para Foucault (2010), o discurso movimenta a verdade quando determina o que pode e o que não pode ser dito. Isso reforça que a mídia determina uma verdade quando pauta ou não um assunto, quando diz o que é verídico ou não, o que deve ser consumido e circulado, além da forma como fala a verdade, como percebe-se neste trecho:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2010, p. 12).

Tal controle e poder da mídia lhe permite processar e produzir discursos que vão articular, criar, remixar ou forjar identidades pautadas na repetição e na ausência de assuntos, ou no individualismo, valorizando somente a pessoa (GREGOLIN, 2007). O controle do

³ Define-se por verdade um “conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 2010, p. 14).

discurso é que forja as identidades, pois quem controla o que se fala e como se fala controla também o discurso que deve ser falado, como declara Gregolin,

Embora a mídia não possa determinar o quê pensar, ela é capaz de motivar sobre o quê pensar e falar, numa influência a médio e longo prazo, perdurando sua ação, o que vai caracterizar a hipótese de agendamento, ou agenda-setting, que acredita que os meios de comunicação pautam os temas (GREGOLIN, 2007, p.39).

Se há um controle sobre o que se fala, há algum controle sobre a produção de cultura, o que é reforçado por Barthes (1998), quando afirma que a cultura e a linguagem são complementares, as restrições de uma acabam por passar à outra. A cultura vai interferir também na identidade do indivíduo. Para Hall (2006), a identidade é formada a partir de vivências e trocas feitas por longos períodos de tempo e não deve ser tida como algo acabado, completo, mas como alguma coisa em constante processo. Do movimento da linguagem, que se organiza na comunicação e sofre um controle, movimenta-se a identidade, que está em formação, ou em “identificação”, como chama Hall (HALL, 2006, p.39).

O autor afirma que a identidade é formada e transformada no interior das representações, cada pessoa é mais que cidadã, ela representa uma “ideia de nação”, de identidade e cultura nacional, o que vai, em certa medida, homogeneizar os discursos, como afirma Hall, a “formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda nação, criou uma cultura homogênea” (HALL, 2006, p.49).

Após as considerações, percebe-se que a proposta teórico conceitual, discurso-identidade-representação, é consistente e legítima, com elementos que potencializam a análise do conteúdo, numa busca pela identidade, pelas representações e ressignificações do sertão.

2.2 Representações sociais

As representações estão sempre acompanhadas de um conjunto de referências, de crenças, de culturas, de comportamentos, de identidades e de valores que permitem que uma pessoa rememore algo ou alguém. A categoria representação é, portanto, móvel, está em processo, é do tipo dinâmica e social. Sua teoria quer informar os fenômenos do homem sobre um olhar coletivo, lembrando sempre da presença de cada individualidade. Como um corpo organizado de conhecimentos e de atividades relativas às relações sociais, que reagem em ações coletivas, na defesa do sentido de nação, como também em ações individuais, preservando sua essência. Nesta pesquisa, o conceito de representação é estabelecido a partir do pensamento de Moscovici (2009), que revisou a teoria de Durkheim, atualizando seus postulados, e definiu o termo como representação social.

A contribuição de Durkheim para a representação se inicia com os seus estudos sobre religião, desde 1886. De tradição judaica, ele seria rabino, como sucessor de seu pai, vivências que lhe deram uma intimidade com o tema, ministrando cursos, publicando resenhas e artigos. Por meio de seus estudos, Durkheim mostrou que o fenômeno religioso é o primeiro sistema de representação coletiva, quando a religião é vista de forma epistemológica. Para ele, a ciência é uma religião melhorada, lapidada, sem seus valores, suas influências, ou suas regras, “pode parecer que Durkheim oferece um caráter religioso à ciência, mas é justamente o contrário que faz: ele oferece um caráter científico (embora embrionário) ao pensamento religioso, tornando este um pensamento racional ” (VIANA, 2008, p.28).

Durkheim insere a religião no conhecimento científico, usando categorias fundamentais para seus estudos, como o senso comum e as representações. As representações coletivas para ele “são como os fatos sociais, livres das consciências individuais, as representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos a associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber” (DURKHEIM, 1996, p. XXIII).

No entanto, estudiosos da psicologia social começaram a ver as representações de Durkheim como “artifícios explanatórios, irreduzíveis a qualquer análise posterior” (MOSCOVICI, 2009, p.45), sem uma preocupação maior com sua dinâmica e com sua estrutura interna. Como foi o caso de Moscovici (2009), que, sobre o alicerce de Durkheim, define as representações como algo social, o tempo configura novos termos e agora, na

sociedade contemporânea, é preciso ser mais dinâmico, fazendo uso da representação social. Com base na psicologia social, Moscovici considera as representações sociais, antes tratadas por conceitos, como fenômenos.

Em **O Fenômeno das Representações Sociais: investigações em psicologia social**, Moscovici (2009) caracteriza o pensamento primitivo, a ciência e o senso comum, para reforçar que as representações são sistemas de valores, de ideias e de práticas. Para o autor, elas têm vida própria, se interagem e se refazem em novas representações. Moscovici destaca que Durkheim definia representação coletiva como parte de um sistema intelectual maior, que dava conta da ciência, do tempo, do espaço, da religião, envolvendo assuntos tão abertos quanto heterogêneos, um problema para o entendimento das representações, pois “querer compreender tudo, é perder tudo” (MOSCOVICI, 2009, p. 46).

Com isso, Moscovici qualifica a representação como uma maneira específica de conhecer e de comunicar o que já conhecemos, ela restaura “[...] a consciência coletiva e lhe dão forma, explicando os objetos e acontecimentos de tal modo que eles se tornam acessíveis a qualquer um e coincidem com nossos interesses imediatos” (MOSCOVICI, 2009, p. 52). É tornar familiar o não familiar, tornar o ambiente confortável, sociável, pensar na alteridade, como afirma Mendes,

É como membro de diversos grupos que os homens se representam e constroem representações de territórios, lugares, objetos, instituições ou fatos. Sob esta ótica, as representações não podem ser entendidas fora de uma dimensão de alteridade, de uma teia de relações entre os indivíduos na sociedade da qual fazem parte (MENDES, 2009, p.56).

Moscovici situa as representações sociais no universo consensual, em que o humano é a medida das relações e se encontra uma sociedade formada por pessoas iguais e livres. Um universo onde todos devem se sentir em casa, envolvendo a cumplicidade e a arte da conversação. As representações sociais ampliam o arcabouço de informações de cada pessoa, fortalecendo sua ação/reação no mundo, “através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado” (MOSCOVICI, 2009, p. 58).

Além de posicionar as representações no universo consensual, Moscovici apresenta dois mecanismos de criação e sustentação das representações, que são a ancoragem e a objetivação. A ancoragem seria como fixar as ideias inicialmente estranhas inserindo-as num “contexto familiar”, é basicamente classificar e nomear as coisas. A objetivação é transformar as ideias em quase realidade, deslocar uma ideia da mente para o mundo real, “transformar algo abstrato em algo quase concreto” (MOSCOVICI, 2009, p. 60 e 61).

Aproximando o conceito de representação social de Moscovici à metodologia de análise de conteúdo, no presente estudo seguiu-se unicamente o modo da ancoragem para encontrar e estudar as representações nos jornais A Penna e O Candeeiro. Segundo definição de Moscovici, a ancoragem é “um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias, e o compara com um paradigma de categorias que nós pensamos ser apropriadas”. Para aceitar algo/acontecimento/alguém estranho, as pessoas vão associá-los às coisas que já conhecem, as representações anteriores, tendendo a categorizar, a rotular, dar um nome mais parecido e conhecido para aquilo que se deparou, “mesmo que seja apenas para garantir um mínimo de coerência entre o desconhecido e o conhecido” (MOSCOVICI, 2009, p. 61).

Assim, por meio das análises de conteúdo e suas categorias de organização, ficou viável perceber a ancoragem do sertão estimulada pelos jornais. Moscovici explica que: “Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. ”. Exatamente o que faz a metodologia, cria categorias e organiza os nomes publicados, cruzando seus dados com os da representação social. A força dessa categorização está em se escolher um paradigma para o objeto novo e estabelecer com ele uma relação positiva ou negativa, associando tal objeto com aquele paradigma e se tornar igual aquele padrão associado (MOSCOVICI, 2009, p. 61).

Pela ancoragem das representações sociais foi possível analisar o sertão, suas possíveis modificações e particularizações, seja por meio das repetições ou das ausências. Quando se categoriza o sertão, existe um padrão que vai medir essa categoria, pois é no momento em que ocorrem as representações que se escolhe se são conformes ou se são divergentes às normas. A representação limita o que fica e o que não fica sobre o sertão. Para Moscovici (2009), o sem nome, sem categoria, incomoda, é necessário dar um nome para preencher a lacuna do anonimato, antes de se conhecer algo, procura-se reconhecer.

Outra contribuição para a categoria representações é de Roger Chartier (1991), que declarou “não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles” (CHARTIER, 1991, p. 177). Ele usou as representações para falar de comportamentos sociais, de como elas assumem uma importância pela sua influência direta na cultura, na identidade, em como cada pessoa se vê e como é vista, “estas representações são matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social” (CHARTIER, 1991, p.183).

Para demonstrar um lugar, buscar um sertão em representações e discursos, é necessária uma percepção mais detalhada das vivências, das trocas e da organização das informações presentes no *corpus* da pesquisa, que mostram as representações. Tais teorias

alicerçam o desenvolvimento do texto, principalmente a análise de conteúdo como metodologia para a análise dos discursos. A proposta é uma decomposição do discurso e identificação de unidades de análise, como unidades de contexto e unidades de registro, e categorias, das quais se pode ancorar um sentido, identificar, compreender e ressignificar valores que apresentam uma conexão direta com o sertão. Categorizar as representações, perceber que valores se somam a elas e que ressignificações se constituem.

2.3 O sertão como representação

Trazendo o sertão para dentro do contexto de representações e de acordo com os autores citados, pode-se dizer que as representações clássicas do sertão foram representações coletivas, definida por uma classe dominante, com recortes de conteúdo que os indivíduos deveriam seguir sem questionar, como definiu Durkheim (1978). As representações coletivas são estáticas, estanques, algo construído como uma representação política, de poder e domínio. Todas entidades produtoras de informação se baseiam nas representações estereotipadas definidas pelo poder e pela dominação, consumidas sem questionar pelos indivíduos, o que se aproxima com o que Albuquerque Júnior (2011) chamou de invenção do Nordeste.

No entanto, para além da produção clássica de informação sobre o sertão, existem meios que o mostram de forma diferente, outras representações que se pautam pela compreensão e comunicação entre os indivíduos, pela tentativa de deixar confortáveis as relações sociais, restaurando a consciência coletiva e lhes dando vida. Ou seja, as representações sociais sobre o sertão (no sentido de Moscovici) são exatamente o interesse desse estudo.

Tanto as representações coletivas quanto as sociais usam meios para se consolidar e os veículos de comunicação são um dos mais atuantes nessa tarefa. Para Morigi (2005), a mídia tem o poder de estabelecer e enquadrar conteúdos, ela produz sentidos para outros discursos socialmente produzidos. Assim como os meios de comunicação ajudam a sociedade e têm papel de transformação, seja debatendo problemas importantes ou exibindo cultura e arte, eles também cometem abusos em nome de um poder político e financeiro. Quando o jornalismo impresso usa símbolos que lembram a memória clássica do sertão, ele institui uma ideia pela repetição, e deslocamento de sentidos, quando se pode falar da produtividade da

terra, fala-se da seca, sempre dela. Concordando com Guareschi (2000), esta pesquisa declara a comunicação como o sistema essencial para as trocas simbólicas, para as vivências e as representações, cada vez mais presente na vida em sociedade, portanto, o que circula nas comunicações, ou o que se lê nos jornais, reflete o que forjam as representações sociais, ao tempo em que as influencia.

Os meios de comunicação, para Morigi (2005), não são, como preferem as teorias da comunicação, simples transmissores de notícias. Quem apresenta a informação está perto de toda produção, do uso e dos sentidos da palavra, da linguagem e de seu dinamismo, repleta de “sentido ideológico” como afirmou Bakhtin (2002, p.95).

Qual sertão os jornais A Penna e O Candeeiro forjam em suas representações? Quais as representações e ressignificações do sertão presentes nos jornais? Pelo que se viu nos textos, houve registro de valores e julgamentos de caráter empírico, de acordo com as vivências individuais e suas interações, por meio deles pode-se novamente falar sobre a língua e sua força social, o que trazem de pertinente na execução da representação e do estudo das palavras pela análise de conteúdo.

3 Mídias sertanejas como fontes de representação

3.1 Escolha dos periódicos

A escolha do *corpus* da pesquisa foi o primeiro passo para o desenvolvimento do projeto. Desde o início, o boletim O Candeeiro foi associado ao estudo por dois motivos, primeiro, ele dá conta exatamente da cidade estudada, Caetité, acolhendo histórias das comunidades rurais do entorno da cidade, mostrando realidades atuais do povo que mora, que vive, convive e produz no sertão. Depois pela sua linguagem simples e acessível, presente num texto objetivo, que destaca as características do lugar e das pessoas que vivem no lugar, mostra como a relação consciente entre essas pessoas e o meio ambiente é capaz de transformar a vida das famílias do semiárido. São textos cheios de palavras e imagens que acabam por representar o sertão da convivência.

No entanto buscou-se outro discurso para contrapor-se ao boletim O Candeeiro, optando-se pelo jornal A Penna, um texto também sobre Caetité e produzido em Caetité, que pudesse ampliar as possibilidades de debate e de análises.

Uma visita ao Arquivo Público Municipal, para conhecer melhor as fontes sobre a cidade e seus distritos, foi fundamental para reconhecer outro discurso local, o de João Gumes, que foi um grande escritor de sua época, tratando sempre de assuntos de relevância nacional e local, seja na literatura, em seus romances e novelas, ou em artigos críticos no jornal A Penna. O texto de João Gumes era a voz diferenciada de que a pesquisa precisava. Mas qual publicação de Gumes analisar? Sua vasta e rica obra não deixa dúvidas da qualidade de sua expressão e da importância dos temas tratados, daí a dificuldade em se escolher um meio para analisar. Como alternativas podemos citar o livro O Sampauleiro (1929), que descreve com maestria os percalços do homem sertanejo com a terra, com a falta de investimentos públicos e com o sonho do sucesso no sul, um texto que representa e identifica o Alto Sertão do século XIX e XX, ou o livro Os Analphabetos (1928), que mais uma vez situa o sertão numa rede de problemas políticos e climáticos, com destaque para a educação, ou para a falta dela, como uma das chaves para o progresso do lugar, e ainda o Pelo Sertão, texto publicado no jornal no período de 4 de julho de 1913 a 27 de março de 1914, que descreve os costumes da zona alto-sertaneja (REIS, 2004). Apesar das importantes obras literárias, optou-se por escolher um único objeto, o jornal A Penna, uma escolha de ordem prática e de diálogo com o outro objeto escolhido, O Candeeiro. Trata-se, assim, de dois meios de informação com um século de

diferença entre suas publicações, públicos completamente diferentes e muito conteúdo em comum, são dois jornais impressos que circularam/circulam pela comunidade e debateram/debatem assuntos de interesse do sertão.

Após as leituras iniciais, foram escolhidos 3 textos de cada jornal, totalizando 6 publicações a serem analisadas, como mostra o Quadro 1 a seguir:

Quadro 1- Títulos dos textos selecionados para esta análise de conteúdo

Jornal	Título	Data
A Penna	Êxodo	A no I, 09 de janeiro de 1912, número 2
	A Lavoura – seu estado actual	Ano II, 31 de janeiro de 1913, número 28
	Açudes - Trabalhos da comissão de obras contra as seccas	Ano II, 18 de julho de 1913, número 40
O Candeeiro	Não saio da minha roça não	Ano 7, nº 1982, novembro de 2014.
	Tanque de pedra e quintais mais produtivos	Ano 7, nº 1081, agosto de 2013.
	Riquezas de nossa Caatinga	Ano 7, nº 1080, agosto de 2013.

Fonte: Dados de Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

3.2 João Gumes e a Tipographya Gumes

Nesta pesquisa, antes de se abordar o jornal A Penna, que é objeto de estudo, optou-se por apresentar, inicialmente, a trajetória de seu idealizador e mantenedor, o escritor e jornalista João Gumes, letrado que se envolveu socialmente, culturalmente e politicamente com a cidade, trazendo para as páginas deste jornal uma destacada relação de atenção e de interesse com Caetitê, município localizado no Alto Sertão da Bahia. Considerou-se interessante conhecer sua história, influências e relações que mantinha com o mundo à sua volta, para, por meio de seus textos, principalmente do periódico A Penna, reconhecer as características que ele atribuía ao sertão, tentando identificar o sertão com o qual ele convivia e como se relacionava com tudo em volta dele. A contextualização e a vida de João Gumes são, assim, fundamentais para a composição do sertão que se quer analisar.

João Antônio dos Santos Gumes, filho de João Antônio dos Santos Gumes e de Anna Luísa da Veiga Neves, nasceu em Caetité no ano de 1858 e morreu aos 72 anos, em 1930, e teve a vida intelectual fortemente influenciada por seus pais.

Anna Luísa, sua mãe, nasceu em Caetité, no ano de 1831, e tinha família em São Félix do Paraguaçu, de onde viera seu pai, o avô de João Gumes. Considerada uma “mulher dotada de inteligência” e detentora de um “espírito ativo, vivacidade e extrema bondade” foi uma mulher letrada, que sabia inclusive francês, e que atuou como mestre-escola para meninas na escola particular de primeiras letras do seu marido. Anna Luísa gostava de música chegando a tocar instrumentos e soube estabelecer redes de sociabilidades tanto em torno da família, como nas atividades que desenvolvia (NOGUEIRA, 2010; REIS, 2010). A mãe de João Gumes foi um contraponto ao próprio olhar do filho, que frequentemente em seus escritos colocava a mulher numa posição limitada a papéis estritamente femininos em seus textos, reforçando uma condição de diferença sexual e remetendo as mulheres a um lugar social restrito ao lar e ao mundo privado. Nesta época, o envolvimento feminino nas ações políticas administrativas de Caetité era nenhum. Para algumas poucas mulheres letradas da cidade, era possível ensinar, e assim se destacar, como afirma Nogueira nesta passagem:

A educação, sim, era o espaço por excelência da participação da mulher na sociedade caetiteense e da consolidação da nacionalidade, missão favorecida pela presença da Escola Normal em Caetité. Ser professora primária, educadora das novas gerações, este era o destino traçado para algumas mulheres e das quais se exigia um comportamento exemplar (NOGUEIRA, 2010, p.77).

João Antônio Gumes, o pai, tinha suas origens em famílias portuguesas que vieram para as regiões de Minas, vindo posteriormente a se estabelecer em Caetité, dedicando-se a atividades no setor público, bem como ele mesmo, que desempenhou as funções de fiscal, de vereador da Vila do Distrito de Caetité, secretário da Câmara, trabalhou como agente dos Correios, e ainda exerceu a função de mestre-escola, mantendo sua escola particular no período entre 1853 a 1866. Para Joseni Pereira (2010), a família foi uma instância formadora e socializadora relevante no processo de participação de Gumes na cultura escrita, sendo possível perceber que seus progenitores e tios lhe legaram um importante capital cultural relacionado às tradições educacionais mais cultas.

O nome usado em todos seus escritos, João Gumes, traz uma história particular, pois tendo nascido no dia 10 de maio de 1858, ele foi registrado como João Marcelino dos Santos Gumes, uma homenagem a seu tio, irmão de sua mãe, mas logo ele próprio alterou seu nome para o mesmo de seu pai, João Antônio dos Santos Gumes. Com essa alteração, várias produções da fase adulta de João Gumes encontram-se com a presença do sobrenome Júnior, para distingui-lo do seu pai. Após a morte do pai, João Antônio dos Santos Gumes Júnior avisou ao público que, a partir de 15 de fevereiro de 1897, “assigna-se, ‘João Antônio dos Santos Gumes’, e adoptou a rubrica de, ‘João Gumes’ ” (GUMES, 1897). A prática de alterar nomes e grafias era então comum e anterior a João Gumes Júnior, e segundo Reis (2010), mais uma constatação de letramento das pessoas da época, a exemplo de João Antônio Gumes, o pai, que, com o objetivo de criar algo que o diferenciasse de um homônimo existente na cidade, recorreu à estratégia da escrita, alterando o nome de “Gomes” para “Gumes”, o que o tornaria bastante original e diferente, pois os descendentes de João Gumes passaram a ser identificados como os únicos detentores deste sobrenome na região (REIS, 2010).

Com forte influência de sua criação relacionada à igreja católica, João Gumes aprendeu desde menino o latim, bem como despertou seu gosto pela música, o que permitiu que tocasse diversos instrumentos musicais, com dedicação ao violoncelo. Uma parte de seu acervo, guardado no Arquivo Público Municipal de Caetité, guarda algumas partituras compostas por ele, com destaque para aquela que se refere à canção que compôs para homenagear o 1º governador eleito da Bahia, seu conterrâneo e amigo, Rodrigues Lima, e também a “Marcha para procissões”. Suas composições eram quase sempre para datas festivas da cidade. Era um garoto sabido que acabou, por curiosidade e dedicação, desenvolvendo várias funções e atividades profissionais ao longo da vida.

Começou cedo como escritor, aos dezesseis anos publicou seu primeiro texto dedicado “Aos protetores da liberdade”, dando aí indicações de uma posição em direção à defesa da abolição da escravatura, que se consolidou com a produção **A Abolição**, um drama que aproveitava a Lei Áurea para dar vitória a um ex escravo. Sua escrita e temas revelam a

tendência política de João Gumes, e como essa tendência se destacava àquela época. Assim nos resume a professora Maria Lúcia Porto:

Estes trabalhos e outras opiniões suas ao longo de outras produções, mostram a sua posição de engajamento na campanha abolicionista, mesmo numa época em que esse tipo de propaganda era comprometedora; daí devemos admitir que as suas ideias eram progressistas e avançadas nesses assuntos (NOGUEIRA, 2010, p.52).

Aos dezoito anos Gumes assumiu o posto de mestre-escola e, por indicação de seu tio Marcelino José das Neves, virou professor, sendo contratado pelo Capitão Bernardo Pereira Pinto para ensinar as primeiras letras aos seus filhos em sua fazenda Lagoa do Morro, para onde foi em março de 1876, tendo lá permanecido por 4 anos. Logo após foi convidado a continuar no ofício de professor noutra fazenda, desta vez a encargo do Dr. João José de Faria voltando, depois, para a fazenda Barriguda, no baixio de Monte Alto, onde permaneceu por mais 4 anos como professor. No histórico de João Gumes como mestre-escola, Reis (2010) destacou a atividade como algo de tradição familiar, afinal seu pai, sua mãe e seu tio exerceram a função, marcando não só a vida de Gumes, mas também sua obra literária. Gumes recorrentemente discorria sobre a importância da profissão naquelas épocas, suas relações de confiança e gratificações, entre o mestre-escola e as famílias com quem trabalhava, como neste trecho do livro *O Sampauleiro*, escrito em 1922, que Gumes retrata uma situação bem parecida com a sua,

Os meus discípulos de leitura muito aproveitavam nos seus estudos e eu ainda mais porque, ensinando, consegue-se aprender. Além d'isso eu ia pouco a pouco conquistando maior estima e consideração e adquirindo bens semoventes não só por compras de novilhas, potros e outros animaes, como por presentes d'essa natureza oferecidos, à porfia, pelos meninos e seus paes (GUMES, 1922, p.73-74).

Naqueles oito anos em que trabalhou como mestre-escola e viveu pelas zonas rurais dos distritos, João Gumes pôde também aperfeiçoar seu francês e desempenhar mais uma profissão, a de tradutor, ao trazer para o português o livro de Ferdinand Denis – *Le Brésil*. O manuscrito é considerado por Reis (2010) um trabalho manual bem-acabado, feito em folhas avulsas, pautadas e depois encadernado, contendo 544 páginas, com 72 ilustrações, em que o tradutor assinava como João Antônio dos Santos Gumes Júnior, e situava a produção do seu

trabalho em Lagoa do Morro, no dia 5 de abril de 1878. O período de convívio com as fazendas também foi inspirador para sua produção escrita, quando seu texto revelava uma dicotomia de um pensamento que opunha cidade e campo, um reflexo dos debates sobre o Brasil da época, seus atrasos rurais versus o “progresso das capitais”. Gumes trata dessa dualidade sem nunca deixar de pontuar a capacidade de superação e a inventividade do homem do campo, observando com atenção seus valores morais, “as raras virtudes”, “a opulência”, sua forma de trabalhar a terra, outras ações e comportamentos, apreendidos e descritos.

Como arquiteto, nunca se formou numa universidade, idealizou e executou o projeto arquitetônico do Mercado Público, local tradicional do comércio no século XIX, e do Teatro Centenário, em homenagem aos 100 anos de Independência da Bahia, prédios hoje demolidos. Dramaturgo, além de ter fundado uma sociedade dramática que incentivava o desenvolvimento das representações cênicas na cidade, compôs dramas e comédias que foram encenados nas festividades religiosas e cívicas caetiteenses, principalmente nas comemorações do 2 de julho (REIS, 2004; NOGUEIRA, 2010; PIRES, 2011).

O ofício a que primeiro e mais se aplicou foi o de escritor, culminando como editor de jornais. João Gumes publicou os romances *O Sampauleiro*, *Os Analphabetos*, *Pelo Sertão e Vida Campestre* e ainda estão inéditas as obras: *Seraphina*, *Abolição*, *Mourama* e *Sorte Grande*; publicou também comédias e crônicas. Todos seus originais estão disponíveis no Arquivo Público Municipal de Caetité. (REIS, 2004). Sua produção agrega ao valor literário uma importância histórica de ser o registro de um modo de pensar, viver e agir daquele momento vivido pelo autor, Reis (2004) verifica que seus textos revelam uma fase do sertão, seja na pele do sertanejo que se desloca do Nordeste para a região Sul e Sudeste do país em busca do Eldorado, ou na figura do homem da roça, analfabeto e grosseiro, que não tinha hábito de ler. Sua literatura pretende “representar, registrar, documentar, perpetuar e divulgar tudo o que, segundo seu ponto de vista, é característico de seu povo, de sua região” (REIS, 2004, pg. 21). Ideal afirmado por Gumes no prefácio do livro, *Os Analphabetos*:

Continuando o meu proposito de tornar conhecida esta região em tudo quanto concerne ao seu interesse e aproveitamento dos seus opulentos recursos, considereei que o melhor meio era escrever narrativas de factos verossimeis acompanhados de descrição do nosso territorio e costumes do

povo sertanejo. É o que fiz na "Vida Campestre", no "O Sampauleiro", no "Pelo Sertão" e n'este livro. O fim collimado creio ser justo; mas não sei si alcancei. Convenço-me, e ninguém poderá contestar-me, que o romance, a novella, ou qualquer trabalho d'este genero, é o que melhor propaganda faz (GUMES, 1928, Prefácio).

Uma das características de seus romances é a paixão pelo sudoeste da Bahia, afirmada desde muito jovem por João Gumes, que abraçou como uma de suas principais causas defender os direitos do homem nordestino, especialmente daqueles que habitavam o denominado Alto Sertão (REIS, 2004). Defendia os homens do campo esquecidos e explorados pelos engravatados da cidade grande, os escravos maltratados, e combatia o analfabetismo, a exemplo do texto **Os Analphabetos**, escrito em 1928, em que afirmava que aquele livro seria "[...] trabalho modesto que offereço ao publico como fraco subsidio á campanha que se levanta em todo o nosso paiz contra o analphabetismo vigente [...]" (GUMES, 1928, Prefácio).

O Jornal A Penna foi outro meio em que Gumes pôde explicitar sua visão sobre o meio e as condições de em que vivia, onde de novo defendeu seu lugar por meio da educação, da necessidade de mais investimentos públicos locais e do valor à terra e ao trabalho local, repudiando o êxodo.

Novamente recorre-se a Reis (2004) para ressaltar a importância de João Gumes e afirmar a riqueza de informações históricas acerca do sertão presente na produção de João Gumes, tornando praticamente inviável ao pesquisador realizar qualquer estudo sobre o Alto Sertão Baiano sem tomar a obra de Gumes como uma de suas fontes de pesquisa. Exemplos de textos que buscavam tais fontes são o **livro O crime na cor, escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1888)** da professora Maria de Fátima Novaes Pires (2003), que traz um ponto de vista histórico, e a dissertação de mestrado desenvolvida por Ely Souza Estrela (1999), na área de geografia, intitulada **Os Sampauleiros do Alto Sertão da Bahia: Cotidiano e Representações**, ambos tiveram como principais fontes, as obras publicadas de Gumes (REIS, 2004).

João Gumes foi um homem que pensou seu lugar para além do Alto Sertão e que conseguiu em seus textos, sua música, seus desenhos ou traduções, trazer e revelar um sertão

único, de crises, mas também de possibilidades, alguém que participou ativamente da vida pública e cultural da cidade, sendo, entre todas as coisas acima citadas, escrivão da Coletoria Geral, tesoureiro e secretário da Intendência, secretário da Câmara Municipal, e advogado provisionado.

A paixão de João Gumes pela leitura e pela escrita e o desejo pela extinção do analfabetismo no interior o levaram a publicar seu primeiro jornal, O Caetiteense, que circulou pela primeira vez no dia 25 de setembro de 1896, pioneiro a ser editado e impresso no sudoeste do Estado da Bahia. Por ter pouco recurso financeiro, foi preciso fazer alianças políticas e de amizades, investir num novo prelo e seguir para a implantação definitiva da imprensa no Alto Sertão, com a abertura da Typographia Gumes, que começou a operar neste mesmo ano de 1896.

Tal editora foi considerada por Reis (2004) como patrimônio da memória da imprensa baiana, já que toda publicação de relevo no sudoeste do estado, naquele período, passou por sua gráfica, bem como a própria história da imprensa em Caetité confunde-se com a de a Typographia Gumes. Durante o período de impressão do A Penna, a tipografia realizava a impressão de materiais diversos, como outros jornais, revistas, folhetins de instituições as mais diversificadas, entre outros materiais impressos, e chegou a editar mais de 10 periódicos por vez durante a década de 1910.

3.3 A Penna

No dia 05 de março de 1897 a gráfica de João Gumes faz circular pela primeira vez o jornal A Penna, publicação quinzenal que sobreviveu até 1947. Algumas dificuldades, como a perda do emprego público, problemas de saúde e questões financeiras fizeram com que o diretor interrompesse a circulação do jornal entre 1904 até dezembro de 1911, período em que ficou editando e publicando o folheto **O Lápis** (REIS, 2004).

Inicialmente, o jornal A Penna era uma folha de tamanho compacto medindo 22,5 cm por 16,5 cm, em que constavam apenas duas colunas com quatro páginas. O editorial

identifica-o como “Órgão dos interesses comerciais, agrícolas e civilizadores do alto sertão”, cujo proprietário-gerente era João Gumes. A partir de 05/06/1898, o jornal A Penna teve sua formatação alterada, ampliando-se suas dimensões, que passaram para 31,5 cm. X 20,5 cm, formato in-quarto, e passou a identificar-se como propriedade de uma associação que tinha como redatores Deoclecio Silva, professor de Desenho da Escola Normal, e João Gumes, e contava, ainda, com a colaboração do Marcelino José das Neves, seu tio e professor (REIS, 2004).

O número de páginas podia variar, principalmente em momentos festivos da cidade, como o 2 de julho, era possível que um número fosse lançado com até 12 páginas, aumentando bastante o padrão das 4 páginas. Trazia fatos de repercussão, que eram informados e discutidos de forma detalhada pelo periódico, artigos na primeira página, índices meteorológicos, sessões de humor “Na Bigorna”, “Intermezzo”, despedidas, achados e perdidos, serviços em praça oferecidos por viajantes formados, carta de viajantes, anúncios. Os artigos de primeira página eram críticas contundentes, que constituem uma fonte inesgotável de informações para pesquisas sobre os mais variados assuntos, como por exemplo: a seca e a emigração, a política e os rumos do progresso local, questões de economia local e regional, recursos naturais, astronomia, literatura, vida sertaneja (REIS, 2004).

Além de leitores avulsos, o jornal circulava mediante assinaturas, que abrangiam o Alto Sertão, à época formado por toda a Serra Geral e por partes das microrregiões econômicas Médio São Francisco, Chapada Diamantina e Sudoeste Paraguaçu. Tinha assinantes também nas capitais do Sudeste e do Nordeste, e na França, com a divulgação de notícias tanto de âmbito local, como regional, estadual, nacional e internacional.

A Penna se anunciava como um veículo de ação benéfica, a fim de fomentar questões políticas, intelectuais e culturais de Caetité, revelando seu caráter social da época, e histórico de agora. Para Nogueira (2010), assume uma defesa ao regime republicano, aos ideais abolicionistas, veicula notícias sobre o progresso em São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades. Foram longos anos de presença na sociedade sertaneja, de 1897 a 1947, com alguns períodos parado, e um alcance que abrangia várias cidades no entorno de Caetité. A sua escrita

atendia aos sentidos pragmáticos da vida social, sobretudo do interior, anunciando o seu potencial, desconhecido e abandonado. Para João Gumes, a escrita extrapolava sentidos restritos aos de guardião de uma memória de um tempo e de um lugar, mesmo que se preste a tais propósitos. A importância documental dos seus escritos reside, principalmente, no diálogo contínuo que manteve com os homens de seu tempo e com as urgências da vida social dos sertões baianos (PIRES, 2011).

O Arquivo Público Municipal de Caetité, a antiga Casa de Câmara e Cadeia, uma edificação do século XIX e restaurada pelo IPAC, abriga os acervos municipais desde o ano de 1996, incluindo grande parte da obra de João Gumes. Segundo o site do Arquivo, a consolidação do Arquivo Público e seu reconhecimento pela comunidade local são, certamente, um processo em construção (ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL, 2016). Após doação de parte de seu acervo particular para o Arquivo Público, feita por uma neta de João Gumes, Heloísa Gumes, acabou por incentivar um grande projeto de conservação da memória do A Penna. Em 08 de dezembro de 2003, aconteceu um dos eventos mais planejados desde a organização do Arquivo: o lançamento em mídia digitalizada (CD Rom) do jornal A Penna, valiosa fonte para a reconstituição da memória e história de um pedaço dos sertões da Bahia. A publicação, feita pela Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), através de projeto financiado pela UNEB, teve dois volumes de CD, para dar conta de todo jornal arquivado. Essa digitalização eliminou o manuseio do documento original (sob o risco de dano), preservou o suporte de informação original e ampliou o acesso às informações do jornal. No entanto, em visitas recentes ao Arquivo, ocorreram algumas dificuldades de acesso à digitalização dos números do jornal, pois a mídia começa a dar falhas de execução, só existe uma cópia em Caetité, limitando o acesso a um só visitante por vez, e correndo o risco da mídia parar de rodar, única fonte manipulável do A Penna.

3.4. Sertão: do combate à seca, para a convivência com o clima

A Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) surgiu num contexto de novos pensamentos sobre o sertão e seu clima. A ASA, atualmente, é uma rede de organizações formada por mais de 3000 entidades da sociedade civil organizada, de distintas naturezas como sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, ONG's, Oscip, igrejas e pastorais, entre outras. Em material de divulgação da Articulação trazem como missão “fortalecer a sociedade civil na construção de processos participativos para o desenvolvimento sustentável e a convivência com o Semiárido, referenciados em valores culturais e de justiça social” (ASA, 2013). Trabalham na promoção e na implementação de políticas públicas adequadas ao semiárido, defendendo seus povos e suas comunidades. As entidades que integram a ASA se organizam em fóruns e redes em 09 estados que compõem o Semiárido brasileiro (MG, BA, SE, AL, PE, PB, RN, CE, PI) e a ASA se destaca por sua atuação de forte inserção e pelos resultados positivos de sua metodologia de transformação social e com a agroecologia.

O plano de convivência com o semiárido desenvolvido pela ASA apresenta processos que usam as potencialidades do próprio meio ambiente, com tecnologias já conhecidas, adaptadas, inventadas pelos agricultores, complementando o trabalho cotidiano com a terra, que continua exigindo do trabalhador, mas com a ajuda de outras tecnologias. É elaborado a partir das especificidades geográficas sertanejas, tentando inverter da lógica social do trabalho, historicamente submetido a uma estrutura agrária de elite, e valorizar a força de sertanejos e sertanejas para se manterem no sertão.

A ampla participação das famílias e organizações de base nos processos de construção dos programas e uma administração no modelo de gestão compartilhada, consolidam uma relação de confiança e de responsabilidade mútua, o que, segundo a ASA, contribui para a sustentabilidade e a transparência no uso de recursos e execução das ações, dando mais credibilidade para toda Articulação.

3.5 Ações e Comunicação na ASA

Para fortalecer a sociedade civil na construção de processos participativos do desenvolvimento sustentável do Nordeste, a ASA teve como ponto de partida o Programa Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC), iniciado em 2003, que visa construir 1 milhão de cisternas podendo servir mais de 5 milhões de famílias. Em 2007, a Articulação lançou outro projeto, o Programa Uma terra Duas Águas (P1+2), que implementou tecnologias sociais para o armazenamento de água para produção de alimentos e criação de animais, e é atualmente o projeto mais importante da ASA.

Por estimular a prática dos processos participativos, de manejos sustentáveis e de soberania e segurança alimentar, o P1+2 envolve etapas de formação e de implementação, como a seleção e cadastramento, que registra as famílias participantes; as implementações, que são as tecnologias sociais implantadas para se guardar água da chuva, usada na produção de alimentos e na criação de animais de pequeno porte: cisterna-calçadão, cisterna-enxurrada, barreiro-trincheira, barragem subterrânea, barraginha, bomba d'água popular, e tanque de pedra ou caldeirão; os intercâmbios, ou troca de experiências entre agricultores e técnicos das comunidades, municípios, territórios e também estados participantes do P1+2; capacitações, de Gerenciamento da Água para Produção de Alimentos (GAPA), de Sistema Simplificado de Manejo da Água (SISMA), e capacitação de; e ainda a sistematização das experiências, que é a comunicação da ASA, publicadas no boletim impresso O Candeeiro, e no banner fotográfico O Candeeiro (ASA, 2013; ASA, 2015).

Esse formato estimula a produção, a troca de conhecimentos e autoestima de quem oferece e de quem recebe os conteúdos, e ainda propaga uma imagem positiva do sertão, como um lugar capaz de produzir. O P1+2 impulsiona a prática da cidadania e convivência com a seca, envolvendo os agricultores, os agentes técnicos, os formadores, e ainda, os comunicadores, que juntos, acessam um conhecimento ampliado sobre o espaço onde vivem e onde trabalham, de forma a alterar positivamente seu cotidiano, atribuindo novos significados a antigos instrumentos (ASA, 2013; ASA, 2015).

Sendo o programa de maior alcance da ASA, o P1+2 é realizado em paralelo aos outros projetos, de igual importância, como o Cisterna nas Escolas, iniciativa consolidada pela ASA em 2010, a partir da parceria com Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sesan), Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS), e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID) que pretende levar a tecnologia de armazenamento de água para as escolas da zona rural que não tem acesso a água limpa, implementando cisternas de 52 mil litros de capacidade. As prioridades ficam para as escolas de aldeias indígenas e comunidades quilombolas. Até 2016, foram mais de 1000 tecnologias construídas, atendendo mais 300 municípios do Semiárido.

O Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido: Manejo da Agrobiodiversidade - Sementes do Semiárido é a ação da ASA que se concentra no reforço das estratégias de valorização do patrimônio genético, fortalecendo as práticas conhecidas de seleção e estocagem de sementes nativas. As atividades do programa envolvem formação, intercâmbios, capacitações, sistematização de experiência e a implantação dos bancos e casas de sementes.

As ações da ASA envolvem agentes sociais locais e específicos, que executam as funções técnicas, administrativa, as de gestão e de comunicação. Para cada entidade associada à ASA existe uma estrutura de coordenação igual, que começa pelas Unidades Gestoras Territoriais, quem coordena as capacitações e formações regionais; os coordenadores de unidade para cada entidade, que acompanham toda implementação em sua área, realizam licitações e fazem os pagamentos; a secretária para a parte administrativa e de contratos dos projetos; os implementadores, equipe que cadastra as famílias beneficiadas, acompanha, orienta e faz o relatório de cada implementação de tecnologia; os comunicadores, responsáveis pela sistematização das experiências; e as famílias beneficiadas, que são os agentes mais ativos na conquista da tecnologia, participam das formações, montam e cuidam da horta, constroem e cuidam das cisternas, viajam para intercâmbios.

Na perspectiva de reconstrução do cenário sertanejo, paralelo à implementação das cisternas, os agentes sociais da ASA possibilitam momentos de formação sobre a gestão da água, sobre o acompanhamento da produção, com oficinas e informações sobre temas como, defensivos agrícolas e insumos naturais, sementes crioulas, soberania e segurança alimentar, além da discussão sobre cidadania, educação contextualizada, gênero, ecologia, problemas ambientais e muitos outros temas que são próximos dos agricultores, em sua condição de produtores rurais e cidadãos brasileiros.

A Cáritas Regional Nordeste III, integrante da Articulação no Semiárido Baiano – ASA/BA, e executora do Programa P1+2 na região de Caetité, é quem media as ações de convivência com o semiárido em Caetité, cidade onde fica a sede da UGT, e atende também aos municípios de Urandi, Pindaí, e Tanque Novo. Sendo a responsável pelas implementações das tecnologias sociais e pela produção do boletim O Candeeiro.

Parte fundamental do sucesso das ações da ASA está na comunicação popular, compreendendo-a como um conjunto de processos de sistematização de experiências e de intercâmbios entre as famílias agricultoras. As ações de comunicação são coordenadas por uma equipe de comunicadores, a Assessoria de Comunicação da ASA - ASACOM, que tem sede fixa em Recife, e é responsável por planejar, organizar e formar as ações e conteúdos de comunicação em todo semiárido, e realizado por uma equipe maior, composta pelos comunicadores populares, presentes em cada entidade parceira da ASA e que esteja executando o P1+2.

Para Cicilia Peruzzo (2004), a comunicação popular é resultado de um processo realizado na e com a própria dinâmica dos movimentos populares, de acordo com as suas necessidades, sendo, portanto, participativa e voltada para a mudança social, exatamente a dimensão que a ASA traz para suas ferramentas de comunicação e seu envolvimento com as comunidades.

A comunicação é entendida e trabalhada como um processo político pedagógico dentro da ASA, despertando nos agricultores e agricultoras a dimensão que podem, sabem, e têm condições de produzir conhecimento. Junto com as comunidades agricultoras, os

comunicadores populares produzem materiais que circulam pelas áreas de abrangência dos projetos e também em eventos relacionados com agricultura, como boletins impressos, banners fotográficos, cordéis, programas de rádio, boletins eletrônicos, manutenção de página na internet, cartilhas e folders explicativos e/ou temáticos. A ASACOM acompanha e orienta a escrita dos boletins O Candeeiro e do banner, feita pelos comunicadores populares locais, produz o programa de rádio Riquezas da Caatinga, e o boletim eletrônico Compartilhando Ideias, além de materiais especiais de audiovisual e cartilhas educativas, e fortalece a rede ASA com a realização de encontros maiores, sejam estaduais, regionais ou nacionais, por meio de oficinas, de dinâmicas, de depoimentos e de intercâmbio de experiências.

Dentro da produção de comunicação da ASA, o boletim impresso é o foco desta pesquisa, por ser o meio mais acessível e divulgado entre os agricultores, no qual mais se fala sobre o sertão com uma maior atualização de conteúdos, sendo portanto um meio de comunicação repleto de representações e (re)significações deste lugar.

3.6 O Candeeiro

O boletim O Candeeiro surge como uma produção do P1+2, junto com o banner de mesmo nome (O Candeeiro). Como já foi dito, é uma das formas de sistematização da articulação em torno do semiárido, e em seu site, a Articulação o define como:

Uma ferramenta para troca do conhecimento. Constitui-se um processo coletivo de recuperação e registro de saberes e práticas locais de convivência com o Semiárido. É também um importante instrumento pedagógico de construção coletiva do conhecimento e divulgação de iniciativas bem-sucedidas no campo da agricultura familiar (ASA, 2015).

O Candeeiro é um boletim de formato simples, tem duas laudas A4, papel reciclado, colorido, layout padronizado pela ASACOM, com cores específicas para cada regional. Todo boletim é numerado, numa lista nacional de edições, com o número, o mês, o ano, a cidade e o estado da publicação. Cada edição tem uma tiragem de 1000 exemplares, distribuídos na

entidade mantenedora do P1+2 local, para a família entrevistada naquele número e demais agricultores locais ou presentes por intercâmbio.

A partir das experiências desenvolvidas em cada município participante do P1+2, estes boletins apresentam, em cada edição, a história de uma das famílias que integram pequenas áreas produtivas agroecológicas, localizadas em comunidades rurais, em que a terra é cuidada e produz mesmo em épocas de estiagem. A Cáritas Regional NE III, produziu até esta data (setembro de 2016), 10 edições do boletim no município de Caetité, assim intitulados e numerados:

Tradição preservada na produção de farinha. [Ano 4 | n° 86 | julho | 2010 | Caetité – Bahia]

Barragem Subterrânea traz prosperidade para Família. [Ano 5 | n° 90 | agosto | 2011 | Caetité – Bahia]

Água, terra e comida na mesa – Caixa D'água garante variedade de alimentos colhidos no próprio quintal. [Ano 5 | n° 144 | agosto | 2011 | Caetité – Bahia]

Água nossa de cada dia. [Ano 6 | n° 929 | outubro | 2012 | Veredas dos Cais – Caetité]

Riquezas de nossa Caatinga. [Ano 7 | n° 1080 | agosto | 2013 | Caetité – Bahia]

Tanque de pedra e quintais mais produtivos. [Ano 7 | n° 1081 | agosto | 2013 | Caetité – Bahia]

Quando a gente cuida da Terra, ela nos presenteia! [Ano 7 | n° 1082 | julho | 2013 | Caetité – Bahia]

“Sem luta, não tem vitória”. [Ano 8 | n° 1979 | julho | 2014 | Caetité – Bahia]

Luta pelo direito a uma vida digna. [Ano 8 | n° 1980 | agosto | 2014 | Caetité – Bahia]

“Não saio da minha roça não”. [Ano 8 | n° 1982 | novembro | 2014 | Caetité – Bahia]

O Candeeiro sistematiza e conta a história de vida dos/as agricultores/as e, com o conhecimento tradicional e prático de cultivo familiar, contribui no crescimento da propriedade e, conseqüentemente, na vida das famílias agricultoras. Para o Coordenador Executivo da ASA na Bahia, “Os boletins [das experiências dos agricultores] partem desta concepção e estimulam a comunicação, fazendo com que o comunicador seja capaz de assessorar o agricultor na sistematização de sua experiência” (QUINTELA, 2010). Para

Peruzzo (2004), as grandes empresas são importantes para a comunicação, mas não dão conta, ou não lhes parece interessante, regionalizar seus conteúdos pautando as ruas onde famílias moram, a escola do bairro, os parques e praças de pequenas cidades ou comunidades rurais do país, por exemplo. Peruzzo (2004) diz ainda que existe muita gente trabalhando para colocar o homem como centro das estratégias políticas que visam sua emancipação possibilitando a construção de uma cultura e uma educação democrática, articulada às práticas sociais. Acredita-se que a comunicação da ASA reflete o que sugere Peruzzo, o processo para uma emancipação, como continua ressaltando Quintela,

A multiplicidade de boletins, de conteúdos sobre a convivência no semiárido que são veiculados é uma quantidade imensa com a qualidade que nos é peculiar. Esse material chega aos agricultores, agricultoras, na ponta e cria autoestima, entusiasmo as pessoas, faz com que se sintam produtoras de conhecimento. Ela inverte a lógica do processo de comunicação (QUINTELA, 2010).

Para a produção de cada boletim, os comunicadores populares pautam as famílias com experiências regionais, visitam a localidade, fotografam o quintal produtivo, entrevistam os moradores, escrevem os textos, pré-selecionam as fotos e diagramam o boletim, dentro de um layout definido. Junto com a coordenação da unidade e com a ASACOM revisam o texto e as fotos, finalizam a produção, que é impressa e distribuída. Uma das mais reiteradas orientações da ASACOM para os comunicadores em processo de escrita, é aquela de se conhecer a fundo o local sistematizado, de realizar uma boa produção e pesquisa, conduzir a entrevista da forma mais respeitosa e delicada possível, que pode ser iniciada com uma conversa informal para se aproximar do agricultor, antes de partir para as perguntas em si. Orienta-se também, se possível, conviver alguns dias com a família em foco, conhecendo mais de seu cotidiano e captando melhor essa convivência para compartilhá-la na sistematização.

Através da leitura dos boletins, percebe-se que não foi somente o armazenamento de água e de comida que mudou o cenário no quintal e na vida de famílias agricultoras, é perceptível uma afirmação pessoal, demonstrando atitudes e afirmando valores referentes a um pertencimento simbólico sertanejo, que adapta, cria e inova continuamente, além de testemunhos que validam a propriedade das tecnologias sociais implementadas. Os depoimentos e as conversas vão alcançando outras dimensões da relação entre sociedade e

natureza, afirmando, por exemplo, que pouco adianta aprender a captar água da chuva se continua a jogar lixo no mato, ou a queimar a terra. Afirma-se uma ampliação da noção de cuidado e de percepção sobre a natureza.

4. Que traços contornam este sertão

Neste capítulo apresentam-se os resultados finais da pesquisa. Após leitura de vários textos, seleção do corpus, estudos e análises, foi possível achar as convenções, a frequência de palavras mais usadas, as unidades de registro e contexto e por fim as categorias. Códigos que indicam representações do sertão.

4.1 Análise de conteúdo: histórico e definições

Antes das ciências humanas analisarem tecnicamente as comunicações, as produções textuais já eram alvos de interpretações e abordagens diferenciadas, como os comentários sobre a Bíblia (exegese religiosa), as explicações críticas de textos literários, ou as práticas de astrologia e de psicanálise. Ainda, a retórica, que estuda a declamação persuasiva, e a lógica, que tenta determinar regras formais do raciocínio, são atitudes interpretativas do texto que antecedem uma teoria metodológica de análise (BARDIN, 1979).

Para retratar o desenvolvimento da análise de conteúdo é preciso rever as medidas iniciadas nos Estados Unidos, no começo do século XX, para investigar as comunicações de massa de acordo com as técnicas modernas. Durante as primeiras quatro décadas do século, os estudiosos norte-americanos valiam-se de um rigor científico baseado na medida, analisavam, essencialmente, material jornalístico, e procediam de forma exclusivamente quantitativa. A Escola de Jornalismo da Universidade da Columbia abre as portas para as análises quantitativas, intensificando os estudos sobre os conteúdos das comunicações, “desencadeia-se um fascínio pela contagem e pela medida (superfície dos artigos, tamanho dos títulos, localização na página)” (BARDIN, 1979, p.15). Desde 1915 Harold Lasswell fazia interpretações da imprensa e da propaganda, em 1927 lança seu livro *Propaganda Technique in the World War I*, se tornando o pioneiro na história da análise de conteúdo. (BARDIN, 1979; RICHARDSON, 1985).

A década entre os anos 1940 e 1950 teve uma maior adesão dos investigadores especializados em análise de conteúdo, que começaram a se interessar cada vez mais pelos símbolos políticos, fazendo os departamentos de ciência política se destacarem nesse processo. A esfera de aplicação da análise de conteúdo se amplia, partindo para a crítica literária e para análises da estrutura da personalidade (BARDIN, 1979).

No período seguinte, de 1950 a 1960, houve uma propagação das técnicas de análise de conteúdo para outras disciplinas e áreas do conhecimento e ainda o aparecimento de definições e interrogações no plano metodológico. Bardin (1979) chama a época de segunda juventude da análise de conteúdo, quando a etnologia, a história, a psiquiatria, a psicanálise, a linguística, acabam por se juntar à sociologia, à psicologia, à ciência política, aos jornalistas, para interrogar e contribuir com as técnicas. A análise de conteúdo já não é mais tida como um método exclusivamente descritivo, entrando assim no campo da inferência.

De 1960 em diante, ocorrências influenciaram a investigação e prática da análise de conteúdo, como a colaboração do ordenador⁴, a busca pelos estudos da comunicação não verbal, e a sua relação aproximada com a linguística.

No século XXI, a análise de conteúdo se mantém firme como método qualitativo de pesquisa, afirmando-se válida e eficiente. Autores internacionais (Clegg, Hardy, Nord, 2001; Bauer, Gaskell, 2002) e nacionais (Godoi, Bandeira-de-Melo, Silva, 2006; Mattos, 2001, 2006; Vergara, 2003) estudaram a técnica, reforçando sua importância e atualidade metodológica (MOZZATO, GRZYBOVSKI, 2011). Laurence Bardin (1979), professora da Universidade da França é a grande referência em estudos que utilizam a análise de conteúdos como metodologia, seu livro “Análise de Conteúdo” busca investigar questões psicossociológicas e das comunicações de massa, se tornando um verdadeiro manual para os profissionais interessados.

Neste caminho percorrido, a análise de conteúdo foi aprimorando seu conceito que se em 1943 era descrita como sendo a “semântica estatística do discurso político” (BAUER, 2002, p.192). Para Vergara é “uma técnica de análise de comunicações, tanto associada aos significados, quanto aos significantes da mensagem” (2003, p.14). Bardin definiu como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 1979, p.9). Bardin (1979) acrescenta ainda que a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente de recepção), inferência esta que ocorre a indicadores quantitativos e qualitativos. Para a maioria dos autores a análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação, dentro de seu contexto social (MOZZATO, GRZYBOVSKI, 2011).

4 Ordenadores são softwares para computadores capazes de tratar grandes quantidades de informação em menos tempo.

Cabe lembrar que, apesar das diversas definições e técnicas aplicadas na metodologia, esta pesquisa tem como base os estudos de Laurence Bardin (1979), bem como as técnicas usadas por esta autora. A escolha se deu pela popularização de seus textos, principalmente em estudos brasileiros, e pela melhor adequação a esta pesquisa. Assim a ênfase metodológica do estudo é em Bardin.

4.2 Aplicação da análise de conteúdo na pesquisa

A análise de conteúdo se elabora a partir de três etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, interpretação e inferência. Bardin (1979) descreve a primeira etapa como a fase de organização do material, e vai utilizar de várias estratégias como, a leitura flutuante, que é o primeiro contato com os documentos de estudo, momento de se conhecer melhor os textos; a escolha dos documentos, que vai definir o *corpus* da pesquisa; a formulação das hipóteses, sentenças preliminares que vão dirigir a análise, uma regra de pertinência daquilo que se estuda, uma afirmação provisória que se propõe a verificar (confirmar ou infirmar) através dos procedimentos de análise; e a referência aos índices e formação de indicadores, por meio de recortes de texto nos documentos de análise.

A segunda etapa é de investigação minuciosa dos textos, com a definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro (unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial) e das unidades de contexto (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro). Neste momento se faz a categorização, ou seja, a classificação dos elementos segundo suas semelhanças e diferenças, com posterior reagrupamento, em função de características comuns. Esta é uma etapa importante da pesquisa, pois vai possibilitar ou não a riqueza das interpretações e inferências. A codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase. E por fim, a terceira etapa, que é marcada pelo tratamento dos resultados; ocorre nela a concentração e a relevância das informações para análise, alcançando as interpretações inferenciais; é o instante da intuição, da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 1979).

Bardin (1979) indica que a técnica mais fácil, mais usual e mais útil numa primeira abordagem de texto, é a do tipo temático e frequencial, (aqui chamado de frequência), ou as convenções, que de imediato mostram do que se fala e o quanto se fala de algo. A autora usa exemplos para praticar as técnicas de análise, mas não as coloca como regras estanques, lembrando que os exemplos não devem ser tomados como modelos, mas como ilustrações que permitirão a compreensão dos mecanismos, assim cada um traz algo que se pode juntar, intercalar, criando uma metodologia particular com os passos experimentadas no livro, usando o que melhor se encaixa para esta pesquisa. Para as convenções Bardin (1979, p.82) usa uma relação do número total de palavras presentes, ou ocorrências, com o número total de palavras diferentes ou vocábulos⁵, chegando na relação O/V, dando com isso um valor de riqueza, ou pobreza, desse texto, quanto menor a relação se dá, mais rica será a leitura, porque menos se repetiu palavras, ou seja, trouxe mais palavras diferentes para o texto.

Bardin (1979) apresenta a divisão do texto separados por duas unidades, a de registro, que é uma unidade menor, e a unidade de contexto, uma unidade maior que se relaciona diretamente à unidade de registro. A unidade de registro pode ser de vários tipos, como uma palavra, uma frase, ou um parágrafo, a unidade de contexto dá conta do registro escolhido e provavelmente será maior que ele, por exemplo, o registro da palavra, uma frase, o registro de uma frase, o parágrafo, ou o registro do parágrafo um texto. A escolha do tipo de unidade de registro e contexto, cabe a cada pesquisador, que após seleção e leitura flutuante do *corpus*, vai perceber como o texto se desenvolve, como trata do tema e o que lhe cabe melhor como unidades de análise. Bardin acrescenta que as unidades de registro podem ser associadas a outros valores, adicionando mais um indicador à palavra, como positivo/negativo, antes/depois, com/sem.

A análise categorial é o tipo de análise mais antiga e na prática a mais utilizada, funciona por desmembramento do texto em partes menores, em categorias, segundo reagrupamento. A análise por categorias poderá ser temática, construindo as categorias conforme os temas que emergem do texto. Para classificar os elementos em categorias é preciso identificar o que eles têm em comum, permitindo seu agrupamento.

A exemplo do que Bardin (1979) traz no seu livro, tratado ainda por Gibbs (2008), as categorias aparecem como importante forma de codificar e analisar um texto. Ao contrário das unidades de registro, que a cada novo texto terá as suas próprias palavras, com as categorias se consegue analisar vários textos, em seus vários contextos, sob as mesmas

⁵ Esses vocábulos representam o vocabulário (ou repertório léxico) que o autor do texto usa.

características, acessando rapidamente todo o texto codificado da mesma forma, e verificando se uma ideia temática muda ou é influenciada por outros valores (GIBBS, 2008).

Para esta pesquisa se escolheu fazer primeiro as convenções, depois as relações de frequência e de unidades de registro e, por fim, as categorias encontradas em cada texto para análise e inferências finais.

4.3 Análises de conteúdo do jornal A Penna

Em primeiro lugar será compartilhado os resultados das análises dos 3 textos selecionados do jornal A Penna, a saber:

Quadro 2 – Lista dos títulos dos textos analisados do jornal A Penna

Texto 1	Exodo Anno I, 09 de janeiro de 1912, número 2
Texto 2	A Lavoura – seu estado actual Ano II, 31 de janeiro de 1913, número 28
Texto 3	Açudes - Trabalhos da comissão de obras contra as secas Ano II, 18 de julho de 1913, número 40

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

O primeiro texto analisado do Jornal A Penna, foi **Exodo**, publicado em 1912 numa segunda etapa de funcionamento do jornal⁶, trata da retirada dos sertanejos para o sul como algo negativo para o sertão. O texto 2, **A Lavoura – seu estado actual**, publicado um ano depois do texto 1, em janeiro de 1913, fala da falta de investimentos no setor agrícola e os prejuízos para as comunidades. A demanda por tecnologias para viver melhor com a seca, é tratada no terceiro texto: **Açudes - Trabalhos da comissão de obras contra as secas**.

A seguir, os três textos analisados do jornal A Penna, transcritos integralmente⁷:

⁶ Etapa que foi reformado, adquiriu maquinário novo, impressão nova, maior tamanho de página, portanto, quando se torna mais dinâmico, possibilitando a publicação de textos maiores e com mais conteúdo.

⁷ Os textos estão transcritos integralmente, sem atualizações gramaticais da forma como se grafava à época.

Quadro 3- Transcrição do Texto 1 do jornal A Penna

<p>Exodo Anno I, 09 de janeiro de 1912, número 2</p>
<p>Há muitos anos, na primeira fase deste nosso periódico, procuramos demonstrar e convencer os nossos leitores que a secca, esse flagelo assustador que nos visita sempre tomando, de tempos a tempos uma feição mais terrível, não é a única e mais poderosa causa da nossa decadencia e das crises alimentícias que temos sofrido.</p> <p>Para muitos dos nossos leitores, avançamos um paradoxo, e o riso sardonico tem sido a resposta que obtem essa nossa asserção.</p> <p>Continuamos, porem, nesse modo de pensar e, mais uma vez, vamos ventilar essa questão. É bem verdade que não há situação mais incômoda do que a nossa sob uma soalheira que escalada uma atmosfera, que abafe e até aos mais fortes espiritos leva ao desânimo e displicência. Porem bem poucos anos se passam sem que experimentemos essa incommoda influencia do sol em seu perihelio, nós que habitamos a zona torrida. Poderíamos morrer de ensolação; porem até o presente ainda não registramos um caso desse terrível phenomeno, o que vem em abandono do nosso clima tão desacreditado pelos sulistas, que estão constantemente a succumbir sob os ardores do sol.</p> <p>É fora de dúvida, pois, que não é somente a secca a causa das chamadas crises, e podemos até avançar que ella concorre como um dos menos importantes factores para a fome.</p> <p>Já em outra epocha procuramos demonstrar que as crises de 1860, 1890, 1899 tiveram por causa outros factos que, em conjuncto com a secca deram lugar a mortalidade da parte mais pobre e inactiva da população, a qual sem recursos, sem uma segura deliberação, perambulava longe dos seus lares em busca da caridade publica.</p> <p>Em 1860 chegamos ao acume da decadencia porque as fabulosas riquezas das lavras diamantíferas da Chapada desde 16 anos atrás arrastaram a maior parte dos ricos proprietarios do alto sertão para aquella riquissima região. Com elles seguiram os seus escravos e muitos trabalhadores livres que abandonaram as culturas desvairados pela idèa de prompto enriquecimento.</p> <p>A lavoura reduzidissima do alto sertão não produziria quanto era necessario ao abastecimento dos garimpeiros que, seja dito de passagem, não trabalhavam em cultura de espécie alguma se a provincia de Minas concorresse com seus productos estabelecendo um largo commercio de generos alimenticios. De 1853 a 1860 houve escassez de chuvas, o transporte tornou-se difficil, a nossa resumida lavoura quasi extinguiu-se e as classes pobres passaram pelo martyrio da fome.</p> <p>Seguiram-se annos relativamente bons porque o desaparecimento do diamante, o arrefecimento do primeiro enthusiasmo deram lugar ao restabelecimento dos antigos habitos do nosso agricultor. É por isso que passaram as seccas como as de 1870 e outras sem que soffressemos as terriveis consequencias da fome.</p> <p>A emancipação dos escravos em 1888 preparou-nos uma nova situação, cujas terriveis consequencias vieram se manifestar em 1890. A escassez das chuvas de 1880 colheu nós a lavoura em extrema decadência e os tristes resultados que se deram, deviam ser os esperados pois o escravo, que se retirava do eito mendigando e o seu antigo senhor que, desanimado, abandonara a lavoura e as suas fazendas de cultura constituiram uma pesada carga de consumidores sobre os enfraquecidos ombros de uma diminutissima classe productora.</p> <p>O novo estado de decadência coincidiu com esplendor e riqueza do sul e uma corrente de emigração dos bahianos válidos, que desejavam mais desenvolvido campo de acção no seu manejar e ardiam na ambição do facil enriquecimento, estabeleceu-se assustadora e prometedora de mais terríveis resultados do que as anteriores.</p> <p>Abandonados os campos de culturas, as fazendas, renunciados a patria, os lares, desprezando as mulheres, e os filhinhos, derivou-se quasi toda a nossa população para o sul.</p>

N'essa situação fomos colhidos pelo anno de 1899.

O que foi aquella epocha, está na consciencia de todos: ella constitue um dos mais tristes Quadros que já presenciamos e, nos annaes dos nossos sertões permanece como mancha negra e indelével.

Agora que renova-se, como já tem se dado em annos anteriores, a febre da emigração; que famílias e famílias, em procissão, seguem em procura do Eldorado; que os nossos sertões estão ameaçados de morte por exaustão, viemos de novo dar rebate.

A nossa situação é mais que crítica: mas notará o leitor que queremos demonstrar e provar como cremos ter demonstrado e provado que o nosso estado actual não é devido a secca. As riquezas naturaes ahi estão, os campos de cultura, terrenos de uma feracidade incontestável e regiões proprissimas para a indústria pastoril ahi permanecem abandonados, desertos, incultos como se a mão da fatalidade pesasse em todo o seu rigor sobre nós.

Digna de serio estudo é, portanto a nossa situação. Ella pode ser remediada porque, como acima tornamos evidente, a nossa decadência não é devida a esterelidade dos nossos terrenos e a ausencia das chuvas mas ao desaparecimento da população trabalhadora pelo exodo.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

Quadro 4- Transcrição do Texto 2 do jornal A Penna

A Lavoura – seu estado actual
A Penna Ano II, 31 de janeiro de 1913, número 28

Quando, em todos os paizes cultos, em outros Estados da União Brasileira, mesmo em outras zonas do Estado da Bahia, todas as vistas se voltam para a industria agricola, considerada em todos os tempos o futuro da prosperidade e riqueza de um povo; n'estas alltas regiões do sertão e especialmente no Districto de Caetetê, é o de que menos se cogita. De alguns annos a esta parte vão gradativamente e evidentemente cahindo em abandono entre nós a poetica e encantadora industria que sempre foi o objecto dos maiores desvelos dos povos por mais atrazados que fossem; que, no seu despontar, foi considerada como o primeiro passo no caminho do progresso; que formou as cidades, o commercio; que despertou os principios do direito; que enfim estabeleceu os fundamentos da civilização.

Porque encontramos-nos agora n'este estado? Falta-nos o terreno próprio a todas as culturas? Faltam-nos braços? Não existirão capitães? tudo isso possuímos, alguém nos contestara. O que nos falta é a iniciativa. A resumidissima cultura do solo acha-se presentemente entregue as classes menos favorecidas e menos preparadas intellectualmente para dar impulso a nobre industria de lavar o campo. Levamos uma vida esteril de projectos, palanfrorios, aridas discussões, e o tempo, essa incançavel e inexoravel locomotiva que marcha insessantemente sem esperar wagons que se desengataram, avança indifente a tanta pobreza de espirito, a tanta desidia?? e...commodismo. Quando possuíamos escravos. Já tivemos uma florescente lavoura extensiva. Então, homens cultos que possuíam extensas fazendas, dedicavam-se ao estudo e aperfeiçoamento da industria agricola. As suas culturas eram como que campos de demostração onde os menos cultos, que tambem dispunham de meios, iam buscar lições proveitosas. A lavoura então tinha vida entre nós. A fazenda era um agradável retiro onde encontrava-se conforto, abundancia e prazer. A casa, pitoresca, alvejando ao verde panno dos pomares, das roças, dos mattos circunjacentes que eram cuidados e conservados; as aguas, distribuidas com me?????, aqui humedecendo a chacara, alli prestando-se aos serviços domesticos, acola movendo o moinho; os extensos canaviais lá no fundo do valle, e, por toda a parte, o movimento, a alacridade, a poesia encantadora que nos confortavam.

Hoje, porem, no mesmo local, as restantes arvores do pomar estão a vergar ao peso das parasitas em meio das plantas silvestres que as abaíam e enredam como que em represalia; a casa derruida?; montões de escombros impedindo o transito; o aqueducto resequido occultando-se

como que envergonhada sob as moitas de espinheiros; o arido latifundio, ancapoeirado, arido, triste e desolador. E sobre tudo isso pesando um silencio atristador. De anno a anno, a vassoura do tempovae eliminando os vestigios da nossa antiga e grande lavoura, feita a custo do braço escravo, e, de futuro, não mais existirão esses attestados da actividade e real prosperidade dos nossos maiores. Isto nos constringe o coração.

Quantas reminiscencias não despertam em nossas mentes esses casos que se repetem, que icasticamente nos delineam um passado tão risonho para estabelecermos o contraste afflictivo que acima procuramos esboçar.

O expecta (??) da floresta virgem, da terra tal qual sahiu das mãos do Creador, da vegetação intensa, é a esperança, a promessa. Ahí vemos germens de um futuroprospero que depende da nossa actividade e esforço. O da ruina insulada a um mar de vida, actividade e desenvolvimento, tem um certo encanto, é a nota dissonante que concorre para a harmonia. O d'essa ruina que se generaliza denunciando a decandencia de um povo...oh! não podemos exprimir o que nos traz no coração. É o cahir no vacuo sem esperança de um apoio, de uma voz protectora, de um abrigo consolador.

Procuraremos estudar em seguida as causas de tudo isso, de quem depende o remedio para esse estado de cousas e a possibilidade de um futuro prospero.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

Quadro 5- Transcrição do Texto 3 do jornal A Penna

Açudes - Trabalhos da commissão de obras contra as seccas
A Penna - Ano II, 18 de julho de 1913, número 40

Ha quarenta e seis açudes estudados e grande numero em estudos, por estudar e a requerer. Urge a aprovação dos estudos feitos. Espera-se grande número de requerimentos.

Tem sido excessivo o trabalho da Comissão de Obras Contra as Secas que acha-se entre nós sob a direção do competente e honesto Eng. Dr. José Americano da Costa e da qual fazem parte os dous não menos honestos e operosos Engenheiros Drs. Celso Torres e Cyro Spínola. Tanto esses dignos profissionnaes como o escolhido grupo de Auxilliares que faz parte da commissão, têm aqui conquistado a maior confiança e estima. A princípio, acolhidos com a reserva só(?) por em prática o nosso desconfiado tabaréo já afeitos de prommessas que não passam de PROMMESSAS, tiveram que lutar pela victória sobre essa relutancia: por educar, podemos até dizer domesticar, o sertanejo. Quanto trabalho e paciencia não puzeram em prática os bondosos e (?) profissionnaes e seus auxiliares para o conseguir!

Os resultados não se fizeram esperar: os requerimentos foram chegando a medo, como experiencia, depois mais franca e confiadamente. Já tem sido estudados quarenta e tantos açudes, acham-se muitos em estudos e existem muitos requerimentos despachados. O número de pedidos aumenta progressivamente, e podemos garantir que em breve duplicará. Dia-a-dia vae alargando-se o círculo de acção da Commissão, não bastando o seu pessoal para se dividir nas turmas que o trabalho exige no raio de trinta e quarenta leguas. Seria preciso que o pessoal da Commissão tivesse o dom de ubiquidade.

A demora, porem, da aprovação dos estudos feitos já vae fazendo espécie (?) (?), e convem que, antes que se propague o desanimo, sejam encelados os trabalhos de locação e construcção. Esses trabalhos serão de incalculaveis vantagens: - immediatas e opportunas porque será dado trabalho a tantos braços que vão dispensar a sua actividade a outros Estados, e os braços são capital muito valioso - e mediatas e permanentes, porque se assegurará o futuro das nossas industrias agricolas e poderá ser aproveitada a feracidade do nosso solo, outro capital valiosíssimo. Começada a construcção dos açudes, deliberada a de um grande açude publico, acertada a abertura de poços tubulares, estamos certos que serão confirmadas as assertivas que constantemente trazemos aqui ao conhecimento dos nossos leitores.

Muito confiamos no espírito patriótico, no talento, na honestidade, na boa intenção do Exmo. Sr. Dr. Pires do Rio, em tão boa hora lembrado para agir entre nós como um digno mandatário da Providencia, e de quem muito esperamos. Elle que nos perdoe lembrarmos-lhe medidas que, estamos certos, já teriam sido tomadas se dependessem somente de si. Elle mesmo, que já avalia da nossa triste situação, si a visse mais de perto, mais se compadeceria de nós, dobraria de compaixão.

UMA COUSA É VER, OUTRA É CONTAR.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

4.3.1 Convenções estabelecidas para análise de conteúdo do jornal A Penna

Para Bardin (1979, p.82), o estudo de código de um texto pode começar pelas convenções, que indicam a riqueza de um texto ou ainda ajudam a comparar um escrito com outro. Nesta pesquisa adotou-se a convenção de uso das palavras para perceber em primeira instância o vocabulário dos textos, se as representações sobre o sertão do A Penna se repetem ou se são diversas.

Como convenções no Texto 1, encontrou-se a relação O/V de 2,231 num universo de 790 ocorrências e 354 vocábulos (verbos, substantivos e adjetivos). Este número pode ser considerado baixo, revelando um texto rico, com menos repetições. No Texto 2, foram 622 ocorrências para 314 vocábulos, num resultado de O/V de 1,980, bem próximo do valor para o primeiro texto e também do Texto 3, que teve 462 ocorrências, 231 vocábulos, numa taxa de repetição exata de 2, como pode-se observar no Quadro 6,

Quadro 6 - Índices das Convenções dos textos A Penna com valores das ocorrências e vocábulos

Texto	Nº de Ocorrências	Nº de Vocábulos	Relação O V
1.Exodo	790	354	2,231
2. A Lavoura -seu estado actual	622	314	1,980
3. Açudes -Trabalhos da comissão de obras contra as seccas	462	231	2

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L.

O texto Exodo é o maior em número de palavras, por isso ele é quem mais repete termos, tendo a maior taxa O/V entre os 3. As 3 taxas O/V apresentam basicamente o mesmo valor, todos próximos a 2, numa média considerada rica para Bardin (1979, p.84). Dessa relação, percebe-se que os textos do A Penna não economizavam termos novos para dar conta

do sertão ou retratá-lo. Quando o autor faz uma descrição do lugar e usa argumentos para defendê-lo, usa palavras não repetidas num texto rico, de significados. Pode-se inferir que os leitores do A Penna estavam acostumados com o vocabulário usado nos textos. Essa acessibilidade do público faz deduzir a redução desse mesmo público leitor, para a época de 1912 e 1913. Um jornal feito para as elites regionais, que podiam ler e comprar os impressos.

4.3.2 Frequências estabelecidas para análise de conteúdo do jornal A Penna

Sobre a frequência e ausência de termos nos textos, elas são unidades de análise que revelam os interesses dos autores em determinados temas e como reforçam isso por meio das escolhas das palavras. No Texto 1 as palavras mais usadas foram: mais (10 vezes), nossa e não (08 vezes) cultura, secca e decadencia (05 vezes), lavoura e sertão (04 vezes), e causa, consequencia, crise, fome e chuva (03 vezes cada). Para o Texto 2 as mais usadas foram estado (5), indústria, lavoura e não (4), atividade, cultura e futuro (3). O Texto 3 teve a seguinte frequência: trabalho (7), açude, commissao e não (5), estudos (4). O Quadro 7 deixa mais claro a razão das frequências, observando as repetições entre os textos.

Quadro 7 - Lista de frequência das palavras mais usadas em cada texto A Penna

Texto 1: Exodo (OV: 2,231)		Texto 2: Lavoura (OV: 1,980)		Texto 3: Açudes (OV: 2)	
palavras	repetições	palavras	repetições	palavras	repetições
mais	10	estado	5	trabalho	7
nossos	9	industria	4	açudes	5
nossa	8	lavoura	4	comissão	5
não	8	menos	4	não	5
cultura	5	não	4	estudos	4
decadência	5	actividade	3	grande	3
seca	5	cultos	3	mais	3
situação	5	culturas	3	nosso	3
lavoura	4	futuro	3	quarenta	3
campos	3	nossa	3	requerimentos	3
causa	3	povo	3		
chuvas	3	todas	3		
crises	3	tudo	3		
	3	vida	3		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L.

Deve-se lembrar que são as palavras instrumento⁸ que se repetem mais vezes, até pela função de conectivos do texto, mas este estudo priorizou palavras plenas⁹. A exceção ficou para o Texto 1, que em suas três primeiras posições de uso exhibe um advérbio e dois pronomes possessivos que não são gratuitos ao texto, por isso a vantagem de aparecer na lista, tal condição é devidamente justificada na próxima seção, quando as unidades de registro e unidades de contexto do A Penna serão apresentadas.

Ao analisar cada texto percebemos que as palavras mais usadas são as que refletem o pensamento geral do tema de cada artigo, considerando que os três foram escritos pela mesma pessoa, pode-se afirmar que refletem o pensamento do autor, João Gumes. A frequência de

8 “Isto é, palavras funcionais de ligação: artigo, preposição, pronome, advérbio, conjunção, etc.” (BARDIN, 1979, p.82).

9 “Isto é, palavras portadoras de sentido: substantivos, adjetivos, verbos ” (BARDIN, 1979, p.82).

palavras pode mostrar o contexto geral do escrito, permitindo a elaboração de uma frase resumo de cada artigo. Para o Texto 1, pode-se ler: a causa das crises\decadência não é a seca, a cultura dos campos e lavouras ajuda. No Texto 2 é possível formar: o estado da indústria e da cultura estão com menos atividades, como fica o futuro, a vida do povo. Já o Texto 3 sugere o seguinte: mais de quarenta requerimentos para a comissão de trabalho e estudo dos açudes. Com essas frases já se pode traçar perfis de uma representação do sertão, que neste caso é um lugar seco, sem investimentos, sem cultivo, que necessita de ações para melhorar as condições de vida, pois a demanda é grande.

O Quadro 8 apresenta um panorama geral do uso de termos em todos os textos do A Penna, que ficou com uma média O/V de 2,7 valor positivo no quesito riqueza de vocabulário, mostra uma linguagem culta para um discurso engajado. Tendo as palavras *não*, *mais*, *nossa* e *nossos* como os termos mais repetidos, tal frequência indica um pensamento que ajuda a definir e defender um lugar, conseqüentemente um discurso, no caso dos pronomes possessivos; ou com a repetição do negativo, numa exposição mais verossímil da realidade. Uma fala da realidade que quase não usa o termo sertão para definir seu lugar, o que demonstra a representação que este estudo faz ao tomar o termo sertão. Para o autor, a palavra sertão não se faz necessária para descreve-lo.

Quadro 8 – Lista de frequência de palavras mais usadas nos três textos A Penna

palavra	frequência
não	17
mais	15
nossa	13
nossos	13
cultura	8
estado	8
lavoura	8
trabalho	7
estudos	6
seca	6
povo-população	6
açudes	5
decadencia	5
escravos	5
chuvas	3
crises	3
fome	3
sertão	3

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L.

O sertão aparece com três repetições, junto de chuvas e fome, dois elementos presentes, mas com menos prioridade, na descrição de lugar que Gumes faz. Vivia-se um estado de decadência, termo usado cinco vezes e por essa frequência se associa aos termos açudes e escravos, se associa ainda pela engrenagem social, as tecnologias de melhoria da comunidade em geral mais os braços escravos no labor com a terra. A seguir serão apresentadas as análises das unidades de registro e de contexto, das quais algumas foram escolhidas justamente pela frequência nos textos, na busca pelo que essa repetição pode revelar.

4.3.3 Unidade de Registro e Unidade de Contexto do jornal A Penna

As unidades de registro e de contexto selecionadas foram respectivamente as palavras e as frases, por se observar que são as palavras verdadeiras chaves que abrem os sentidos no decorrer do texto, isso nas duas fontes. As palavras mais frequentes acabaram por indicar o conteúdo e destaques do discurso do autor, indicando também algumas das palavras escolhidas como unidades de registro e as frases que intercalam a palavra como unidade de contexto.

Assim, as unidades de registro escolhidas para análise do A Penna foram: não; nossas |nossos; lavoura; seca; sertão. Os vocábulos não e nossa nosso entraram pela alta frequência nos textos, os demais pelo próprio contexto dos textos.

O termo *não* foi o mais usado nos três textos, dezessete vezes, revelando um cenário textual mais pessimista do que se supunha inicialmente, capaz de revelar um sertão tão real quanto se esperava. Alguns usos ultrapassam o sentido inicial e negativo do não, para demonstrar afirmativas do discurso de Gumes, uma contradição das representações. O não, se sustenta nos textos pela sua frequência na realização dos discursos, um não que nega, como não poderia deixar de ser, e outro não que afirma, forçando uma representação de força e possibilidade para o sertão. O termo não aparece oito vezes no Texto 1, quatro vezes no Texto 2 e cinco vezes no Texto 3.

O Texto 1 destaca-se pelo uso do não de forma a reforçar um sertão que existe na seca e não está em crise por conta dela, um sertão maior que sua condição natural, uma unidade de registro que reforça em suas unidades de contexto que o problema do lugar é maior que seu clima, como se observa no Quadro 9:

Quadro 9 - Unidades de contexto e de registro de não, no Texto 1, A Penna.

Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto
[...] a seca, esse flagelo assustador que nos visita sempre tomando, de tempos em tempos uma feição mais terrível,	Não	é a única e mais poderosa causa da nossa decadência[...]
É fora de dúvida, pois, que	Não	é somente a seca a causa das chamadas crises
[...] que o nosso estado atual	Não	é devido a seca. As riquezas naturais ahi estão, os campos de cultura, terrenos[...]
Ela (nossa situação) pode ser remediada, porque, como acima tornamos evidente, a nossa decadência	Não	é devida a esterilidade dos nossos terrenos e da ausencia das chuvas [...]

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org.: SANTOS, R.L.

A repetição do não, neste caso, acaba por repetir também o conteúdo do texto: o nosso estado atual (ou a nossa situação, ou a nossa decadência, ou as crises) não se deve à seca (nem a falta de chuvas, nem a esterilidade dos campos). Ao dizer isso ele afirma que o clima não é o culpado.

O Texto 2 apresenta quatro vezes a palavra não, conforme se apresenta no Quadro 10. Dessa vez o não traz em todos os contextos um saudosismo do sertão antigo. Um sertão que produzia, que tinha escravos de braços fortes e ainda tem terras, mas agora falta iniciativa, falta uma ação. Colocações que aparecem para mostrar o que tem no sertão e para chamar as pessoas a terem iniciativas, chamar para mudar o sertão.

Quadro 10 - Unidades de contexto e de registro de não, Texto 2, A Penna

Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto
Falta-nos o terreno proprio para todas as culturas? Faltam-nos braços?	não	existirão capitães? tudo isso possuímos, alguém nos contestara. O que nos falta é a iniciativa.
De anno a anno, a vassoura do tempo vae eliminando os vestigios de nossa antiga e grande lavoura, feita a custa de braço escravo, e, de futuro,	não	mais existirão esses attestados da actividade e real prosperidade.
Quantas reminiscencias	não	despertam em nossas mentes esses casos que se repetem, que icasticamente nos delineam um passado tão risonho para estabelecermos o contraste afflictivo que acima procuramos esboçar.
D'essa ruina que se generaliza denunciando a decadencia de um povo...oh!	não	podemos exprimir o que nos traz no coração.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org.: SANTOS, R.L.

No Texto 3 o uso do não foi todo referente a comissão de estudos para implementar os açudes, um texto mais informativo de acompanhamento das atividades coordenadas pelos engenheiros da capital. A principal contribuição desse contexto para a representação do sertão é a demanda real e crescente de tecnologias de armazenamento de água. Um sertão que apresenta seus requerimentos com pedidos de açudes, gerando uma demanda maior do que a prevista pelos trabalhos da comissão contra as secas, como se confirma nos trechos do Quadro 11.

Quadro 11 - Unidades de contexto e de registro de não, Texto 3, A Penna

Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto
Os resultados	não	se fizeram esperar: os requerimentos foram chegando a medo, por experiência, depois mais franca e confiadamente [...]
Dia-a-dia vae alargando-se o círculo de acção da Comissão,	não	bastando o seu pessoal para se dividir nas turmas que o trabalho exige no raio de trinta e quarenta leguas.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org.: SANTOS, R.L.

Outra passagem é também interessante, quando o texto vai caracterizar o sertanejo como alguém que já se acostumou as promessas não cumpridas, numa objetiva alusão às

promessas políticas e também a uma falta de crença por parte dos sertanejos para ações que venham da capital, como pode-se ler no Quadro 12,

Quadro 12 - Unidade de contexto e de registro de não, Texto 3, A Penna

Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto
[...] nosso desconfiado tabaréu já afeitos de prommessas que	não	passam de PROMMESSAS.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org.: SANTOS, R.L

No Quadro 12 o não é dito para reforçar que os tabaréus estão cansados, que tudo são apenas promessas, e, outra vez, é um não que afirma.

A segunda unidade de registro analisada vai juntar termos de mesmo sentido que expressam uma intimidade e identidade sobre o que se fala. Nossa, nossas, nosso e nossos somam 26 repetições que interessam à categorização, afinal indica uma relação direta com o sertão: de alguém que fala sobre um lugar, estando nesse lugar. Nessa análise pode-se perguntar: o que é nosso, relacionado aos textos do A Penna? A que se refere? O Quadro 13 traz as unidades de contexto dos termos nossa, nossas, nosso e nossos.

Quadro 13 - Unidades de contexto e de registro de nossa(s) e nosso(s), *corpus* A Penna

Unidade de contexto	Unidade de registro
<p>* [...]a secca, esse flagelo assutador que nos visita sempre tomando, de tempos a tempos uma feição mais terrível, não é a única e mais poderosa causa da nossa decadência e das crises alimentícias que temos soffrido.</p> <p>*[...]derivou-se quasi toda a nossa população para o sul.</p> <p>* [...] como acima tornamos evidente, a nossa decadencia não é devida a esterelidade dos nossos terrenos</p> <p>* [...] o Tempo vae eliminando os vestigios da nossa antiga e grande lavoura.</p> <p>*futuro prospero que depende da nossa actividade e esforço</p>	nossa
<p>* [...] assegurará o futuro das nossas industrias agricolas e poderá ser aproveitada a feracidade do nosso solo [...]</p> <p>* Quantas reminiscencias não despertam em nossas mentes esses casos que se repetem, que icasticamente nos delineam um passado tão risonho para estabelecermos o contraste afflictivo [...]</p>	Nossas
<p>*[...] reestabelecimento dos antigos hábitos do nosso agricultor.</p> <p>*[...] o nosso estado actual não é devido a secca[...]</p> <p>*[...] deve ser aproveitada a feracidade do nosso solo, outro capital valiosíssimo.</p> <p>*[...] prática o nosso desconfiado tabaréu já afeitos de promessas que não passam de promessas.</p>	Nosso
<p>*Há muitos annos, na primeira phase d'este nosso periódico, procuramos demonstrar e convencer os nossos leitores que a secca, esse flagelo assutador que nos visita sempre tomando, de tempos a tempos uma feição mais terrível, não é a única e mais poderosa causa da nossa decadência e das crises alimentícias que temos soffrido.</p> <p>*[...] nos anaes dos nossos sertões permanece como mancha negra [...]</p> <p>*[...] os nossos sertões estão ameaçados de morte [...]</p>	Nossos

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L

O uso dos pronomes nossa(s) e nosso(s) tem como acompanhantes substantivos variados, como se observa no Quadro 13, que podem se referir a um sertão físico: nosso clima, nosso terreno, nosso solo, nosso sertão; outros se relacionam à própria publicação A Penna: nossos leitores, nosso periódico, nossa asserção; substantivos que marcam o sertanejo: nosso tabaréu, nosso agricultor; ou que compõe o cenário político-social da época: nossa decadência, nossa população vai para o sul.

A unidade “lavoura”, repetida 8 vezes no total, acaba por resolver a grande questão do sertão, lugar onde a crise existe, mas a seca não é culpada, se o sertão tem os trabalhadores de volta, cultivando a terra com a lavoura, pode-se passar as secas com mais segurança e sem fome. A palavra lavoura, terá poucos usos associados ao valor positivo e ainda que parece um paradoxo, é positiva para a defesa do ambiente. Para mostrar o que se fala, pode-se observar o Quadro 14, com as unidades de contexto de lavoura e seus valores,

Quadro 14 - Unidades de contexto e de registro de lavoura, *corpus* A Penna

Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto	Valor
	[...]graças ao reestabelecimento dos antigos hábitos do nosso agricultor	que passaram as secas como as de 1870 e outras sem que sofressem as terríveis consequências da fome.	+
A	lavoura	reduzidíssima do alto sertão não produziria quanto era necessário ao abastecimento dos garimpeiros.	-
[...] a nossa resumida	lavoura	quase extinguiu-se e as classes pobres passaram pelo martírio da fome.	-
A escassez das chuvas de 1880 colheu nós a	lavoura	em extrema decadência e os tristes resultados que se deram	-
[...]o seu antigo senhor que, desanimado, abandonara a	lavoura	e as suas fazendas de cultura constituíram uma pesada carga de consumidores sobre os enfraquecidos ombros de uma diminutíssima classe produtora.	-

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L

Examinou-se que ao mostrar os tristes resultados da lavoura, seja pelo abandono dos trabalhadores em nome das minas, ou pela escassez das chuvas, João Gumes aponta que é com uma lavoura forte que se pode vencer a fome e outras estiagens. O autor percebeu e afirmou que a lavoura e a agricultura são importantes na contenção de uma crise ou decadência, reconheceu que o trabalhador rural, que a produção familiar, é parte do processo de autonomia do sertão, como é fundamental o retorno das práticas bem-sucedidas de cuidados com a terra.

A palavra seca é repetida por 7 vezes e se tornou uma unidade de registro, extraídas das seguintes unidades de contexto, organizadas no Quadro 15.

Quadro 15 - Unidades de contexto e de registro de seca, *corpus* A Penna

Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto
	Secca	esse flagelo assustador que nos visita sempre tomando, de tempos a tempos uma feição mais terrível, não é a única e mais poderosa causa da nossa decadência e das crises alimentícias que temos sofrido. [...]
[...] não é somente a	Secca	a causa das chamadas crises.
Seguiram-se anos relativamente bons porque o desaparecimento do diamante, o arrefecimento do primeiro entusiasmo deram lugar ao reestabelecimento dos antigos hábitos do nosso agricultor. É por isso que passaram as	seccas	como as de 1870 e outras sem que sofressemos as terríveis consequências da fome.
A nossa situação é mais que crítica: mas notará o leitor queremos demonstrar e provar como cremos ter demonstrado e provado que o nosso estado atual não é devido a	Secca .	
As crises de 1860, 1890, 1899 tiveram por que causa outros fatos que, em conjunto com a	secca	deram lugar a mortalidade da parte mais pobre e inativa da população [...]
Comissão de Obras Contra as	Seccas	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L

Nos trechos, ou unidades de contexto da palavra *seca*, ela aparece qualificada como o “flagelo assustador”, a que “nos visita sempre”, que “tem uma feição terrível”, mas “não é a causa da nossa decadência”, ou “das crises”. De novo, a escrita assume que o sertão é decadente, mas não associa a seca como causa desta decadência, fala da seca, mas para lhe tirar o peso de vilã do sertão, como quem pede atenção para outros problemas maiores a serem combatidos.

O escritor reconhece que a seca existiu, que sua comunidade passou por estiagens rigorosas, mas outro fator ajudou no fato de que a fome não deixasse suas terríveis consequências, no caso, o restabelecimento da agricultura. Assim como afirmou que a seca não é o mal do sertão, ele sugeriu uma alternativa para lidar melhor com a seca, mostrando que um antigo hábito sertanejo poderia amenizar a situação. Ainda que essa tomada de

consciência sobre as plantações só aconteça mediante o fracasso das minas de diamantes, e retorno dos trabalhadores para suas terras, ela se realiza e aponta uma possível solução, a agricultura. As secas são menos devastadoras se temos uma plantação estabelecida.

A relevância e a novidade ficam com a seguinte frase: “A nossa situação é mais que crítica: mas notará o leitor queremos demonstrar e provar como cremos ter demonstrado e provado que o nosso estado atual não é devido a secca”, e na relação que o texto assume de ter que informar, demonstrar e provar uma verdade sobre o lugar, assim como acreditam já ter demonstrado e provado. Uma relação entre o escritor e o jornal, uma bandeira que levanta em nome do sertão, demonstrando com palavras, com conteúdo impresso, que a seca não é o mal do lugar.

Como valor associado às unidades, resolveu-se usar os valores positivos e negativos referente a cada unidade de registro escolhida (BARDIN, 1979, p.). No caso das expressões alto sertão/sertão/sertanejo, usada 06 vezes nos três textos, as referências de valores achados foram, na maioria, negativas, como se pode observar no Quadro 16, colocando o sertão numa posição desfavorável, diminuída, através das seguintes colocações: “abandono dos ricos”, “lavoura reduzida”, “seca”, “morte por exaustão”. São qualificações para mostrar a situação daquele sertão, como mostra o Quadro 16.

Quadro 16 - Unidades de contexto e de registro de sertão(ões)/sertanejo, *corpus* A Penna

Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto	Valor
[...] lavras diamantíferas [...] arrastaram a maior parte dos ricos proprietários do alto	Sertão	para aquela riquíssima região.	–
A lavoura reduzidíssima do alto	Sertão	não produziria quanto era necessário ao abastecimento dos garimpeiros [...]	–
povo; n'estas alltas regiões do	Sertão	e especialmente no Districto de	–
do Eldorado; que os nossos estão	Sertões	ameaçados de morte por	–
Por educar, podemos até dizer domesticar, o	sertanejo.		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L.

Quando se refere ao sertanejo o autor diminui sua condição, colocando-o como alguém a ser educado, neste caso pode-se usar uma já citada unidade de contexto para explicar e contextualizar esta referência:

A princípio acolhidos com a reserva só (?) por em pratica o nosso desconfiado tabaréu, já afeitos de prommessas que não passam de prommesas, tiveram que lutar pela victoria sobre essa relutância. Por educar, podemos até dizer domesticar, o sertanejo (GUMES, 1913, p.1).

Do trecho transcrito percebe-se que João Gumes considera o sertanejo como um tabaréu cansado de promessas não cumpridas, com quem a comissão contra a seca deverá ter muita paciência e luta, para convencê-los sobre a seriedade da comissão. Seria preciso domesticar os sertanejos para que se eduquem e se relacionem bem com os engenheiros da comissão.

Importante, interessante e fundamental para esta pesquisa é perceber que por meio da análise de unidades de registro, o autor do texto sugere um perfil desse sertão, bem como acontece com as palavras mais repetidas, quando se pode perceber o sentido geral do texto. Mostra assim a coerência e quão oportuna é a técnica de separar por unidades menores o texto, revelando nos pedaços, uma ideia mais geral, como que o movimento de juntar pequenos pedaços de tecido, para costurar um grande cobertor.

4.3.4 Categorias de análise de conteúdo do jornal A Penna

Após as análises de convenções, das frequências dos textos e de suas unidades de registro e contexto, parte-se para as categorias, um recorte do texto de acordo com unidades de identidade do sertão, permitindo fazer conexões até então não tão evidentes. Bardin (1979) trata as categorias como unidades comparáveis para análise temática, como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento” (BARDIN, 1979, p. 117).

Para Bardin (1979), as categorias têm por principal objetivo salientar uma representação simplificada dos dados. Por meio das categorias o sertão se mostrou um pouco mais e nesta pesquisa elas foram agrupadas por temas que se referem ao sertão. O Quadro 17 mostra as qualificações de cada categoria para os três textos analisados do jornal A Penna.

Quadro 17 – Lista de Categorias de análise e as referências em cada texto, *corpus* A Penna

Categorias	Trechos dos textos que se relacionam à categoria	Texto
sobre o lugar	<p>(negativas)</p> <ul style="list-style-type: none"> *soalheira que escalda uma atmosfera *incômoda influência do sol em seu periélio, ardores do sol, zona tórrida *lavoura reduzidíssima, resumida e em extrema decadência *escassez de chuvas *seca 1899, triste Quadro do sertão, mancha negra e indelével *decadência, terrível, flagelo, crises, escassez de chuvas, seca, situação é mais que crítica *transporte difícil *lugar ameaçado de morte pela exaustão *desaparecimento da população trabalhadora pelo êxodo *emancipação dos escravos *campos abandonados, desertos, incultos <p>(positivas)</p> <ul style="list-style-type: none"> *riquezas naturais, campos de cultura, terrenos de feracidade incontestável *regiões propríssimas para a indústria pastoril <p>(febre do diamante)</p> <ul style="list-style-type: none"> *o escravo, que se retirava do eito mendigando *o senhor abandonara a lavoura <p>(agora)</p> <ul style="list-style-type: none"> *renova-se a febre da imigração 	Texto 1
	<p>(antes)</p> <ul style="list-style-type: none"> *quando possuíam escravos, tinham uma florescente lavoura extensiva *fazendeiros estudados, dedicavam-se ao estudo da indústria agrícola. *campos cultivados eram campos onde os menos cultos, que também dispunham de meios, iam buscar lições proveitosas. * na fazenda encontrava-se conforto, abundancia e prazer. <p>(agora)</p> <ul style="list-style-type: none"> *vida esteril de projectos, palanfrorios, aridas discussões *sobre a crise de agora, o silencio *o aqueducto sob as moitas de espinheiros * sobre o futuro, não existirão prova de prosperidade no sertão <p>(escravos - antes e agora)</p> <ul style="list-style-type: none"> *quando possuíam escravos, tinham uma florescente lavoura extensiva * o tempo faz esquecer da antiga e grande lavoura, feita a custo do braço escravo. 	

Lista de Categorias de análise e as referências em cada texto, *corpus A Penna*

Categorias	Trechos dos textos que abordam a categoria	Texto
características dos moradores	*trabalhadores livres que abandonaram desvairados o campo, em busca do minério/abandonam as culturas *renunciam a pátria/os lares *desprezam mulher e filhos *famílias e famílias, seguem em procura do Eldorado *ardiam na ambição do fácil enriquecimento” *os baianos válidos são os trabalhadores rurais, que imigraram para o eldorado	Texto 1
	*desconfiado tabaréo já afeitos de promessas que não passam de promessas	Texto 2
	(elite, estudado, com grandes propriedades) *constrangido pela situação de silêncio e morbidade do sertão atual. *a lavoura pequena fica com as classes menos favorecidas (sertanejos) e menos preparadas intelectualmente impulsionar a indústria de lavar o campo.	Texto 3
economia	*quem é pobre e inativo morre de fome	Texto 1
	os braços são capital muito valioso	Texto 2
sobre a produção agrícola	(negativos) (lavoura pela mineração) *abandono das culturas em troca da mineração *abandonado/deserto/inculto. *desaparecimento da população trabalhadora pelo êxodo *lavoura reduzidíssima do alto sertão não produzia quanto era necessário ao abastecimento dos garimpeiros *(1880) A escassez das chuvas de 1880 colheu nós a lavoura em extrema decadência (positivos) *(1870)reestabelecimento dos antigos hábitos do agricultor (lavoura) e por isso passaram as secas sem que sofressem as consequências da fome. (escravos) *e ano a ano, a vassoura do tempo apaga lembranças da antiga e grande lavoura, feita a custo do braço escravo	Texto 1
questões sociais	*as classes pobres passam pelo martírio da fome. *mortalidade da parte mais pobre e inativa da população.	Texto 1
	*esses trabalhos serão de incalculáveis vantagens: - imediatas e oportunas porque será dado trabalho a tantos braços que vão dispensar a sua actividade a outros Estados, e os braços são capital muito valioso	Texto 2
	*culturas eram como que campos de demonstração onde os menos cultos, que também dispunham de meios, iam buscar lições proveitosas.	Texto 3

Lista de Categorias de análise e as referências em cada texto, *corpus A Penna*

Categorias	Trechos dos textos que abordam a categoria	Texto
sobre o sul e sua gente	<ul style="list-style-type: none"> *esplendor e riqueza *o Eldorado *desacreditam do clima seco do sertão 	Texto 1
sobre as crises e problemas	<p>(seca)</p> <ul style="list-style-type: none"> *não é somente a seca a causa das crises *o nosso estado atual não é devido a seca. *a nossa decadência não é devida a esterilidade dos nossos terrenos *e a ausência das chuvas mas ao desaparecimento da população trabalhadora pelo êxodo <p>(sociais)</p> <ul style="list-style-type: none"> *de 1853 a 1860 houve escassez de chuvas, o transporte tornou-se difícil, a nossa resumida lavoura quase extinguiu-se e as classes pobres passaram pelo martírio da fome. *as crises de 1860, 1890, 1899 tiveram por causa outros factos que, em conjunto com a seca deram lugar a mortalidade da parte mais pobre e inativa da população. <p>(êxodo diamante)</p> <ul style="list-style-type: none"> *em 1860 chegamos ao cume da decadência porque as fabulosas riquezas das lavras diamantíferas da Chapada desde 16 anos atrás arrastaram a maior parte dos ricos proprietários do alto sertão para aquela riquíssima região <p>(êxodo sul)</p> <ul style="list-style-type: none"> *agora que renova-se, como já tem se dado em anos anteriores, a febre da emigração; que famílias e famílias, em procissão, seguem em procura do Eldorado. <p>(escravos)</p> <ul style="list-style-type: none"> *emancipação dos escravos em 1888 preparou-nos uma nova situação <p>(geral)</p> <ul style="list-style-type: none"> * nossa situação é mais que critica: *digna de sério estudo é a nossa situação 	Texto 1
	<p>(escravos)</p> <ul style="list-style-type: none"> *faltam-nos braços? *não existirão capitães? <p>(silêncio e falta de mobilidade)</p> <ul style="list-style-type: none"> *Tudo isso possuímos, alguém nos contestara. O que nos falta é a iniciativa. <p>(gerais)</p> <ul style="list-style-type: none"> *porque encontramos-nos agora n'este estado? *falta-nos o terreno próprio a todas as culturas? 	Texto 3

Lista de Categorias de análise e as referências em cada texto, <i>corpus</i> A Penna		
Categorias	Trechos dos textos que abordam a categoria	Texto
sobre o êxodo	*o esplendor e riqueza do Sul atraíam uma corrente de emigração dos baianos válidos. *a população vai para o sul e abandonam os campos de culturas, as fazendas, renunciados a pátria, os lares, desprezando as mulheres e os filhinhos. *famílias e famílias, em procissão, seguem em procura do Eldorado, os sertões estão ameaçados de morte. *a decadência não é devida a esterilidade dos nossos terrenos e a ausência das chuvas mas ao desaparecimento da população trabalhadora.	Texto 1
ações para convivência com a seca	*reestabelecimento dos antigos hábitos do nosso agricultor	Texto 1
	*trabalho da Comissão de Obras Contra as Secas *já tem sido estudados quarenta e tantos açudes, acham-se muitos em estudos e existem muitos requerimentos despachados. O número de pedidos aumenta progressivamente, e podemos garantir que em breve duplicará (escravos) *quando tinham escravos, tinham uma florescente lavoura extensiva.	Texto 2
	(antes) *homens cultos que possuíam extensas fazendas, dedicavam-se ao estudo e aperfeiçoamento da indústria agrícola. (agora) *a cultura do solo acha-se entregue as classes menos favorecidas e menos preparadas intelectualmente para impulsionar a lavoura. *o aqueduto ressequido some nas moitas.	Texto 3

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

Analisando as categorias dos textos do A Penna, a voz do autor João Gumes surge mais forte e presente, sob o olhar de uma pessoa escolarizada, de posses e acostumada a serviços escravos. Um olhar sobre a necessidade do trabalho braçal para manter as produções agrícolas e diminuir os problemas da seca, como a fome e o êxodo. As passagens do texto, que foram conteúdo das categorias, podem se dividir em antes e agora, sendo o tempo antigo, com o regime de escravidão ativo, um momento de fartura, de campos cultivados e produtivos. O agora, se refere ao período que os campos foram abandonados pelos fazendeiros, desanimados com o êxodo dos trabalhadores e a liberdade da mão de obra escrava. Uma lembrança do saudoso passado que produzia com base na escravidão

Nas falas sobre o sertanejo revela a mesma dicotomia, um sertão de homens ricos e estudiosos que mostram sua plantação para os de baixo intelecto, mas que ainda tem alguma propriedade. Neste trecho, o trabalhador sertanejo, que não pôde estudar e vende sua força

para o fazendeiro, é excluído da convivência social e da possibilidade de aprender, pois não tem meios:

Então, homens cultos que possuíam extensas fazendas, dedicavam-se ao estudo e aperfeiçoamento da indústria agrícola. As suas culturas eram como que campos de demonstração onde os menos cultos, que também dispunham de meios, iam buscar lições proveitosas (GUMES, 1913, p.1)

Para Gumes, os sertanejos que não tinham meios eram os que “ardiam na ambição do fácil enriquecimento”, que abandonavam o campo “desvairados”, renunciando a pátria e as suas famílias, ou seja, alguém sem os valores para com a nação, numa contraposição objetiva aos fazendeiros estudados. Assim, o problema social fica mais evidente com a análise das categorias. Os textos afirmam que muitos pobres, inativos e desfavorecidos morrem de fome há cada seca, os flagelados. É um ponto de vista de alguém que parece nunca haver passado fome, ainda que sentisse na pele o escalde do sol e da aridez, se mantinha forte o suficiente para escrever, trabalhar, ou viajar para outros centros abandonando suas fazendas e campos de cultivo. Classes sociais diferentes que passam de forma diferente pelo mesmo problema, a seca.

As categorias que foram classificadas como positivas valorizam as riquezas naturais, os campos de cultura, a fertilidade da terra e bom uso para agropecuária, num reconhecimento dessa terra como a grande riqueza do lugar. No entanto, a relação homem-natureza não se acerta, a falta de gente no campo torna toda essa riqueza abandonada, esquecida, com investimentos tomados pelo mato.

Para Moscovici (2009), parte da representação é sustentada pela ancoragem, o que para o autor é o mesmo que classificar e separar por nomes, um processo que se assemelha a análise de conteúdo quando decompõem os textos em categorias. Ancoram o processo de fixação da ideia, que este estudo considera uma ancoragem sobre os recortes feitos sobre o sertão, no *corpus* A Penna. Ao reconhecer o lugar como incomodo, decadente, ameaçado de morte, de riquezas naturais e feracidade incontestável, ou sofrendo da febre da imigração, João Gumes destaca representações diversas, únicas, que se formam a partir da relação dele com o ambiente. Os termos aparecem como sugestões de aproximar o ouvinte inexperiente, um discurso que vai ancorar-se na rigidez do clima e na riqueza da natureza.

Sobre as crises e problemas do sertão, as subcategorias mostram dados dos principais entraves do sertão da época do A Penna, a recém liberdade dos escravos e o êxodo em massa dos trabalhadores livre e dos demais, para encontrar o Eldorado. Reforça que a seca não é culpada pelas sucessivas crises, que na verdade a questão é organizar o trabalho com os

campos, ou que alguém tenha iniciativa de usar a terra e as formas de armazenar água, propostas que podem melhorar a condição da comunidade e morrer menos pobres.

Existiu uma ação de obras contra a seca, como lido no Texto 2, com o planejamento para construção de açudes em Caetité e região, só que, um ano depois, o autor declara os campos abandonados e os instrumentos para convivência, que outrora ajudavam como os aquedutos, estão em meio ao mato. Dos açudes, ele nem volta a citar, o discurso circula em torno do descaso e esquecimento do sertão naquela época.

O sertão representado por Gumes, por meio dos textos escritos no jornal A Penna, é um lugar seco e árido, povoado por famílias que acabaram de perder seus escravos para a liberdade e seus trabalhadores incultos para o êxodo, por isso acaba de cair na profunda decadência. As políticas públicas existem, poucas chegam até o sertão, mas quando chegam acabam por não cumprir o que prometem. O pouco de infraestrutura que existe está se perdendo pela falta de mão de obra que emigrou, ou seja, a maior parte da população.

Esta análise por categorias do A Penna foi cruzada com os resultados do Candeeiro, apresentados na seção 4.5 e antes detalhados na próxima seção 4.4.

4.4 Análise de conteúdo do jornal O Candeeiro

O contraponto da análise do jornal A Penna, foi o boletim O Candeeiro, com as seguintes edições:

Quadro 18 – Lista dos títulos dos textos analisados no boletim O Candeeiro

Texto	Título	Data
Texto 1	Não saio da minha roça não	Ano 7, nº 1982, novembro de 2014.
Texto 2	Tanque de pedra e quintais mais produtivos	Ano 7, nº 1081, agosto de 2013.
Texto 3	Riquezas de nossa Caatinga	Ano 7, nº 1080, agosto de 2013.

Fonte: Dados de Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

Os textos foram escolhidos foram determinados pelos textos do jornal A Penna, de acordo cada temática abordada. Aqui, o Texto 1 mostra como as tecnologias implementadas nas terras ajudam a manter os sertanejos em suas terras, evitando o êxodo para o sul. O Texto 2 trata das tecnologias para criação de animais. Já o Texto 3 mostra uma experiência de manejo da terra, ainda sem a tecnologia de convivência com o semiárido. Por se tratar de um veículo

da ação que implementa as tecnologias, os três textos mostram melhorias e benefícios dessas conquistas.

Os três textos são transcritos integralmente e apresentados nos Quadros 19, 20 e 21, a seguir:

Quadro 19- Transcrição do Texto 1 do boletim O Candeeiro

<p>“Não saio da minha roça não” Ano 8. nº1982 - novembro, 2014 – Caetité</p>
<p>“Não saio da minha roça não”, “Não saio da minha roça não”, fala com firmeza o senhor Joaquim Batista dos Santos, 41 anos, morador de Fazenda Cardoso, comunidade localizada a 30 km do município de Caetité. Essa certeza está presente na vida de seu Joaquim que vive há 16 anos nessa localidade, resistindo no semiárido e superando desafios.</p> <p>Uma das 30 famílias que convivem na Fazenda Cardoso e na comunidade vizinha, Contendas, é a de Seu Joaquim mostra a sua roça seu Joaquim, que mora com seus 2 filhos e a esposa, dona Noelide Alves Marques. Quem vê a diversidade de verduras, frutas e flores que existem na propriedade da família, não imagina que “quando começamos não tinha nada, nem energia, água e era tudo seco”, relembra seu Joaquim.</p> <p>O cenário agora é bem diferente e mudou ainda mais com a implantação da cisterna-calçadão, construída há 1 ano na propriedade dele e que já está quase cheia. As opções de acesso à água não eram muitas. Seu Joaquim conta que existia um poço artesiano comunitário que foi construído pela prefeitura e que não tinha horta antes da cisterna.</p> <p>Eles pegavam água, que era suja e ruim, em uma lagoa que fica a 250m da sua casa. Agora, quando chove, a realidade é outra: “a água vem, decanta e entra na cisterna”, explica ele. Ele e dona Noelide fazem questão de percorrer a propriedade e mostrar a produção de verduras, frutas, limão, alface, couve, abóbora, tomate, cenoura, beterraba, pepino, laranja. Já a palma é usada para alimentar os animais que eles criam.</p> <p>A alimentação da família vem do quintal, pois eles colhem tudo de casa e o excedente vende para os vizinhos. Seu Joaquim conta que nunca gostou de queimar a vegetação porque isso pode deixar o solo pobre e a participação no curso de SISMA (Sistema de Irrigação Simplificado e Manejo para Produção de Alimentos) do Programa Uma Terra e Duas Águas, na comunidade Contendas, em Caetité, confirmou como é possível cuidar da terra sem ações que agridem o meio ambiente. Nessa capacitação ele aprendeu também sobre os defensivos naturais, mas disse que ainda não precisou usar no seu quintal.</p> <p>Outra atividade que vivenciou foi a dos intercâmbios, sendo que um deles aconteceu em Araçuaí, em Minas Gerais, onde conheceu outros agricultores e agricultoras e aprendeu com a experiência deles e delas sobre a melhor forma de cuidar da terra. Nem sempre seu Joaquim pode se dedicar ao trabalho com a terra juntamente com a sua família. Para garantir a renda, ele trabalhou por 10 anos no corte de cana-de-açúcar em São Paulo e Mato Grosso. Ele revive na memória os momentos difíceis que passou: “ficava até 9 meses fora e vi colegas morrer. Era um trabalho sofrido, tinha o calor do sol e a distância da família. É muito brabo”.</p> <p>O trabalho no corte de cana foi interrompido porque seu Joaquim teve um sério problema de saúde e precisou se afastar dessa atividade. Dona Noelide conta que foi uma fase difícil, mas que ela se manteve firme e contou também a ajuda dos filhos. Mas, foi também nesse momento que o processo de construção da cisterna foi iniciado na sua propriedade e ele teve a oportunidade de ficar mais em</p>

casa e de se dedicar a algo que gostava. “A caixa foi uma benção de Deus para ocupar a minha mente; foi um divisor de águas na minha vida”, afirma seu Joaquim. O agricultor que se orgulha de onde vive e do esforço que faz para cuidar da sua família, do seu quintal e da sua saúde, diz para quem quiser ouvir: “eu gosto de ficar aqui e vamos melhorar cada vez mais.

Fonte: Dados de Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

Quadro 20- Transcrição do Texto 2 do boletim O Candeeiro

Tanque de Pedra e quintais mais produtivos
Ano 7 nº 1081 – agosto, 2013 – Caetité

Tanque de Pedra e quintais mais produtivos

Sertão adentro 60 km chegamos em Veredas dos Cais, distrito de Maniaçu, em Caetité. Uma comunidade que se parece com um lugar que já teve muita água, num terreno cheio de lajedos e chapadões, formando poços que acumulam água da chuva, mas que hoje estão secos, na pura estiagem. Por conta desse terreno, em 2009, a comunidade recebeu um Tanque de Pedra, tecnologia implantada pela ASA, para redução de danos durante a seca. O tanque chegou para a 5 famílias da região, na intenção de reservar água da chuva, limpa e apropriada para a produção de alimentos e de animais de pequeno porte.

Valdomiro Joaquim da Silva e maria Rosa do Bonfim moram com dois filhos em Veredas dos Cais e o tanque foi instalado em suas terras. Casal de agricultores que viram no tanque a felicidade de ter água fácil para as plantas e os animais.

No quintal de Maria só tinha palma, umas poucas cabeça de ovelha e duas árvores frutíferas. Depois do tanque ela ampliou a produção, investiu em fertilizantes naturais e agora plantam hortaliças, batata, bananeira, ervas medicinais, pimenta, milho, feijão, capim para ração, plantas ornamentais. Criam porcos, galinhas, peru, cocar, ovelhas e gado.

“Se tivesse chegado mais cedo era melhor” diz Maria. Antes do tanque, Valdomiro tinha que andar mais de 2 km para achar água para os animais, gastavam com a compra na feira e nem sabiam o que estavam comendo. “Agora é só alegria” diz ele. Não gasta muito na feira da cidade, consegue fazer reserva para investir na produção, tem água perto e encanada e a segurança da qualidade dos produtos. Até o café consumido pela família vem da produção do quintal, reduzindo muito a feira do supermercado.

Valdomiro usa o esterco das ovelhas para fertilizar as hortas, e os restos de folhas da horta para alimentar os porcos. Experiências trocadas durante os intercâmbios interestaduais e formações das comissões. Também fez uma adaptação com mangueira e garrafa plástica para puxar água no tanque para os canteiros.

Destaque para sua produção de ovelhas que conta com mais de 50 cabeças. O tanque de pedra possibilitou o aumento da criação, que antes era apenas de 5 cabeças, e um retorno melhor para a família. Para alimentar os animais ele tem a plantação e também um roçado, bem perto de casa, onde também fica o coxo. As ovelhas lhe rendem leite, carne e lã. Antes Valdomiro criava gado, porém a estiagem não deixou mais, ficou muito caro manter o rebanho. “A quantidade de água que um boi consome, agente mantém umas 8 ovelhas e com água perto, facilitou muito” confirma Valdomiro.

Um verdadeiro quintal de práticas agroecológicas, as terras de Valdomiro e Maria são bem cuidadas, não tem queimadas, nada de veneno ou sementes fortificadas industrialmente. Aqui o respeito pela terra usa defensivos e insumos naturais, toda folhagem varrida no terreiro é dispersada pelos pés de



café, como adubo, os restos de folhas servem para os pequenos animais e a economia da água fazem deste casal uma referência local de amor a plantação.

Fonte: Dados de Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

Quadro 21- Transcrição do Texto 3 do boletim O Candeeiro

Riquezas da nossa Caatinga
Ano 7 – nº 1080 – agosto, 2013 – Caetité

Riquezas da nossa Caatinga

A caatinga é um terreno que se mostra vivo e forte nos pequenos detalhes. Os que não tem olhos atentos e sensíveis para a natureza, podem até achar que este é um território sem vida, mas a verdade é que aí, na caatinga, existe muita riqueza.

Um bioma exclusivamente brasileiro e nordestino. Em Caetité, a caatinga é a vegetação predominante, que reforça o cenário do semiárido e onde atuamos com a ASA. Distante 35 Km da sede está a comunidade rural e quilombola de Malhada, lugar muito seco e onde mora Regina e sua família. Regina é casada, tem dois filhos, um quintal espaçoso, pouca água e muita vontade de plantar. Mesmo sem cisterna de produção, ela já tem um pomar, um pequizal e um viveiro de mudas, sustentados com seu amor e o resto de água que sobra do consumo familiar.

Buscando água num poço comunitário, usando garrafas plásticas como reservatório de gotejamento e reaproveitando do que usa quando lava a louça, Regina consegue manter vivo e verde seu quintal. Muita força e determinação em querer cultivar a terra.

“Se planta, molha e cuida, a terra dá! ” Afirma Regina e seu sonho de ter todo terreiro produzido. Neste ano, 2013, ela foi contemplada com a cisterna calçadão, que incentiva a produção e se enche de esperanças à espera da implementação e das chuvas, para continuar seus trabalhos com o cultivo da terra.

Como parte de suas produções encontramos maçã, pitanga, acerola, carambola, caju, manga, jamelão, palma, pimenta, coco licuri, pequi, hortelã, poeijo, arruda, alecrim e muitas outras variedades de plantas.

O viveiro de Regina está no começo, principalmente com mudas de ervas aromáticas e medicinais. Delicadas e bem cuidadas pela agricultora, as plantas já crescem e fazem novas mudas. Como parte da atenção ao viveiro, Regina fez um cercado, protegeu as mudas do sol, do vento e das galinhas, com telas em todos os lados, além de regar todos os dias.

Um dos destaques de sua produção, fica por conta do pequizal, uma planta típica de nossa região geraizeira, que gera o Pequi. O fruto que pode ser cozido no arroz, extrair óleo, ou até doces, demora alguns anos até sua produção plena. O pequizal de Regina está com 3 anos e começa a dar os primeiros frutos agora. Prova que o tempo é fundamental para os bons resultados. O tempo e a paciência.

E com paciência e muita criatividade Regina inventa tecnologias adaptadas à sua realidade, para molhar a plantação, ter mais produção no quintal e autonomia na alimentação da casa. O seu cotidiano vai lhe mostrando o melhor período de plantar e colher, e juntando sua intuição com sua experiência, vai ajeitando a terra. Motivação para toda família.

Como mais uma prova de mulher preñada, Regina ainda produz artesanato, fazendo lindas peças de crochê e chapéu de palha, que ela mesma planta, colhe e trança.

Regina tem muitos sonhos com relação a sua cisterna e todas as mudas que fará após sua instalação. Diz que aguarda ansiosa pelo dia que terá mais água e condições de cultivar todo o quintal.

Fonte: Dados de Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

Os textos foram escritos em 2013 e 2015, todos na terceira pessoa do singular, por pessoas diferentes. Sempre nesse formato de relato de experiências agroecológicas, com fotografias, entrevistas, descrição física do ambiente de linguagem simples e objetiva.

Nas próximas sessões pode-se acompanhar os resultados quantitativos e qualitativos das análises de conteúdo do Candeeiro, a começar pelas convenções.

4.4.1 Convenções estabelecidas para análise de conteúdo do boletim O Candeeiro

Para o Texto 1 chegou a uma relação O/V de 2,4 tendo um número de ocorrências de 614 palavras, e um número de vocábulos de 254. O Texto 2 resultou em 515 ocorrências, por 232 vocábulos, numa taxa O/V de 2,2 e o Texto 3 teve a menor relação O/V de 2,1, com o total de 518 ocorrência para 240 vocábulos. As taxas são próximas, como apresenta o Quadro 22,

Quadro 22 - Índices das Convenções dos textos O Candeeiro com valores das ocorrências e vocábulos

Texto	Nº de Ocorrências	Nº de Vocábulos	Relação O V
1. Não saio da minha roça não	614	254	2,4
2. Tanque de pedra e quintais mais produtivos	515	232	2,2
3. Riquezas de nossa Caatinga	518	240	2,1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L.

Por conta do público a quem se destina os impressos, agricultores e comunidades da zona rural, os textos são menores, mais enxutos, mas mantêm taxas O/V pequenas mostrando um conteúdo sem muitas repetições de palavras.

4.4.2 Frequências estabelecidas para análise de conteúdo do boletim O Candeeiro

Para falar da frequência de O Candeeiro, pode-se observar o Quadro 23, com as palavras mais repetidas nos três textos. Numa primeira leitura já se percebe semelhanças de tipos de palavras que se repetem nos três textos, como por exemplo os nomes próprios serem os mais repetidos mostra a colocação desse sertanejo (a) como protagonista, é sobre este trabalhador (a) rural que se fala, numa evidente valorização da ação do homem com o meio ambiente, que se confirma com as demais palavras mais escritas, conforme Quadro 23.

Quadro 23 - Lista de frequência das palavras mais usadas em cada texto O Candeeiro

Texto 1: Não sai da minha roça não” (OV: 2,4)		Texto 2: Tanque de pedra e quintais mais produtivos (OV: 2,2)		Texto 3 – Riquezas de nossa Caatinga (OV: 2,1)	
palavra	frequência	palavra	frequência	palavra	frequência
Joaquim	17	Água	10	Regina	10
não	10	Tanque	9	mudas	5
família	8	Ovelhas	6	muita	5
água	5	Valdomiro	6	planta	5
cisterna	5	animais	5	produção	5
minha	5	mais	5	caatinga	4
propriedade	5	produção	5	quintal	4
terra	4	família	3	terra	4
comunidade	3	feira	3	água	4
conta	3	não	3	cisterna	3
cuidar	3	pedra	3	pequizal	3
mais	3	quintal	3	cultivar	2
				família	2

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L.

No Texto 1 e Texto 3 a palavra mais repetida (10 vezes), foi um substantivo próprio, Joaquim e Regina, nomes que identificam alguém e que o tornam únicos. Bem como o Texto 2, que Valdomiro apareceu em quarto lugar (6 repetições). Como já dito, isso mostra o protagonismo de quem se fala, no caso, dos sertanejos que produzem em seus quintais e melhoram suas condições de vida e de suas famílias. Tanto que a palavra família apareceu nas três listas de frequência, numa evidente relevância para os entrevistados. Essa repetição indica ainda um comprometimento do autor para com sua fonte, conseguindo transcrever as prioridades do sertanejo (a).

A relação do homem com a terra, com o clima, com os animais foi comprovada com as frequências de alguns termos, como no Texto 1 as palavras água, cisterna, terra e cuidar foram as mais presentes. Água, tanque, ovelha foram as mais usadas no Texto 2, reforçando a relação do homem com a natureza. Para o Texto 3 obteve-se mudas, caatinga, terra, água e cisterna na lista das mais repetidas. Com as três análises de frequência o termo água ganhou força e se colocou como um ponto comum de quem mora no sertão. Uma água que precisa ser guardada, armazenada em tecnologias de convivência, exatamente a segunda referência apontada pela repetição: cisterna, tanque, cisterna, nos três textos respectivamente, sendo as palavras que descrevem tais tecnologias. Se tem onde guardar e se tem a água, o próximo passo é cultivar, seja a terra ou criar os animais, assim achou-se as demais palavras presentes no Quadro 23: terra, cuidar, ovelha.

O Quadro 24 mostra as palavras mais usadas nos três textos, ratificando a descrição do sertão e de sua gente, da importância da produção da terra, do quintal, por meio das cisternas e tanque de armazenamento.

Quadro 24 - Lista de frequência de palavras mais usadas nos três textos O Candeeiro

palavra	frequência
água	17
produção	13
família	13
Joaquim	8
terra	8
quintal	7
Regina	6
tanque	6
cisterna	6
plantas	5
animais	5
comunidade	3
ovelhas	3
Valdomiro	3

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L.

Assim os destaques que a frequência apresenta podem representar um sertão que precisa de água e que está começando a guardá-la para produzir sua terra, seus quintais. Um sertão de homens e mulheres que acreditam na produção familiar e seguem cultivando seus canteiros. Do texto de Gumes que pouco falava do sertão, passamos para o Candeeiro, que não usa o termo sertão para descrever as ações da ASA. De novo, a representação que o presente estudo busca do sertão pode estar acolhido na ausência de auto representações sob a perspectiva do sertão, o agricultor, que aqui chamou-se sertanejo, se vê como sertanejo, se percebe no sertão? Aqui a ancoragem não parte para um lugar nomeado sertão, mas para um lugar onde se vive e convive com um clima seco.

Algumas dessas palavras foram analisadas na seção 4.4.3, quando as unidades de registro e de contexto do Candeeiro serão apresentadas, dando unidade a todos os resultados achados.

4.4.3 Unidades de Registro estabelecidas para análise do Candeeiro

Esta seção traz as unidades de registro escolhidas do O Candeeiro, que refletem diretamente a lista de frequência dos impressos, sendo escolhidas as seguintes palavras: água, família, terra, quintal e cisterna.

Os primeiros resultados são da palavra água, usada 20 vezes nos três textos e verdadeiro símbolo do sertão, seja pela falta de água como questão original, ou seja pela chegada da água por meio das chuvas e pela possibilidade de estocagem, a água transforma a forma de viver do sertanejo(a) e acaba por guiar essa vida.

Uma visão presente nos textos é a de que antes de guardar água, a situação não era muito boa, sendo recorrente o recurso do antes e depois, ou do antes e agora, numa explícita comparação da situação com e sem água, como se pode observar no Quadro 25, com unidades de contexto que mostram esse valor da água para as comunidades

Quadro 25 - Unidades de contexto e de registro de água, *corpus* O Candeeiro

Texto	Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto
1	“Quando começamos não tínhamos nada, nem energia,	água	e era tudo seco” relembra seu Joaquim
1	As opções de acesso à	água	não eram muitas.
1	Eles pegavam	água,	que era suja e ruim em uma lagoa.
1	Agora, quando chove, a realidade é outra: “a	água	vem, decanta e entra na cisterna, explica ele (Joaquim)
1	A caixa foi uma benção de Deus para ocupar a minha mente; foi um divisor de	água	na minha vida.
2	Antes do tanque Valdomiro tinha que andar mais de 2 km para achar	água	para os animais, gastavam com a compra na feira e nem sabiam o que estavam comendo.
3	Regina é casada, tem dois filhos, um quintal espaçoso, pouca	água	e muita vontade de plantar.
3	Tem um pomar, um pequizeiro e um viveiro de mudas, sustentados com seu amor e o resto de	água	que sobra do consumo familiar.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L

Com poucas opções de acesso a água e muitas delas distantes das famílias, os quintais das famílias viviam secos, a água que consumiam era suja e ruim. Após as conquistas de tecnologias, as comunidades tiveram suas realidades mudadas, melhoradas. Percebe-se que a relação é de antes e depois da cisterna, exatamente como o divisor dos tempos de águas ruins e o tempo de águas boas, se antes era difícil, hoje se fala em benção.

Mesmo no Texto 3, que Regina ainda não recebeu a cisterna, ficou demonstrado a importância de economizar a pouca água para plantar e conseguir manter seu pomar vivo. Esses são contextos que mostram como era, como ficou e como se pode ajudar o sertão.

Das vinte ocorrências, duas não se referem à água em seu sentido denotativo, mas sim como conotação, como quando aparece do nome da ação Projeto Uma Terra Duas Águas, ou P1+2, quando as duas águas se referem as duas cisternas¹⁰ que as famílias recebem do projeto, e depois como figura de linguagem, quando afirma metaforicamente que a cisterna foi um divisor de águas em sua vida.

Com onze colocações nos três textos apareceu a palavra família, neste caso fundamental para a relação com o sertão e com o rural. A forma de viver no sertão tem relação direta com o cuidado com a família. De acordo as unidades, toda a comida consumida vem do quintal garantindo segurança alimentar para essas famílias, saúde e economia, pois consomem menos no mercado. Os conteúdos contextualizaram famílias que já viveram separadas pelo êxodo devido ao corte de cana, mas com a cisterna, as famílias se unem novamente em torno da agricultura. Seus usos e contextos estão no Quadro 26, no qual se pode observar também o uso da palavra para marcar a propriedade do lugar, ou seja, a terra que a família tem, onde vivem e de onde se mantêm.

10 A primeira cisterna é menor serve para consumo humano, a segunda tem mais capacidade de armazenar serve para agricultura e sedentação animal.

Quadro 26 - Unidades de contexto e de registro de família, *corpus* O Candeeiro

Texto	Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto
1	Quem vê a diversidade de verduras, frutas flores que existem na propriedade da	família,	não imagina que “quando começamos não tinha nada, nem energia, água e era tudo seco.”
1	A alimentação da família	família	vem do quintal, pois eles colhem tudo de casa e o excedente vende para os vizinhos.
1	Nem sempre seu Joaquim pode se dedicar ao trabalho com a terra juntamente com a sua	família.	Para garantir a renda ele trabalhou por 10 anos no corte de cana-de-açúcar em São Paulo.
1	“[...] era um trabalho sofrido, tinha o calor do sol e a distância da família.	família.	É muito brabo”
1	O agricultor que se orgulha de onde vive e do esforço que faz para cuidar da sua	família,	do seu quintal e da sua saúde, diz pra quem quiser ouvir: “ eu gosto de ficar aqui e vamos melhorar cada vez mais.”
2	Até o café consumido pela	família	vem da produção do quinta reduzindo muito a feira do supermercado
2	O tanque de pedra possibilitou o aumento da criação, que antes era apenas de 5 cabeças, e um retorno melhor para a	família.	
3	Motivação para toda a	família	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L

O último exemplo do Quadro 26, que mostra o trecho: “Motivação para toda a família”, é o cuidado e a forma como Regina cuida do quintal, que motiva as pessoas. Dentro dessa família, algumas pessoas assumem a responsabilidade, no texto 3 Regina é atuante e estimula sua família.

A palavra terra também foi usada onze vezes nos três textos e se relaciona diretamente com as primeiras, água e família. A terra é o lugar onde as famílias vivem, é a riqueza que elas têm e assim que a água chega, elas a cultivam para se manter. A terra recebe cuidados para se manter saudável e também deixar saudável todas as famílias sertanejas. Da terra seca à terra produtiva, as passagens do termo marcam, mais uma vez, o sertão que mantêm suas

famílias por meio do armazenamento de água e cultivo da terra, como demonstra o Quadro 27, com as unidades de contexto para terra.

Quadro 27 - Unidades de contexto e de registro de terra, *corpus* O Candeeiro

Texto	Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto
1	[...] é possível cuidar da	terra	sem ações que agredem o meio ambiente.
1	[...] conheceu outros agricultores e agricultoras e aprendeu com a experiência deles e delas sobre a melhor forma de cuidar da	terra.	
1	Nem sempre seu Joaquim pode se dedicar ao trabalho com a	terra	juntamente com a sua família.
2	Joaquim Valdomiro da Silva e Maria da Rosa do Bomfim moram com dois filhos em Veredas dos Cais e o tanque foi instalado em suas	terras.	
2	Um verdadeiro quintal de práticas agroecológicas, as	terras	de Valdomiro e Maria são bem cuidadas, não tem queimadas, nada de veneno ou sementes fortificadas industrialmente.
3	Aqui o respeito pela terra	terra	usa defensivos e insumos naturais [...]
	Muita força e determinação em querer cultivar a	terra.	
3	Se planta, molha e cuida, a	terra	dá! ” Afirma Regina e seu sonho de ter todo terreiro produzido.
3	[...] se enche de esperanças à espera da implementação e das chuvas, para continuar seus trabalhos com o cultivo da	terra.	
3	[...] juntando sua intuição com sua experiência, vai ajeitando a	terra.	Motivação para toda família.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org.: SANTOS, R.L

O termo terra assume o mesmo sentido de quintal, de roça ou campos, e vai caracterizar o lugar onde as famílias sertanejas vivem, onde plantam, onde criam animais. A propriedade da terra é uma segurança de ter seu lugar no mundo, de estar assegurado o futuro familiar. É na terra que se cria a família, os pontos se cruzam novamente, as unidades de registro puxam sentidos umas das outras.

Seguindo os contextos de terra separou-se a unidade de registro do termo quintal, que mostrou o lugar onde vivem e produzem os sertanejos. Quintal foi repetida dez vezes nos textos e fortalece o lugar da propriedade familiar, onde é possível plantar, colher, economizar e viver melhor. A relação dos contextos para quintal está no Quadro 28 e são todas de reconhecimento do cuidado e do orgulho para este lugar.

Quadro 28 - Unidades de contexto e de registro de quintal, *corpus* O Candeeiro

Texto	Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto
1	A alimentação da família vem do	quintal,	pois eles colhem tudo de casa e o excedente vende para os vizinhos
1	[...] ele aprendeu também sobre defensivos naturais, mas disse que ainda não precisou usar no seu	quintal.	
1	O agricultor que se orgulha de onde vive e do esforço que faz para cuidar da sua família, do seu	quintal	e da sua saúde [...].
2	No	quintal	de Maria só tinha palma[...]
2	Até o café consumido pela família vem da produção do	quintal,	reduzindo muito a feira do supermercado.
2	Um verdadeiro quintal	quintal	de práticas agroecológicas
3	Regina é casada, tem dois filhos, um	quintal	espaçoso, pouca água e muita vontade de plantar.
3	Regina consegue manter vivo e verde seu	quintal.	
3	Regina inventa tecnologias adaptadas à sua realidade, para molhar a plantação, ter mais produção no	quintal	e autonomia na alimentação da casa.
3	Diz que aguarda ansiosa pelo dia que terá mais água e condições de cultivar todo o	quintal.	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

Por fim, como unidade de registro analisou-se cisterna, com 7 presenças nos jornais. Um termo que pode ser sinônimo dos boletins O Candeeiro, cisterna se refere ao que mais beneficia o sertão atualmente, uma forma de marcar novas relações entre os sertanejos e seu lugar de vivências. Lembrando que o público dos textos são pessoas que recebem as implementações, tanto o público que lê, quanto o tema dos jornais, no entanto eles são produzidos, editados e finalizados pelos comunicadores da ASA, o que pode configurar assessoria de comunicação, justificando essa repetição da cisterna, tal qual uma divulgação de suas ferramentas. O que não significa que o termo perde força ou torna-se banal, ao contrário, mostra o efeito da ação (construção de cisternas) em comunidades sertanejas rurais, como algo concreto muda as realidades.

As unidades de contexto presentes no Quadro 29, ressaltam a aproximação com água, relação esperada, pois a cisterna é que guarda a água, estão fisicamente ligadas. Também sugere mais uma vez o sentido de antes e depois dela, a cisterna, como um marco de mudança.

Quadro 29 - Unidades de contexto e de registro de cisterna, *corpus* O Candeeiro

Texto	Unidade de contexto	Unidade de registro	Unidade de contexto
1	O cenário agora é bem diferente e mudou ainda mais com a implantação da	cisterna-calçadão,	construída há 1 ano na propriedade dele e que já está quase cheia.
1	Seu Joaquim conta que existia um poço artesiano comunitário que foi construído pela prefeitura e que não tinha horta antes da	cisterna.	
1	Agora quando chove a realidade é outra: “ a água vem, decanta e entra na	cisterna,”	explica ele.
1	[...] o processo de construção da	cisterna	foi iniciado na sua propriedade e ele teve oportunidade de ficar mais em casa e de se dedicar a algo que gostava.
3	Mesmo sem	cisterna	de produção, ela já tem um pomar, um pequizal e um viveiro de mudas [...].
3	Neste ano, 2013, ela foi contemplada com a	cisterna-calçadão,	que incentiva a produção [...].
3	Regina tem muitos sonhos com relação a sua	cisterna	e todas as mudas que fará após sua instalação.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

Cisterna, está para água, assim como a terra está para o quintal, todos juntos em torno de uma família, que movimenta esse lugar. As unidades sugerem também que a produção agrícola e a produção pecuária são o grande ponto de interseção entre essas famílias, pois são tão agricultores quanto sertanejos, já lidam com a terra desde qualquer denominação de sertão para o lugar onde vivem.

As unidades de registro e contexto do Candeeiro descrevem um sertão produtivo e praticante, que convive melhor com o clima, com mais mulheres à frente das famílias. São recortes que começam o processo de ancoragem das representações do sertão no leitor, vai-se nomeando para associar os sentidos.

4.4.4 Categorias de análise de conteúdo do jornal O Candeeiro

O Quadro 30 apresenta todas as categorias encontradas nos textos O Candeeiro e os trechos que justificam sua inserção. Categorias que são as mesmas definidas para o jornal A Penna, usando os mesmos parâmetros e características, o que permite um cruzamento real de códigos.

A categoria **sobre o sul e sua gente** foi suprimida deste quadro, pois não houve referência a este ponto em nenhum dos textos do Candeeiro.

Quadro 30 – Lista de Categorias de análise e as referências em cada texto, *corpus* O Candeeiro

Categoria	Trechos dos textos que se relacionam à categoria	Texto
sobre o lugar	(antes) *era tudo seco *poucas opções de acesso a água *água suja e ruim (agora) *a alimentação da família vem do quintal *vendem o excedente *quando chove, a realidade é outra: “a água vem, decanta e entra na cisterna” *Orgulho de passear pela propriedade e mostrar a produção de alimentos e os animais que criam.	Texto 1
sobre o lugar	*um lugar que já teve muita água, num terreno cheio de lajedos e chapadões, formando poços que acumulam água da chuva. (antes) *no quintal de Maria só tinha palma, umas poucas cabeça de ovelha e duas árvores frutíferas. (agora) *do tanque, ampliou a produção, investiu em fertilizantes naturais e agora plantam de tudo um pouco, criam animais. * “Agora é alegre *Não gasta muito na feira da cidade, consegue fazer reserva para investir na produção, tem água perto e encanada e a segurança da qualidade dos produtos, reduzindo o gasto no supermercado.	Texto 2

	<p>*existem verdadeiro quintais de práticas agroecológicas, as terras são cuidadas, não tem queimadas, nada de veneno ou sementes fortificadas industrialmente.</p> <p>*economia da água fazem deste casal uma referência local de amor a plantação.</p>	
características dos moradores	<p>*agricultores</p> <p>*moram em comunidades</p> <p>*seguem firmes perante as dificuldades</p> <p>*orgulho de onde vivem</p> <p>*vontade de melhorar (êxodo)</p> <p>*saem para o corte de cana São Paulo/Mato Grosso</p> <p>*viverem momentos difíceis fora de sua terra</p> <p>*trabalham no corte de cana-de-açúcar</p>	Texto 1
	<p>*mulheres que cuidam da família</p> <p>*tem sonhos</p> <p>*mulheres que plantam o quintal</p>	Texto 3

Lista de Categorias de análise e as referências em cada texto, *corpus* O Candeeiro

Categoria	Trechos dos textos que se relacionam à categoria	Texto
economia	*colhem tudo para consumo familiar e o excedente	Texto 1
do lugar	*até o café consumido pela família vem da produção do quintal, reduzindo muito a feira do supermercado.	Texto 2
sobre a produção agrícola	*diversidade de verduras, frutas e flores *quando começaram não tinha nada *produção de limão, alface, couve, abóbora, tomate, cenoura, beterraba, pepino, laranja, palma. *palma para animais. *não queima a vegetação *uso da terra sem produtos químicos	Texto 1
	(antes) só tinha palma, umas poucas cabeça de ovelha e duas árvores frutíferas. (agora) *depois do tanque ampliou a produção e investiu em fertilizantes naturais. *hortaliças, batata, bananeira, ervas medicinais, pimenta, *milho, feijão, capim para ração, plantas ornamentais. *criam porcos, galinhas, peru, cocar, ovelhas e gado *usa o esterco das ovelhas para fertilizar as hortas *restos de folhas da horta para alimentar os porcos *adaptação com mangueira e garrafa plástica para puxar água no tanque para os canteiros.	Texto 2
questões sociais	*trabalho no corte de cana-de-açúcar, longos períodos fora de casa, trabalho escravo e sofrido	Texto 1
	*tanque foi instalado para beneficiar 5 famílias da região *segurança da qualidade dos produtos consumidos pela família	Texto 2
	*autonomia na alimentação familiar	Texto 3
sobre as crises e problemas	(antes) *antes da cisterna não tinha nada, nem energia, água e era tudo seco *a água era suja e ruim, numa lagoa que fica a 250m da sua casa. *trabalho no corte de cana-de-açúcar	Texto 1
	(antes) *antes do tanque, tinha que andar mais de 2 km para achar água *gastavam com a compra na feira	Texto 2

Lista de Categorias de análise e as referências em cada texto, <i>corpus</i> O Candeeiro		
Categoria	Trechos dos textos que se relacionam à categoria	Texto
sobre o êxodo	*“Não saio da minha roça não *trabalho no corte de cana-de-açúcar, é muito bravo, morre gente *orgulho de onde vive “eu gosto de ficar aqui e vamos melhorar cada vez mais”.	Texto 1
ações para convivência com a seca	(antes) *não tinha horta antes da cisterna (agora) *cenário mudou com a implantação da cisterna/nova realidade *armazenar água para estiagem *oferece cursos de capacitação *intercâmbios de experiências entre agricultores/aprendizado *possibilidade de trabalhar com o que gosta/ficar mais em casa	Texto 1
	*adaptação com mangueira e garrafa plástica para puxar água no tanque para os canteiros. *produção de ovelhas *quintal de práticas agroecológicas *folhagem varrida no terreiro é dispersada pelos pés de café, como adubo, os restos de folhas servem para os pequenos animais *economia da água	Texto 2
	*sem cisterna de produção e com pomar, viveiro de mudas *uso do resto de água que sobra do consumo familiar *uso de garrafas plásticas como reservatório de gotejamento e *reaproveitando da água que usa quando lava a louça *quintal vivo e verde. *viveiro de mudas *pequizal	Texto 3

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R.L.

As categorias do Candeeiro confirmaram as análises anteriores sobre o periódico e suas ancoragens para uma representação de sertão, destacando um lugar que é cuidado por famílias agricultoras, marca um lugar antes e outro lugar depois das implementações de tecnologias de convivência, mas sempre foi habitado e de convívio da produção agrícola. A dificuldade de se viver com a seca e com pouca estrutura é lembrada em todos os textos do Candeeiro e reforçada quando se fala do passado, por exemplo: “Eles pegavam água, que era suja e ruim em uma lagoa que ficava a 250 m. de sua casa” (ASA, 2014). Ou ainda neste trecho: “Se tivesse chegado antes era melhor” (ASA, 2014). Um sertão que vive mais tempo com o verde por meio de ações sociais.

Percebe-se que o lugar continua povoado por pessoas dispostas a lutar pelo cultivo da terra e pela saúde de toda sua família, que agora vive e planta junta e recebe incentivos. A

principal aplicação das categorias do Candeeiro será na comparação com o A Penna, que se faz na seção 4.5, e na definição geral de um sertão, o motivo principal desta pesquisa.

4.5 Cruzamento de dados e resultado das análises de conteúdo do A Penna e do Candeeiro.

Os públicos a quem se destinam os dois veículos interferem diretamente no conteúdo de cada publicação, refletindo na diferença gramatical, de tamanho, de contexto, de assuntos e de escrita entre os textos. Sendo o jornal A Penna uma escrita mais formal, com menos repetições de palavras, o Candeeiro apresenta um contexto mais simples e direto, tem um formato fixo de relatar histórias de agricultores(as). O que se confirma nas relações de repetição de palavras entre os dois jornais, como mostra o Quadro 31, com as taxas de cada texto.

Quadro 31 - Índices das Convenções com valores das ocorrências e vocábulos, *corpus* da pesquisa

Dados do A Penna				Dados do O Candeeiro			
Texto	Nº de Ocorrências	Nº de Vocábulos	Relação O/V	Texto	Nº de Ocorrências	Nº de Vocábulos	Relação O/V
1.	790	354	2,231	1.	614	254	2,4
2.	622	314	1,980	2.	515	232	2,2
3.	462	231	2	3.	518	240	2,1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016. Org. SANTOS, R. L.

Mesmo que na época do A Penna existissem espaços públicos para leitura coletiva de notícias, a circulação dessas mensagens era restrita a ambientes cultos, parecidos com os ambientes de onde se escreve o jornal, longe dos trabalhadores dos campos afastando-se assim, de uma identidade com o sertanejo rural. Já o Candeeiro rodeia por todo sertão com personagens do sertão, que recebem seu jornal (São publicados 1000 de cada edição, normalmente divide entre a família e a entidade que produziu), replicam os conteúdos, ampliam as informações ao trocar experiências entre si e entre seus vizinhos, criando de imediato uma identidade entre o sertanejo e as narrativas do Candeeiro.

Dois substantivos usados, uma vez no A Penna e outra no Candeeiro, chamam atenção e sugerem uma evolução na autoestima do sertanejo: *constrange* e *orgulha*; destacados nos trechos:

De anno a anno, a vassoura do tempo vae eliminando os vestigios da nossa antiga e grande lavoura, feita a custo do braço escravo, e, de futuro, não mais existirão esses attestados da actividade e real prosperiidade dos nossos maiores. Isto nos *constrange* o coração (GUMES, 1913, p.1).

O agricultor que se *orgulha* de onde vive e do esforço que faz para cuidar da sua família, do seu quintal e da sua saúde, diz para quem quiser ouvir: “eu gosto de ficar aqui e vamos melhorar cada vez mais” (ASA, 2014).

No jornal A Penna, há um século atrás, o sertanejo letrado que escrevia sobre seu cotidiano, se declarou *constrangido* pela situação que se encontrava o sertão àquele tempo, afinal a máquina que mantinha a produção foi libertada e viajou para as capitais, na ilusão de ter sucesso na vida. João Gumes assume um lugar de fala que é exógeno ao sertanejo rural, ainda que fale como um sertanejo, é uma fala de privilégios. Cem anos depois, O Candeeiro escreve sobre um sertanejo que foi para a capital, sofreu, voltou, recebeu uma tecnologia do Governo, economiza a pouca água que tem, produz no quintal, alimenta toda sua família e, por tudo isso, se sente orgulhoso de suas conquistas. No Candeeiro, quem fala é um comunicador de fora, outro olhar exógeno sobre o sertanejo rural, no entanto, um olhar que dialogou diretamente com os ambientes e relatos dos sertanejos, com constantes transcrições de falas dos entrevistados(as) e imagens nas publicações.

Interessante notar que a palavra *economia* só aparece no Candeeiro, sem nenhuma referência de sentido parecido no A Penna. O substantivo aparece no boletim como uma forma de não desperdiçar e guardar água, a prática da economia divide com cada pessoa a responsabilidade do cuidado com a água, como mostra os trechos:

Aqui o respeito pela terra usa defensivos e insumos naturais, toda folhagem varrida no terreiro é dispersada pelos pés de café, como adubo, os restos de folhas servem para os pequenos animais e a economia da água fazem deste casal uma referência local de amor a plantação (ASA, 2013)

Mesmo sem cisterna de produção, ela já tem um pomar, um pequizal e um viveiro de mudas, sustentados com seu amor e o resto de água que sobra do consumo familiar (ASA, 2013)

Esta última passagem nem chega a mencionar a palavra *economia*, mas é exatamente o que acontece quando não se usa toda a água da casa, para que sobre e se possa molhar as plantas em meio a seca constante.

Enquanto que essa possibilidade de economia não era pensada pelo jornalista que tanto queria melhorar o sertão. A economia de água como prática muda o cenário da estiagem e da

convivência, numa relação mais simbiótica entre o homem e a natureza. Sendo o sertão tão diverso de sentidos, os detalhes que compõe sua representação revelam uma consciência adquirida com a experiência, um sertão que sabe a qualidade da sua terra, com pessoas que saem da condição de empregado e passam a ser produtores agroecológicos, invertendo o protagonismo local. Se no A Penna, o sertão dependia da bondade de homens tão nobres quanto os engenheiros da comissão de obras contra a seca, no Candeeiro os nomes de destaque nos textos são de quem já cuida da terra e faz pelo sertão.

O Quadro 32 apresenta as palavras e o número de vezes das repetições e revela o pilar do sertão e de sua gente, a água. Ela é a base da vida em qualquer lugar e no sertão se faz mais necessária, pois é também mais rara. Formas para guardar a água são procuradas pelos sertanejos desde o A Penna, com os pedidos para construção de açudes, existiam aquedutos e poços. O Candeeiro apresenta outras tecnologias, que foram aperfeiçoadas para melhor captação das águas de chuva, como cisternas e tanques.

Quadro 32 – Lista de Frequência das palavras mais usadas no *corpus* da pesquisa

palavra	frequência
água	20
nossa	15
família	13
nossos	13
produção	12
terra	12
Joaquim	11
trabalho	11
quintal	10
Regina	10
tanque	9
cultura	8

Fonte: Dados de Pesquisa. Org. SANTOS, R.L.

Palavras ligadas a agricultura e aos lugares secos são as que identificam e fixam o sertão do Candeeiro para seus leitores. As palavras: produção, terra, trabalho, quintal e cultura se associam à plantação e cultivo da terra, revela as representações de um sertão da agricultura, anterior até mesmo as nomeações de sertão. Os termos: água e tanque vão garantir que a seca não seja um problema, também são íntimos do lugar que tem falta de umidade.

Novamente se observa que, mesmo tratando de sertão, conceituando e localizando seus usos ao longo do tempo, os textos analisados não usam esse termo, sertão, para definir o lugar onde moram e onde produzem. No Candeeiro o sertão não aparece uma única vez, tratando

com uma outra particularidade do seu lugar. É o sertão representado de diversas formas. Para Moscovici (2009) a categorização organiza os conteúdos sobre o que se quer representar, no caso, o sertão. Assim se o texto analisado não fala do sertão, pode dizer muito sobre a visão que cada meio tem desse lugar sertão.

Nessa ancoragem permitida pelas repetições, o sertão se representa bastante igual, tanto no A Penna, quanto no Candeeiro, pois são lugares que vivem em famílias e da agricultura, sempre acompanhados do clima seco e árido.

Para uma organização visual da frequência das palavras em todo *corpus*, gerou-se a Figura 1, que traz em tamanho e destaque os termos mais usados, formando uma nuvem de frequência. Nela pode se ver a água em destaque, em seguida as palavras nossa, família, produção, terra, trabalho e lavoura entre as que mais vezes se repetiram, todas ligadas à preocupação, o cuidado e o labor com a terra.

nos periódicos, Caetité é a terra a ser cuidada, o lugar onde se vive, onde estão as famílias e os sertanejos, protagonistas de suas vidas.

Tanto no A Penna quanto no Candeeiro, fica certo que o sertão é um lugar quente e seco, que periodicamente a estiagem marca a terra. O sertanejo é forte, capaz de produzir a terra e com isso minimizar os efeitos da estiagem, não abandoa suas terras. Para as mulheres sertanejas existe um grande avanço de consciência, pois elas saem da condição de abandonadas com os filhos pelo marido, para a condição de provedora da família, de agricultora, empreendedora e artista. As passagens demonstram as duas únicas vezes que a palavra mulher foi citada no *corpus* da pesquisa:

Abandonados os campos de culturas, as fazendas, renunciados a pátria, os lares, desprezando as mulheres, e os filhinhos, derivou-se quasi toda a nossa população para o sul (GUMES, 1913, p.1).

Mesmo sem cisterna de produção, ela já tem um pomar, um pequizal e um viveiro de mudas, sustentados com seu amor e o resto de água que sobra do consumo familiar [...] Como mais uma prova de mulher prendada, Regina ainda produz artesanato (ASA, 2013).

Os homens também avançam no manejo com a terra, alternativas de armazenar e transportar a água; plantar a semente; molhar e fertilizar a terra. O sertão sai da situação de passivo frente ao ambiente, para a de cultivador dos quintais que produzem para toda família.

De uma ideia inicial, de que os dois veículos defendiam positivamente o sertão, chega-se ao final com a certeza de que sim, os jornais defendiam os sertões, mas de pontos de vista muito diferentes. Perceber isso ao longo das leituras e estudos, torna a pesquisa mais instigante e provocadora, capaz de revelar novas coisas a cada dado que se acha. Assim, o sertão é protagonista nos dois veículos e cada um expressa seu olhar de forma contundente.

O sertanejo representado no A Penna, tanto era o letrado que escrevia para pedir melhorias aos governantes, quanto era o escravo que produzia para os fazendeiros e latifundiários, é um sertão depende do trabalho escravo como força motriz. Após ganharem alforria, uma parte dos sertanejos, com sua ignorância, foram para longe e deixaram a classe rica sem ninguém para plantar, enquanto outros sertanejos percebem seu estado de decadência de seus cargos de mestre-escola, por exemplo. Isso causa uma instabilidade no sistema local e torna a situação do pós abolição crítica, de decadência, uma grave crise. O jornal não se esqueceu de contar que mesmo plantando para seus senhores, o sertanejo é quem morre de fome durante as secas. Trata-se de falar do sertanejo como alguém desprivilegiado de intelecto, ansioso por enriquecer facilmente, um desvairado que abandona seu dono, e de falar do sertanejo que tem braços fortes, para cultivar os áridos campos e abastecer as famílias ricas.

O sertanejo de agora, representado pelo Candeeiro, também são os netos dos escravos, que após serem libertados da escravidão, foram produzir suas próprias terras, para alimentar com segurança suas famílias e manter a sua cultura e a sua identidade. São pessoas que estudaram sobre a terra, que se adaptaram para viver melhor.

Conclusão

Sertão de muitas representações

O presente estudo **Significações do sertão em Caetité (BA) veiculadas pelo jornal A Penna e pelo boletim O Candeeiro** desconstruiu e reconstruiu textos para traçar uma feição do sertão e de sua gente.

O Jornal A Penna, do início do século XX, publicava textos críticos, artigos que falavam dos problemas sociais e políticos da época, num discurso que misturava a denúncia da situação local, a cobrança para que seus moradores, os sertanejos, não abandonem as terras e o apelo de infraestrutura aos políticos. O Candeeiro nasce da ação direta de entidades da sociedade organizada para convivência com o semiárido, um boletim que a cada edição compartilha uma história de sucesso da agricultura familiar beneficiada pelas tecnologias.

Textos escritos em épocas diferentes, por pessoas diferentes, que apontam situações conhecidas, mas também diferentes. Aqui pode-se perceber uma primeira representação do sertão feita pelos impressos, a de um lugar que planta e que cultiva a terra para viver melhor com ela. Uma categoria e ancoragem que permite identificar um sertão quente e seco, com um clima original que não deve mudar radicalmente, que vive da produção agrícola e pecuária.

Por meio da análise de conteúdo foi possível encontrar relações entre os textos estudados, entre cada jornal e o sertão, dados que apontaram para a representação de sertão que o projeto buscava. Primeiro as análises foram feitas de cada texto em separado, ainda que numa análise se faça menção da outra, as informações são específicas de cada texto. A seguir a junção das convenções, unidades de registro e categorias mais representativas de cada texto, dando um contorno do que venha a ser o sertão representado nestes dois impressos.

Pelas análises percebeu-se que por muito tempo o êxodo foi uma das poucas opções para melhoria das populações sertanejas, relatado nos textos A Penna, e que ainda pode ser solução entre os moradores do norte e nordeste do Brasil, nos textos O Candeeiro. Com o passar do tempo e o desenvolvimento das cidades, o trabalhador ganhou condições de cultivar sua terra e já não tem como única alternativa o êxodo, mudando o cenário sociocultural do sertão.

Pode-se traçar uma linha discursiva entre os dois veículos, no primeiro achamos as descrições de um sertão seco e sem investimentos, no segundo as narrativas de que recebeu investimentos e segue ampliando sua produção. Gumes descreve as crises e as decadências do lugar e divide com as secas a causa dos males, para ele se temos uma terra cultivada, educação

e investimentos do estado, muitos dos problemas são minimizados. Um século depois o Estado já incentiva, refletindo na produção do Candeeiro, como parte de um projeto financiado pelos governos federal e estadual, que funciona como as obras em favor do sertão, como poderia dizer João Gumes, e que agora se chama tecnologias sociais de convivência com o semiárido. Através do incentivo do Estado, com implementação de cisterna e hortas, com o cultivo da terra, e com formação sobre esse cultivo, o(a) trabalhador(a) pode permanecer na terra, não praticar o êxodo e estudar, práticas que buscava João Gumes. Parece um encaixe bem feito entre os dois textos e seus códigos.

Os relatos de João Gumes indicam uma situação sem muitas mudanças na época, para que algo acontecesse, se modificasse era preciso muito tempo. Acompanhando o jornal em 20 anos, pouco ou quase nada se alterou na cidade, ainda que se soubesse o que fazer, a reação para os escritos, era demorada, ainda mais no Alto Sertão baiano, enquanto o Candeeiro mostra uma experiência real, as implementações dos projetos P1+2 e P1MC, conquistas feitas na última década e que apresentam resultados de quase um milhão de cisternas construídas. Os textos do A Penna são de 1897 a 1915, um momento que muitos estudiosos procuram uma identidade para o país, alguns sugeriram que o sertão fosse essa identidade, um lugar do interior que representa o Brasil. Na prática poucos investimentos e cuidados dispensados são dispensados ao sertão e seu uso para a “indústria da fome”, argumento político de apoio às campanhas, constantemente denunciados no A Penna, o que justifica o pioneirismo do texto para a época, a força de seus argumentos e também a incompreensão do texto para muitos de seus leitores.

Reverendo as questões que estimularam toda esta pesquisa, pode-se encontrar dois sertões forjados pelas representações dadas por cada meio de comunicação. Para o A Penna, o sertão ancorado pelas palavras é mantido pelos agricultores escravos sertanejos, que trabalham para a elite sertaneja local. As análises revelam um sertão pautado no trabalho escravo para manutenção das famílias ricas.

No Candeeiro o sertão forjado é um lugar que se pauta na produção agrícola sertaneja como meio de sobrevivência da família, uma consciência dos moradores locais em torno de si e do lugar onde vivem. Os dois meios falam da produção como o sustento das pessoas que moram no sertão, a grande diferença é a quem o trabalho com a terra serve, se num momento o agricultor escravo planta para o senhor comer, noutra momento os agricultores livres plantam para sustento próprio. Uma diferença que amplia as representações do lugar, as significações que assumem ao se ancorar, ou fixar categorias.

As representações sociais se constituem das práticas, das ideias, dos valores que permeiam as pessoas e seus ambientes, para Moscovici (2009) elas ajudam a superar problemas e transformar para melhor seu redor. Cercado por muitos sentidos, o sertão é representado e significado dentro de um sistema de interações sociais e para cada assume um sentido único e forte, particular para cada sertanejo e sertaneja que assim se reconheça. Essas representações particulares vão integrar as pessoas aos seus mundos.

No caso dos textos analisados se definiu um sertão representado ali, sob as limitações da metodologia e do corpus. Ainda que a análise de conteúdo tenha cumprido com excelência o papel de reconhecer os sertões nos escritos, a metodologia tem brechas que deixam passar informações essenciais para a análise, percebidas após revisões e qualificações do texto. O *corpus* também pode ser considerado limitado, pois foi uma pequena amostra das publicações analisadas, que são muitas, abrindo espaços para outras tantas representações possíveis e descritas pelos periódicos. Tensões que todo estudo abriga e que torna o resultado mais consciente e real.

Em **Significações do sertão em Caetitê (BA) veiculadas pelo jornal A Penna e pelo boletim O Candeeiro**, mais que definir um tipo de lugar, no caso o sertão, o estudo buscou reconhecer formas de traduzir um povo e sua gente, procurou identificar o que se falava, como se falava e de que forma falava do sertão, para então, por meio das ausências, das frequências, das entre linhas desenhar uma representação de sertão existente nos textos selecionados.

Aqui afirmou-se que as representações têm vida própria, interagem e produzem novas representações. Ainda que se afirme que algumas representações acabaram virando estereótipos do sertão e do seu povo, elas fazem parte do cotidiano de quem está inserido neste lugar, por isso são ricas e transformadoras. Exatamente o que esta pesquisa se mostrou, transformadora e cheia de riqueza, ao lidar com termos tão orgânicos, quanto dialogismo, representações, sertão.

Essa dissertação foi conduzida por estudos, afetos, dados e identidades que fortaleceram a certeza de estar no caminho certo, ainda que não se soubesse onde ele iria dar. Agora com o estudo completo e encerrado, a sensação é de realização e de que ainda há mais coisas a investigar e descobrir sobre o sertão. Provocações que mantêm e manterão viva a ciência, que nos movem rumo ao futuro.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lielva Azevedo. **Agora um pouco da política sertaneja: a trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité 1885-1924)**. 2011. 163 fl. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) em História, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Santo Antônio de Jesus, 2011.

AGUIAR, Lielva Azevedo. **Entre o Sertão e a Capital: Caetité nas primeiras décadas do século XX**. Disponível em: < <http://www.iiisimposio/31.pdf>>. Acesso em: 05/ 2015.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011

AMADO, Janaina. **Região, sertão, nação. Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.arquivocaetite.ba.gov.br/conteudo/historico/>>. Acesso em: 10 /08/ 2016.

ASA, Articulação Semiárido Brasileiro. **Declaração do semi-árido propostas da articulação no semi-árido brasileiro para a convivência com o semi-árido e combate à desertificação**. Recife, 1999.

ASA, Articulação Semiárido Brasileiro. **Folder do Programa Uma Terra Duas Águas (P1 + 2)**. 2013.

ASA, Articulação Semiárido Brasileiro. **Site ASA**. Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/portal/Default.asp>>. Acesso em: 10/10/2015.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
AZIZ, AB' SÁBER. **“Os Sertões – A originalidade da terra”**. Ciência Hoje, v.3, n.18, p.12-56, 1985.

AZIZ, AB' SÁBER. **Floram: Nordeste Seco**. Estudos Avançados [online]. 1990, vol.4, n.9. May/Aug.1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000200007>. Acesso em: 27/04/2015.

AZIZ, AB' SÁBER. **Os domínios de natureza no Brasil – potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Atelier Editorial, 2003.

AZIZ, AB' SÁBER. **Sertão e sertanejos: uma geografia humana sofrida**. Disponível em: < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAerPUAI/sertoes-sertanejos-aziz-ab-saber>>. Acesso em: 27/04/2015.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desportos do Estado (SECULT), 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROSO, Gustavo. **Vida e História da palavra sertão**. Salvador: UFBA. Centro de Estudos baianos. Núcleo Sertão, 1983. (Transcrição de: BARROSO, Gustavo. À margem da história do Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962, p. 9-17) apud NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta. Caminhos do Sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia. Editora Arcadia, 2007.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2. ed., 2002.

BENTES, Ivana. **Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome** (org.) Ecos do Cinema - de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 191, 2007.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Trad. Floriano de S. Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BIZZOCCHI, A. L. **Por uma distinção fundamental entre etimologia e Lexicogênese e suas repercussões na organização macro e microestrutural dos dicionários etimológicos**. Cadernos de Estudos e Pesquisas UNIP – Série Estudos e Pesquisas, Ano II, n.º 1-007/96, 1996.

BONOMO, Mariana. **Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias**. 469 Fls. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo. VITÓRIA, 2010.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BURSZTYN, Marcel. (org.). **Ciência, Ética e Sustentabilidade: Desafios ao Novo Século**. São Paulo: Cortez, 2001.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha (1500)**. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 16/07/2016.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Disponível em: < <https://oslusíadas.org/>>. Acesso em: 12/05/2015.

CAPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. **Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências**

sociais. Organizações rurais e agroindustriais, v. 5, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/251>>. Acesso em: 12/05/2015

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CASTRO, Iná Elias de. **Natureza, imaginário e a reinvenção do Nordeste**. In: ENCUENTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 8, 2001, Santiago. Resúmenes... Santiago: Universidad de Chile, 2001. Disponível em: <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomico/Geografiadelapoblacion/08.pdf>>. Acesso em: 24/04/2015.

CEREJA, William Roberto Cereja; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Revista das revistas. Estudos Avançados v.11, n.5, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COELHO, Lílian Reichert; SANTOS, Lourivânia Soares. **Representação Social e Discurso Sobre o Sertão Nos Jornais De Salvador**. Revista Internacional de Folkcomunicação. v. 6, n. 12, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/642/469>. Acesso em: 01/12/2016.

COSTA, Maria Ivanúcia Lopes da Costa. **Discurso e relações de poder: uma análise da rotina produtiva do jornal de fato**. 2013. 91 fl. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Pau dos Ferros- RN, 2013.

CUNHA, Euclides da. (1902). **Os Sertões**. São Paulo: Nova Cultural LTDA, 2002.

CUNHA, Antonio Geraldo da. (org.). **Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha. (Dicionário da Língua Portuguesa – Textos e Vocabulários, 3)**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1964.

DELVAUX, Marcelo Motta. **As Minas imaginárias [manuscrito]: o maravilhoso geográfico nas representações sobre o sertão da América portuguesa - Séculos XVI a XIX**. 2009. 267 fl. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.

DEMETRIO, Everton. **Da alegria e da angústia de diluir fronteiras: o Sertão de Guimarães Rosa e as narrativas de formação nacional**. 2012. 139 fl. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) em História, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Paraíba. 2012.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, s/d.

DURKHEIM, Emile. **As Regras do método Sociológico**. SP: Ed. Nacional, 1978.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

ELLIS, Rachel; MASCARO, Gabriel. **Boi Neon**. Produção de Rachel Ellis. Direção de Gabriel Mascaro. Brasil. 2015. HD, longa metragem ficção, 101’.

FERNANDES, Mariane de Oliveira. **Os conceitos de Território e Lugar na Contemporaneidade: a produção nas teses de pós-graduação em Geografia de 2001 a 2011**. 2013. 155 fl. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) em Geografia e Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Os segredos do sertão da terra: um longe perto**. Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v. 3, no 2, 2004, p. 25-39. Disponível em: <http://www2.uefs.br/leguaemeia/2/2_25-39longe.pdf>. Acesso em: 10/10/2015.

FERREIRA, Lenilson Ferreira. **O prazer etimológico em Sigmund Freud**. Cad. psicanal. vol.34 no.26 Rio de Janeiro jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000100011>. Acesso em: 10/04/2016.

FILHO, Fadel David Antonio. **Sobre a palavra “sertão”: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da Ciência Geográfica)**. In: Ciência Geográfica - Bauru - XV - Vol. XV - (1): Janeiro/Dezembro, 2011. Disponível em: <http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versao_internet/AGB_dez2011_11.pdf>. Acesso em: 27/04/2015.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 12 edição. São Paulo : Edições Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010

GALVÃO, Walnice Nogueira. “**Metamorfoses do sertão**”. In: Estudos Avançados. v. 18 n. 52. São Paulo, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GERALDO CUNHA, Antônio. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

GIBBS, Graham. **Análise de Dados Qualitativos**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5a ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6a ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar./Abr. 1995.

GONÇALVES, Carlos Alberto. **Análise de conteúdo e Análise de discurso nas ciências sociais**. Organizações Rurais & Agroindustriais - Revista Eletrônica de Administração da UFLA, v. 5, n. 1 (2003). Disponível em: <<http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/251>>. Acesso em: 09/04/2016.

GREGOLIN, Maria. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo v. 4, n. 11, 2007.

GUARESCHI, Pedrinho A. (org.). **Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUMES, João. **Exodo**. A Penna. ano I, número 2. Caetité (BA): Typographia Gumes, 1912.

GUMES, João. **Açudes** A Penna, ano II, número 19, Caetité (BA): Typographia Gumes 1912.

GUMES, João. **A Lavoura – seu estado actual**. A Penna, ano II, número 28, Caetité (BA): Typographia Gumes, 1913.

GUMES, João. **Açudes - Trabalhos da comissão de obras contra as secas**. A Penna, ano II, número 40, Caetité (BA): Typographia Gumes, 1913.

GUMES, João. **Do presente ao futuro** A Penna, ano II, número 114, Caetité (BA): Typographia Gumes, 1916.

GUMES, João. **Os analfabetos**. Bahia: Escola Typographica Salesiana, 1929.

GUMES, João. **O Sampauleiro**. Caetité: Typographia Gumes, 1929.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. Vol. 1. São Paulo: 34, 1996.

LEITE, Cristina Maria Costa. **O Lugar e a Construção da Identidade: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental**. 2012. 239 fls. Trabalho de conclusão de curso (Doutorado) em Educação, Universidade de Brasília, 2012.

LÉVY-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Editôra Anhembi Limitada, 1957.

MAIA, Rosane Tolentino. **A importância da disciplina de metodologia científica no desenvolvimento de produções acadêmicas de qualidade no nível superior**. Revista Urutágua. Revista acadêmica multidisciplinar (DCS/UEM). n°14 dez.07/jan./fev./mar.2008. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/014/14maia.htm>>. Acesso em: 15/08/2016.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. **O sertão no interior da máquina do mundo**. Revista UFG, Ano 8, no 2, Dezembro de 2006, Goiânia. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006/textos/sertao_maquina.pdf>. Acesso em: 15/04/2015.

MELLO, Adriana Ferreira de. **O “lugar sertão”: grafias e rasuras**. 2006. 131 fls. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) em Geografia, Belo Horizonte, MG, 2006.

MENDES, G. F.; ALMEIDA, M. G. de. **Território e lugar nas representações do Sertão da Ressaca, Bahia, Brasil**. Cuadernos de Geografía. Bogotá, n. 16, p.39-47. 17 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/rcg/article/download/10158/10683>> Acesso em: 10/12/2016

MENDES, Geisa Flores. **Sertão se traz na alma? Território/Lugar, memória e representações sociais**. 2009. 250 fls. Trabalho de conclusão de curso (Doutorado) em Geografia, Universidade Federal De Sergipe – UFS, Saõ Cristóvão, SE, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **O Sertão - um “outro” geográfico**. Terra Brasilis [Online], 4 - 5 | 2003. Disponível em <10.4000/terrabrasilis.341>. Acesso em: 03 Fevereiro 2017.

MORAES, A. C. R. de. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MORIGI, Valdir José. **Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos**. Disponível em: <http://www.assimcomunicacao.com.br/revista/documentos/MORIGI.pdf>>. Acesso em: 12 set 2016.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Sobre as Representações Sociais**. Núcleo de Psicologia Social do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina: Mimeo, 1985.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis RJ,: Vozes, 2009.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. **Documentos e Debates: Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios**. RAC, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>>. Acesso em :15/09/2016.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Escravidão, Pecuária e Pólicultura Alto Sertão da Bahia, século XIX**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

NEVES, Erivaldo Fagundes (org.) MIGUEL, Antonieta (org.). **Caminhos do Sertão - Ocupação Territorial, Sistema Viário e Intercâmbios Coloniais dos Sertões da Bahia**. Salvador: Editora Arcadia, 2007.

NOGUEIRA, Maria Lúcia Porto Silva. **A norma dos “bons costumes” e as resistências femininas nas obras de João Gumes (Alto Sertão baiano –1897 a 1930)**. 2010. 178 fls. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) em História, pela Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Ricardo. **Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo**. Revista Brasil História, São Paulo, vol.22 no.44, p.511-537, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200012>. Acesso em: 10/10/2015.

ORLANDI, Eni. **Vão surgindo os sentidos: discurso fundador**. Campinas: Pontes, 1993.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed., 2006.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **Literatura e cinema: Vidas Secas**. DARANDINA revisteletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF – volume 1 – número 2. Juiz de Fora, MG. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/artigo041.pdf>>. Acesso em: 13/01/2016.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PIEL, Joseph. **Sobre a origem de sertão palavra testemunho dos Descobrimentos**. Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, Lisboa, vol. IV, 1961, p.323 apud FERREIRA, Jerusa Pires. Os segredos do sertão da terra: um longe perto, Intermídias, n 8, 2008.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. **Hommes de Lettres na “Corte do Sertão”: João Gumes e a escrita social**. Veredas da História. Ano IV – Ed. 2. p. 151 a 169, 2011.

PRADO JR., C. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PUGLIESE, André. **Comunicação: reflexões sobre a mídia e a linguagem**. Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia I Encontro de História da Mídia da Região Norte Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/Comunicacao%20reflexoes%20sobre%20a%20midia%20e%20a%20linguagem.pdf>> Acesso em: 11/12/2016

QUINTELA, Naidison. **"A ASA torna as pessoas que são geralmente ouvintes em sujeitos do processo de comunicação"**. Entrevistadoras Verônica Pragana e Gleiceani Nogueira - ASACom. ASA Brasil, dez. de 2010. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/imprensa/asa-na-midia?artigo_id=545> Acesso em: 05/12/2016
. Entrevista.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 88a ed. São Paulo: Record, 2003.

REIS, Joseni Pereira Meira. **Instâncias Formativas, modos e condições de Participação nas culturas do escrito: o caso de João Gumes (Caetité-BA, 1897-1928)**. 2010. 196 fls. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

REIS, Maria da Conceição Souza. **O Sampauleiro: romance de João Gumes**. 2004. 513 fls. Trabalho de conclusão de curso (Doutorado) em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

RICHARDSON, R.J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo, Atlas, 1985.

RONCARI, Luiz. **Lugar do Sertão**. Revista UFG, Ano 8, no 2, Dezembro de 2006, Goiânia. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006>. Acesso em: 15/04/2015.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Editora Nova Aguilar, 1994.

SALES, Cristiano Lima. **Grande Sertão: Veredas, “lugar de memória” e ponte para a história de uma Minas Gerais esquecida**. Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM ISSN: 2238-6424 N°. 02 – Ano I – 10/2012, p. 1 a 17. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM Minas Gerais, 2012.

SAMPAIO, Teodoro. O rio São Francisco e a Chapada Diamantina. Bahia: Progresso, 1938.
SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SCHÄFE, Fábio Maurício. **Imagens e identidades em os Sertões, de Euclides da Cunha, e Guerra de Canudos, de Sérgio Rezende**. 2001. 133 fls. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO. Disponível em: <<http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>>. Acesso em: 10/07/2016.

SILVA, Carla Adelina Craveiro. LEITE, Marcelo Eduardo. **Vidas Secas: o Sertão nas Fotografias de Evandro Teixeira**. Discursos fotográficos, Londrina, v.10, n.17, p.177-194, jul./dez. 2014 | DOI 10.5433/1984-7939.2013v10n17p177. <Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/17515/15776>>. Acesso em: 20/06/2015.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o Combate à Seca e a Convivência com o Semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento**. 2006. 298 fls. Trabalho de conclusão de curso (Doutorado) pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Regionalismo: a formação do conceito de nordeste**. VI Encontro Anual da ANPOCS, Nova Friburgo, RJ, 1982. In: CARVALHO, Ricardo E. Ismael de. A invenção do Nordeste na obra de Gilberto Freyre e de Celso Furtado. In: Anais do XII Encontro Regional de História – ANPUH. Rio de Janeiro, 2006.

SOUSA, Maria Aparecida S. de. **A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2001.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. **Viagem pelo Brasil:1817-1820**. 4 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora USP, 1981

Taberna da História do Sertão baiano. Disponível em: <<http://tabernadahistoriavc.com.br/jornal-a-penna/>>. Acesso em: 13/09/2015

TELES, Gilberto Mendes. **Coloque Internacional de Rennes**. France, 1990, apud VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. In: Sociedade e Cultura 1 (1). 41-54. jan/jun. ,1998.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VASCONCELOS, Márcio. **Na Trilha do Cangaço - Um ensaio fotográfico pelo sertão que Lampião pisou**.2010. Disponível em: <<http://www.natrilhadocangaco.com.br/ensaio.php>> Acesso em: 07/12/2016.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VIANA, Nildo. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. Baurú: EDUSC, 2008.

VIARO, Mário Eduardo. **Uma breve história da Etimologia**. Filol. Linguíst. Port., São Paulo, v. 15, n. spe, p. 27-67, dez. 2013, ISSN 1517-4530. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/flp/article/view/82818/85771>>. Acesso em: 20/05/2016

VICENTINI, Albertina. **O sertão e a literatura. Sociedade e cultura**. Goiás, vol.1, n.1, jun.1998. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/1778/2139>>. Acesso em: 10/03/2016.

VICENTINI, Albertina. **Regionalismo literário e sentidos do sertão**. Sociedade e Cultura, v. 10, n. 2, Jul./Dez. 2007, p. 187-196. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/3140>>. Acesso em: 27/02/2015.

VILLELA, Heloísa. **O mestre-escola e a professora**. In: LOPES, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano; VEIGA, Cynthia (orgs.) 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.95-134.

WIED-NEUEWIED, Maximiliano. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1989.

Wikipédia: sertão. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o>>. Acesso em: 20/04/2016.

GLOSSÁRIO

Glossário de palavras encontradas no *corpus* da pesquisa

Vocábulo	Significado
Aqueduto:	Canal, adutora
Arrefecimento:	Desanimo, abatimento, esmorecimento
Asserção:	Afirmção, alegação
Desídia:	Descuido, negligência
Icasticamente:	Ícônico
Mandatário:	Delegado, procurador, representante
Palanfrórios:	Falatório
Perihelio:	Próximo ao sol
Sardônico:	Falso, forçado, irônico
Soalheira:	Calor, ardor

ANEXOS

ANEXO A – Impressão da digitalização do impresso A Penna – Texto 1

A PENNA

ORGAN DOS INTERESES COMMERCIAES, AGRICOLAS E CIVILISADORES DO ALTO BRASILEIRO

REDACTOR: JOÃO GUNDES

PROPRIETARIO: GUNDES & FILHOS

ANNO I

CARTETÉ—TERÇA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1912.

NÚMERO IV

EXONO

Ha muitos annos, na primeira phaza d'esta nossa perihodo, procuramos demonstrar e convencer os nossos leitores que a secca, essa flagello assustador que nos visita sempre tomando de tempo a tempo uma folção mais terrivel, não é a unica e mais poderosa causa da nossa decadencia e das crises allmenticias que temos soffrido.

Para muitos dos nossos leitores, avancamos um paradoxo, e o riso sardonico tomou a resposta que obtemos essa nossa asserção.

Continuamos, porém, nesse modo de pensar e, mais uma vez, vamos ventilar essa questão. É bem verdade que não ha situação mais incommoda do que a nossa sob uma scallheira que escaida uma atmosphera que abafa e até aos mais fortes espiritos leva ao desanimo e dislipencia. Porém bom pouco annos se passaram sem que experimentemos essa incommoda influencia do sol em seu perihello, não que havíamos a zona torrida. Poderíamos morrer de insolação; porém até o presente, ainda não registramos um caso d'esse terrivel phenomeno, o que vem em abandono do nosso clima tão deshereditado pelas sulistas, que estão constantemente a succumbir sob os ardores do sol.

É fora da duvida, pois, que não é momento a secca a causa das chamadas crises, e pudimos até avançar que ella concorre como um dos menos importantes factores para a fome.

Ja em outra epocha procuramos demonstrar que as crises de 1860, 1869 e 1890 tiveram por causa outros factores, que, em conjunto, com a secca deram lugar a mortalidade da parte mais pobre e inactiva da população, a qual sem recursos, sem uma segura deliberação, permanecia longe de seus lares em busca da caridade publica.

Em 1860 chegamos ao auge da decadencia porque as fabulosas riquezas das lavras diamantiforas da Chapada desde 15 annos atraz arrastaram a maior parte dos ricos proprietarios do alto sertão para aquella riquissima região. Com elles seguiram os seus escravos e muitos transmutados livres que abandonaram as culturas de-valorado pela idea do prompto enriquecimento.

A lavoura e a agricultura do alto sertão não produziria quanto era necessario ao abastecimento dos garimpeiros, que, após dito da passagem, não trabalhava nem cultura de espelta alguma si a provincia de Minas não concorresse com os seus productos estabelecendo um largo commercio de generos allmenticiaes. De 1853 a 1859 houve escassez de chuvas, e o transporte tornou se difficil, e nossa resumida lavoura quasi extinguiu-se e as classes pobres passaram pelo martyrio da fome.

Seguiram-se annos relativamente bons porque o desaparecimento do diamante, o arrefecimento do primeiro entusiasmo deram lugar ao restabelecimento dos antigos habitos do nosso agricultor. E por isso que passaram os annos como os de 1870 e outras sem que soffressemos as terriveis consequencias da fome.

A emancipação dos escravos em 1888 preparou-nos uma nova situação, cujas terriveis consequencias vieram se manifestar em 1890. A escassez das chuvas em 1889 colheu nós a lavoura em extrema decadencia e os tristes resultados que se deram, deviam ser superados pela uva cravo, que se retirava do alto meridiano e o seu antigo senhor que, desanimado, abandonara a lavoura e as suas fazendas de cultura constituiram uma pesada carga de consumidores sobre os enteraquecidos membros de uma disolutissima classe produtora.

O nosso estado de decadencia coincidiu com esplendor e riqueza de sul e uma corrente de emigração dos bahianos validos, que desajavam mal desenvolvido campo de acción no seu noroeste e ardlam na ambição do facil enriquecimento, catiboletem se usufructuando e promettendo os mais terriveis resultados do que as anteriores.

Abandonados os campos de cultura, as fazendas, renunciados a patria, os lares, desprezando as mulheres, e os filhinhos, derrou-se quasi toda a nossa população para o sul.

N'essa situação fomos colhidos pelo anno de 1899.

O que foi aquella epocha, está na consciencia de todos: ella constitue um dos mais tristes quadros que já presenciámos e, nos annos dos nossos sertões permaneceu como mancha agra e inscizelavel.

Agora, que renova-se, como já tem se visto em annos anteriores, a febre da emigração; que familias e familias, em proclamação, seguem em procura do Eldorado; que os nossos sertões estão ameaçados do morte por exhaustão, vimos do novo dar rebato.

A nossa situação é mais que critica: mas notará o leitor que quremos demonstrar e provar como crimos ter demonstrado e provado que o nosso estado actual não é devido a secca. As riquezas naturaes ali estão, os campos de cultura, torronos de uma fertilidade incontestavel e regiões proprias para a industria pastoril ali permanecem abandonados, desertos, incultos como se a mão da fatalidade passasse em todo o seu rigor sobre nós.

Digna do serio estudo é, portanto a nossa situação. Ella pode ser remedida porque, como sempre tornamos evidente, a nossa decadencia não é devido á esterilidade dos nossos torronos e á

ausencia das chuvas mas ao desatendimento da população trabalhadora pelo exodo.

João Gundes.

INTERMEZZO



— Não posso me contar quando aquelle malfeito me appareo !
— O que fazes n'esse caso ?
— Cont' n'ho-me parando lançat' mo sobre elle.

Entre comilões:

— Qual é o prato de que não queiras ?
— Do prato vazio.

Era Napoleão pessimo dançador. Notando um dia que certa filha, a quem havia tirado para par, não se divertia, por ver que nem sequer conhecia elle as figuras, disse-lhe o que se convos solemnit!

— Minha senhora, o meu forte não é dançar, é fazer dançar os outros.

— O' vizinha, por que se resolveu voce tomar um medico tão novo? Ha um mes apenas que se doutorou !
— Por isto mesmo del-he toda a minha confiança; ainda não teve tempo de esquecer o que aprendeu.

— Amigo, acho singular que sempre me visites, e nunca me convidas a visitar to.

— Eu to digo. Quando estou em tua casa e tu me massas, vou-me embora. Se estivesses na minha não teria esse recurso.

A ALGUEM

Si eu não beijar teus labios,
Teja labia mutadora,
Será minha vida—um pelago
—Um pelago do dorso!

Si eu não poder um dia
Gosar os teus favores,
Será minha vida—um pelago
—Um pelago do dorso.

Anjo, rosa, formosura,
Id'lo dos meus amores...
Não queiras a minha vida
—Um pelago de flores.

X

A LAVOURA SEU ESTADO ACTUAL

Quando, em todos os países cultos, em outros Estados da União Brasileira, mesmo em outras zonas do Estado de Bahia, todos os olhos se voltam para industria agricola, considerando em todos os tempos o futuro da prosperidade e riqueza do im- portante Estado da Bahia, e o desenvolvimento do Estado de Catete, é o de que menos se cogita. De alguns annos a esta parte vem gradualmente e evidentemente diminuindo em abundancia a industria agricola, e em consequencia sempre foi o objecto dos melhores desejos dos povos por mais acazados que fossem; que, no seu desportar, foi considerada como o primeiro passo no caminho do progresso; que formou as cidades, o commercio; que des- pertou os principios da industria que enfi- na a civilizacao.

Porque encontramos-nos agora n'este estado? Pálta-nos o terreno proprio? Toda a industria? Pálta-nos o braço? Não exis- tirão capitães? Tudo isso possuímos, ali- zação nos contestará. O que nos falta é a industria. A agricultura em cultura do solo, e a industria em manufacturas, as classes menos favorecidas e menos propa- gadas intellectualmente para dar impulso á industria de lavar o campo. Levamos uma vida estéril de projectos, plan- teiros, artilhas discussões, e o tempo, essa herança valiosa e inexoravel locomotiva, que marcha incessantemente sem esperar pelas viagens que se desengatavam, avança in- differente a tanta pobreza de espirito, a tanta desidia e... comodismo. Quando possuímos escravos, já tivemos uma flo- rescencia lavoura extensiva. Então, homens cultos que possuam extensas fazendas, de- clararam-se ao estudo e perfeccionamento da industria agricola. As suas culturas eram como que campos de demonstração onde os menos cultos, que também dispu- tavam de mellos, iam buscar lições proveito- sas. A lavoura então tinha vida e vida era a fazenda para um agricultor retiro onde encontravam-se o estudo e a perfecciona- mento. A casa, pitoresca, alvejando no verde panno dos pomares, das roças, dos matos circumjacentes que eram enlaidados e con- servados as aguas, distribuidas com me- thodo, aqui humedeando a clareira, ali projectando nos arvoredos domésticos, ac- tuando no molhar, os extensos caniveis ha fundo do valle, e por toda a parte, o movimento, a alegria, a possivelman- teira que nos confortavam.

Hoje, porém, no mesmo local, as restan- tes arvoredos do pomar estão a vergar ao peso das parvaltas em meio das plantas alveas que se abafam e carecem como que em responsa; a casa, derrubada; mon- toes de escombros impedindo o transitio; o aqueducto ressequido occultando-se como que envergada sob as moftas de espi- nheiros; o arido latifundio, enpedregado, arido, triste e desolador. E sobre tudo isso ressoando um silencio arstibado. De anno a anno, a rouçura do tempo vem elimi- nando os vestigios da nossa antiga e grande lavoura, feita a custo do braço es- cravo, e, de futuro, não mais existirão es- ses n'estados da fertilidade e real prospe- ridade dos humos melhores. Isto nos con- fiance o coraço.

Quantas reminiscencias não despertam em nossa mente esses annos que se repe- tem, que levemente nos delineam um passado tão risonho para estabelecermos o contraste afflictivo que acima procuramos esboçar.

O espectáculo da floresta virgem, de terra tal qual sahira das mãos do Creator, da vegetação intoma, é a esperança, a pro- messa. Ah! vemos germens de um futuro

prospero que dependo da nossa actividade e esforço. O da ruína insculada a um mar de vida, actividade e desenvolvimento, tem um certo encanto, é a vida desonante que encobre para a harmonia. O d'essa ruína que se generalisa denotando a decadencia de um povo... oh! não podemos exprimir o que nos traz no coraço. É o enfi- no no vazio sem esperanca de um apolo, de uma voz protectora, de um abrigo consola- dor.

Procuramos estudar em seguida a causa de tudo isso, de quem depende a renova- ção do nosso estado de coisas e a possibil- dade de um futuro prospero.

João Gumes

A EQUITATIVA

O Sr Major Trajano Alves Benja- min, digno representante da sociedade A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil de seguros de vida, deu-nos gentilmente a ler o Relatório da Direc- toria e balanço e mais cousas relati- vas ao 15.º periodo social, apresenta- do em Assembléa geral ordinaria a 11 de Novembro de 1912.

Mesmo de um perfunctório exame d'esse documento valioso tira-se logo a illusão de ser A Equitativa uma das sociedades d'esse genero que mais tem prosperado, offerecendo melhores van- tagens aos seus segurados... O relato- rio dá conta do movimento da socie- dade ate 30 de Junho, ultimo dia do anno social e, com a avidencia das ci- fras, torna patente a larga prosperidade e engrandecimento d'ella.

A sociedade pagou as seguintes parcelas no anno em questão.

Liquidações em vida	484.898\$760
Sorbidos	422.129\$500
Quotas	504.129\$500
Resgates	309.664\$430
Somma	1.811.189\$196

Quer isto dizer—palavras textu- ras do relatório—que, no decurso de doze mezes, distribuiu a Equitativa por seus mutuários vivos..... 1.811.189\$196, ou mais de 150 con- tos por mez, mais de cem contos por dia.

Não podemos tudo transcrever; porém basta, para que o leitor avalie da prosperidade d'A Equitativa, que para estas linhas traga o fundo liquido de garantia de reserva d'ella, o qual monta a 16.701.948\$925 reis.

Recomendamos, portanto, aos nossos leitores essa sociedade como o ideal realzado no genero, a garanti- dora segura do futuro dos seus mutu- ários.

E ao Ilmo. Sr Major Trajano Ben- jamin, seu digno representante, apre- sentamos as nossas visitas.

AO PÉ DO MONTE

Cheguel. E ha muito, tuhas tu chegado Ao pé do monte... Oh! quanto sacrificio!

Quem passará, primeiro, o prelúdio Do seu enorme dorso esculptado?

Sentel-me um golpe. Eu vinha tão engado; Sair de uma só vez era um suppleto. Eu que, da dor o mais penoso helleto, Brazil no semblante assignallado!

Mas tu, regulado pela estrada em fóra, Cozando os charões de nova aurora, E do ludo esplendor de outro horizonte.

Delxá-te-me, com os olhos checos d'agua, Sentido a milha, d'ó e a milha marçom, Solitário a remer no pé do monte...

Catete Fabio Loreno

NA BIGORNA

K. SOTE—quer saber em que lugar fica collocado o Inferno. Ora, dar- ma-se com tal heplia. Já viram que bigorna mais grossa? Qual bigorna? K. Sote quer fazer da gente creanga. Não de mim, seu telepho. Se entende de mensurar da altura, não proscopopem, tor- nará uma tunda de enganado. Um clyxter de malagueta. Um bando de her- ana. Onde está o Inferno sendo na tua consciencia, meu suppleto? Cruz! Eu t'ar- renego, capôta!

Um COMMERCANTE—paresce andar an- gado com os negocios do commercio. Não é para menos. A crise se desluta no longe. A phidolabile aguda é o mal da época. Razão, razão a quem a tom. E por isso o miseravelta apresenta-se com ares de poucos amigos. E faz 3 por cento. Todos justos são. Parece que alguns desses de negocio fecham-se nos damizos e outras não? Por motivo simples. Uns querem as suas portas abertas e arran... abrem-nos. Outros preferem o fechamento, e parr... fecham- nos. Nem mais nem menos. Porque alguns necessitam aquelles dias vendem e ou- tros não? Simplesmente. Primeiramente, porque uns acham frequense outros nem... para comer verde. Depois, pelas razões do Anus e fena. 39. Se tem excepções na lei municipal? Não. Absolutamente. Lei é lei. Haja vista a lei dos impostos que o conselheiro não ligora como bom escri- ção que parece ser. Já Josephinando a indus- tria. Lei de excepções é lei oitosa. Partan- to, um conselho ao commerciante e aos seus dignos compunheiros de classe. Dirjam-se nos empregados municipais e lhes apontem os abusos que haja. E os em- pregados farão bem. Multarão. O chefe de executivo garantirá a effectividade das multas. E se os culpados sophismarem. Se quizerem menoscabar, a coisa lhes sahrá preta. Preta e vermelha. Sabe porque? Porque o meu martello Interá. Tuleá. Desesperará em vivas á lei! Em abalxo o abuso!

Experimentem e verão.

K. MARTELLO

Coronel Rodrigues Lima

Volta para a sua fazenda o nosso distin- cto e illustre amigo o Ilmo Sr Coronel José Antonio Rodrigues Lima, honrado e oje- roso Intendente d'este Municipio. Por ter de demorar ali, passou o exercecio ao Pres- idente do Conselho o Ilmo. Sr Coronel Hermelino Antonio da Silveira.

Agradecemos a despedida e desejamos- lhe feliz viagem.

A DROGARIA BRAZIL—DE BARROS & CONDE

É DEPOSITARIA GERAL DAS ESPECIALIDADES:—VERMIDINA—INFALLIVEL—XAROPÉ DE ANGIO COMPOSTO E POMADA CURATIVA, PREPARADAS PELO PHARMACEUTICO AURELIO DOS SANTOS CORREIA

—BAHIA—RUA DOS ALGIBEDES No. 6—

ANEXO D – Digitalização da publicação O Candeeiro – Anverso Texto 1

O Candeeiro

Ano 8 · nº1982
Novembro/2014

Caetité



Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Bahia

“Não saio da minha roça não”



Seu Joaquim mostra a sua roça

“Não saio da minha roça não”, fala com firmeza o senhor Joaquim Batista dos Santos, 41 anos, morador de Fazenda Cardoso, comunidade localizada a 30 km do município de Caetité. Essa certeza está presente na vida de seu Joaquim que vive há 16 anos nessa localidade, resistindo no semiárido e superando desafios.

Uma das 30 famílias que convivem na Fazenda Cardoso e na comunidade vizinha, Contendas, é a de seu Joaquim, que mora com seus 2 filhos e a esposa, dona Noelide Alves Marques. Quem vê a diversidade de verduras, frutas e flores que existem na propriedade da família, não imagina que “quando começamos não tinha nada, nem energia, água e era tudo seco”, relembra seu Joaquim.

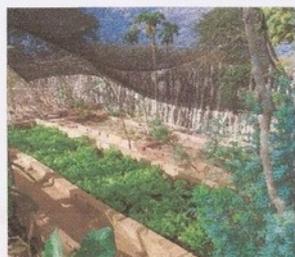
O cenário agora é bem diferente e mudou ainda mais com a implantação da cisterna-calçadão, construída há 1 ano na propriedade dele e que já está quase cheia. As opções de acesso à água não eram muitas. Seu Joaquim conta que existia um poço artesiano comunitário que foi construído pela prefeitura e que não tinha horta antes da cisterna. Eles pegavam água, que era suja e ruim, em uma lagoa que fica a 250m da sua casa. Agora, quando chove, a realidade é outra: “a água vem, decanta e entra na cisterna”, explica ele.

Ele e dona Noelide fazem questão de percorrer a propriedade e mostrar a produção de verduras, frutas, limão, alface, couve, abóbora, tomate, cenoura, beterraba, pepino, laranja. Já a palma é usada para alimentar os animais que eles criam.

A alimentação da família vem do quintal, pois eles colhem tudo de casa e o excedente vende para os vizinhos.

Casal próximo da cisterna-calçadão





Parte da produção de hortaliças do quintal

ANEXO E – Digitalização da publicação O Candeeiro – verso Texto 1

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas • Articulação Semiárido Brasileiro – Bahia



Dona Noélide e seu Joaquim mostram a produção do quintal da família



Seu Joaquim alimenta os animais



Seu Joaquim conta que nunca gostou de queimar a vegetação porque isso pode deixar o solo pobre e a participação no curso de SISMA (Sistema de Irrigação Simplificado e Manejo para Produção de Alimentos) do Programa Uma Terra e Duas Águas, na comunidade Contendas, em Caetité, confirmou como é possível cuidar da terra sem ações que agredem o meio ambiente. Nessa capacitação ele aprendeu também sobre os defensivos naturais, mas disse que ainda não precisou usar no seu quintal.

Outra atividade que vivenciou foi a dos intercâmbios, sendo que um deles aconteceu em Araçuaí, em Minas Gerais, onde conheceu outros agricultores e agricultoras e aprendeu com a experiência deles e delas sobre a melhor forma de cuidar da terra.

Nem sempre seu Joaquim pode se dedicar ao trabalho com a terra juntamente com a sua família. Para garantir a renda, ele trabalhou por 10 anos no corte de cana-de-açúcar em São Paulo e Mato Grosso. Ele revive na memória os momentos difíceis que passou: "ficava até 9 meses fora e vi colegas morrer. Era um trabalho sofrido, tinha o calor do sol e a distância da família. É muito brabo".

O trabalho no corte de cana foi interrompido porque seu Joaquim teve um sério problema de saúde e precisou se afastar dessa atividade. Dona Noélide conta que foi uma fase difícil, mas que ela se manteve firme e contou também a ajuda dos filhos. Mas, foi também nesse momento que o processo de construção da cisterna foi iniciado na sua propriedade e ele teve a oportunidade de ficar mais em casa e de se dedicar a algo que gostava. "A caixa foi uma benção de Deus para ocupar a minha mente; foi um divisor de águas na minha vida", afirma seu Joaquim.

O agricultor que se orgulha de onde vive e do esforço que faz para cuidar da sua família, do seu quintal e da sua saúde, diz para quem quiser ouvir: "eu gosto de ficar aqui e vamos melhorar cada vez mais".

Realização

Articulação
Semiárido
BrasileiroMinistério do
Desenvolvimento Social
e Combate à FomeGOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAIS RICO E PAIS SEM FOME

Apoio

ANEXO F - Digitalização da publicação O Candeeiro – Anverso Texto 2



O Candeeiro

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Ano 7 · nº1081
Agosto/2013
Caetité



Bahia

Tanque de pedra e quintais mais produtivos



Sertão adentro 60 km chegamos em Vereda dos Cais, distrito de Maniaçu, em Caetité. Uma comunidade que se parece com um lugar que já teve muita água, num terreno cheio de lajedos e chapadões, formando poços que acumulam água da chuva, mas que hoje estão secos, na pura estiagem. Por conta deste terreno, em 2009, a comunidade recebeu um Tanque de Pedra, tecnologia implantada pela ASA, para redução de danos durante a seca. O tanque chegou para 5 famílias da região, na intenção de reservar água da chuva, limpa e apropriada para a produção de alimentos e de animais de pequeno porte.

Valdomiro Joaquim Silva e Maria Rosa do Bomfim moram com dois filhos em Vereda dos Cais e o tanque foi instalado em suas terras. Casal de agricultores que viram no tanque a felicidade de ter água fácil para as plantas e os animais.



No quintal de Maria só tinha palma, umas poucas cabeças de ovelhas e duas árvores frutíferas. Depois do tanque ela ampliou a produção, investiu em fertilizantes naturais e agora plantam hortaliças, batata, bananeira, ervas medicinais, pimenta, milho, feijão, capim para ração, plantas ornamentais. Criam porcos, galinhas, peru, cocar, ovelhas e gado.





ANEXO G – Digitalização da publicação O Candeeiro – verso Texto 2

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas



“Se tivesse chegado mais cedo era melhor” diz Maria. Antes do Tanque, Valdomiro tinha que andar mais de 2 km para achar água para os animais, gastavam com a compra na feira, e nem sabiam o que estavam comendo. “Agora é só alegria” diz ele. Não gasta muito na feira da cidade, consegue fazer reserva para investir na produção, tem água perto e encanada, e a segurança da qualidade dos produtos. Até o café consumido pela família vem da produção do quintal, reduzindo muito a feira do supermercado.

Valdomiro usa o esterco das ovelhas para fertilizar as hortas, e os restos de folhas da horta para alimentar os porcos. Experiências trocadas durante os intercâmbios interestaduais e formações das comissões. Também fez uma adaptação com mangueira e garrafa plástica para puxar água no tanque para os canteiros.

Destaque para sua produção de ovelhas que conta com mais de 50 cabeças. O tanque de pedra possibilitou o aumento da criação, que antes era de apenas 5 cabeças, e um retorno melhor para a família. Para alimentar os animais ele tem a plantação de palma e também um roçado, bem perto de casa, onde também fica o coxo. As ovelhas lhe rendem leite, carne e lã. Antes Valdomiro criava gado, porém a estiagem não deixou mais, ficou muito caro manter o rebanho. “A quantidade de água que um boi consome, agente mantém umas 8 ovelhas, e com a água perto, facilitou muito” confirma Valdomiro.

Um verdadeiro quintal de práticas agroecológicas, as terras de Valdomiro e Maria são bem cuidadas, não tem queimadas, nada de veneno ou sementes fortificadas industrialmente. Aqui o respeito pela terra usa defensivos e insumos naturais, toda folhagem varrida no terreiro é dispersada pelos pés de café, como adubo, os restos de folhas servem para os pequenos animais, e a economia da água, fazem deste casal um referência local de amor à plantação.



Realização



Apoio



Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA



O Candeeiro

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Ano 7 · nº1080
Agosto/2013

Caetité



Programa Uma Terra e Duas Águas

Bahia

Riquezas de nossa Caatinga

A caatinga é um terreno que se mostra vivo e forte nos pequenos detalhes. Os que não tem olhos atentos e sensíveis para a natureza, podem até achar que este é um território sem vida, mas a verdade é que aí, na caatinga, existe muita riqueza.

Um bioma exclusivamente brasileiro e nordestino. Em Caetité, a caatinga é a vegetação predominante, que reforça o cenário do semiárido, e onde atuamos com a ASA. Distante 35 Km da sede está a comunidade rural e quilombola de Malhada, lugar muito seco e onde mora Regina e sua família. Regina é casada, tem dois filhos, um quintal espaçoso, pouca água e muita vontade de plantar. Mesmo sem cisterna de produção, ela já tem um pomar, um pequizal e um viveiro de mudas, sustentados com seu amor e o resto de água que sobra do consumo familiar.







Buscando água num poço comunitário, usando garrafas plásticas como reservatório de gotejamento, e reaproveitando do que usa quando lava a louça, Regina consegue manter vivo e verde seu quintal. Muita força e determinação em querer cultivar a terra.

“Se planta, molha e cuida, a terra dá!” afirma Regina, e seu sonho de ter todo terreiro produzido. Neste ano, 2013, ela foi contemplada com a cisterna calçadão, que incentiva a produção, e se enche de esperanças, à espera da implementação e das chuvas, para continuar seus trabalhos com o cultivo da terra.

Como parte de suas produções encontramos maçã, pitanga, acerola, carambola, caju, manga, jamelão, palma, pimenta, coco licuri, pequi, hortelã, poejo, arruda, alecrim e muitas outras variedades de plantas.

ANEXO I – Digitalização da publicação O Candeeiro – verso Texto 3

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas



O viveiro de Regina está no começo, principalmente com mudas de ervas aromáticas e medicinais. Delicadas e bem cuidadas pela agricultora, as plantas já crescem e fazem novas mudas. Como parte da atenção ao viveiro, Regina fez um cercado, protegeu as mudas do sol, do vento e das galinhas, com tela em todos os lados, além de regar todos os dias.

Um dos destaques de sua produção, fica por conta do pequizal, uma planta típica de nossa região geraizeira, que gera o Pêqui. O fruto que pode ser cozido no arroz, extrair óleo, ou até doces, demora alguns anos até sua produção plena. O pequizal de Regina está com 3 anos e começa a dar os primeiros frutos agora. Prova que o tempo é fundamental para os bons resultados. O tempo e a paciência.



E com paciência e muita criatividade Regina inventa tecnologias adaptadas à sua realidade, para molhar a plantação, ter mais produção no quintal e autonomia na alimentação da casa. O seu cotidiano vai lhe mostrando o melhor período de plantar e colher, e juntando sua intuição com sua experiência, vai ajestando a terra. Motivação para toda a família.



Como mais uma prova de mulher prezada, Regina ainda produz artesanato, fazendo lindas peças de crochê e chapéu de palha, que ela mesma planta, colhe e trança.

Regina tem muitos sonhos com relação a sua cisterna e todas as mudas que fará após sua instalação. Diz que aguarda ansiosa pelo dia que terá mais água e condições de cultivar todo o quintal.



Realização



Apoio



Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome



ANEXO J – Mapa da região DO Alto Sertão

